CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

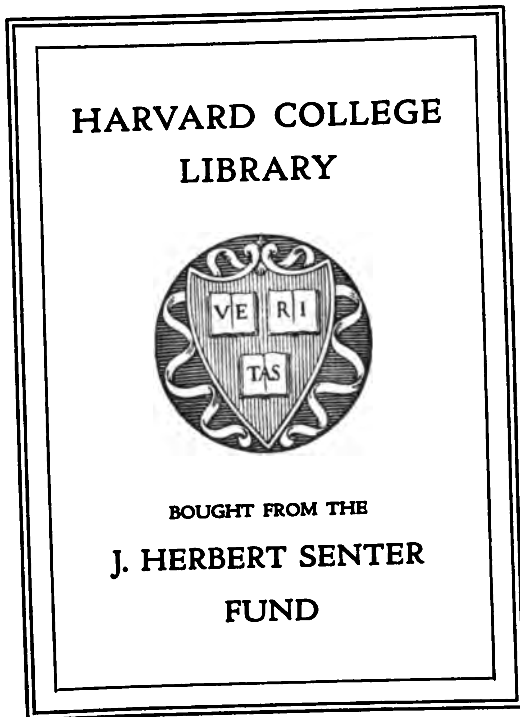
Cada vol. br. 200 rs. Enc. 300 rs.—Pelo correio 220 e 320

Volumes publicados

I. Coisas Espantosas.—II. As Tres Irmans.—III. A Engeitada.—IV. Doze Casamentos Felizes.—V. O Esqueleto.—VI. O Bem e o Mal.—VII. O Senhor do Paço de Ninães.—VIII. Anathema.—IX. A Mulher Fatal.—X. Cavar em ruinas.—XI e XII. Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e Camillo Castello Branco.—XIII. Divindade de Jesus.—XIV. A doida do Candal.—XV. Duas horas de leitura.—XVI. Fanny ... XVII. XVII ... llo- ras ... III. O Ol ... XV. Os h ... uxa de ... a.— XXV ... As virt ... ico!

N ... A

N. ... arin)
1 vol.
N.
N.
N.
N. ... pag.
N. ... l.
N. ... inas.
N.
N.
N.
N. ... pag.
N. ... pag.
N.
N. ... pag.
N. ... pelo
Conde
N.
N. ... pag.
N.
N. ... 1 volume de 170 pag.



N.° 20—O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.° 21—Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet.
N.° 22—O crime do juiz, de Paulo [redacted]
N.° 23—A Inundação, de Emilio [redacted]
N.° 24—Os Rantzau, de Erckma[redacted]

LISBOA[redacted]
Parceria ANTONIO MARIA PERE[redacted]
50, 52 — Rua Augu[redacted]

COLLECÇAO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

* N.º 12 — **O Nababo**, por A. Daudet.
* N.º 13 — **Um coração de mulher**, por Paul Bourget.
* N.º 14 — **Beatriz**, por Rider Haggard.
* N.º 15 — **O crime**, por Gabriel d'Annunzio.
* N.º 16 — **Lise Fleuron**, por Ohnet.
N.º 17 — **Os dois rivaes**, por Armand Lapointe.
N.º 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.º 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.º 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!...** romance, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!...** rom., por Iveling Rambaud.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins.
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.º 50 — **A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.º 51 — **O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.º 52 — **O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.º 53 — **Amor de Miss**, por J. Blain.
N.º 54 — **A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.º 55 — **Colomba**, por Próspero Merimée.
N.º 56 — **Katia**, pelo Conde Leon Tolstoï.
N.º 57 — **Alma simples**, por Dostoiewsky.
N.º 58 — **Duplo amor**, por J. H. Rosny.
N.º 59 — **Contos fantasticos**, por Hoffmann.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXX

A FILHA DO DOUTOR NEGRO

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.
XX, XXI — Horas de paz.
XXII — Agulha em palheiro.
XXIII — O olho de vidro.
XXIV — Annos de prosa.
XXV — Os brilhantes do brasileiro.
XXVI — A bruxa de Monte-Cordova.
XXVII — Carlota Angela.
XXVIII — Quatro horas innocentes.
XXIX — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
XXX — A filha do Doutor Negro

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A FILHA

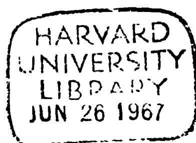
DO

DOUTOR NEGRO

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904





LISBOA
Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a vapor
DA
Parceria Antonio Maria Pereira
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

PREFACIO

Eu era estudante na academia do Porto em 1845.

Em uma das férias pequenas do anno, indo eu despedir-me de um cavalheiro, meu patricio, de volta para o Porto, disse-me elle:

— Vou encarregal-o de uma commissão. Tome o senhor estas quatro peças. Vá ao tôpo da calçada do Mirante. Se lá encontrar ainda uma mendiga, pergunte-lhe se conheceu um homem chamado Antonio da Silveira. Respondendo ella que me conheceu, e provando-o com alguns signaes, que o senhor facilmente colherá, entregue-lhe este dinheiro. E se o senhor, uma ou outra vez, sentir o desejo de abster-se de algum passageiro passatempo, e empregar, em favor de pessoa desvalida, o dinheiro, que tal recreio lhe havia de custar, vá depôr, no regaço da pobre da calçada do Mirante, a sua esmola. Verá que sensação doce e consolativa Deus lhe dá em retorno da sua beneficencia; verá, meu amigo... Quando o senhor voltar a férias-grandes, eu lhe contarei pelo miudo quem foi a mulher. Careço de recopilar as minhas reminiscencias. E' este um lavor melancolico de que fogem os velhos, cuja mocidade foi desaproveitada ou desastrosa. O tempo mal baratado chora-se na visinhança da sepultura; e as affeições perigosas, que lá se nos engolpharam na voragem das alegrias, parece que renascem com a formosura sinistra, que tiveram nos ultimos annos, quando mais desvanecidas deviam de estar na memoria. Assim mesmo, ha saudade ainda no recordar tristezas, que eram o escuro do quadro de mil côres da

infancia. *Forsan et hæc olim meminisse jubavit.* [1] Vá, pois, concluiu Antonio da Silveira, disfarçando as lagrimas, e volte a contar me que romances lhe suggeriu a visão d'essa mulher andrajosa, para a qual a propria caridade olharia sem interesse, em quanto eu lh'a estou apresentando entre umas nevoas mysteriosas, que parecem esconder alguma princesa incognita, assim á semelhança das illustres penitentes da edade-média. Escreva-me do Porto a dizer-me se a pobre do Mirante ainda vive.

— E, se eu a não encontrar, — atalhei — quem me ha de dizer que ella morreu?

— E' sensata a pergunta... Deixe-me ficar pensando na resposta alguns dias, que não sei responder-lhe agora. Entretanto, escreva-me.

No mesmo dia em que cheguei ao Porto, fui ao local indicado por Antonio da Silveira.

Vi uma mendiga sentada na rua, e encostada ao muro do jardim do sr. Braga. A' beira d'ella, enroscado sobre parte do capote da pedinte, dormia um cão de agua, cuja brancura e limpeza contrastava com os remendos sobre que se deitára.

A pobre representava cincoenta e tantos annos. Como o vento de janeiro era cortante, e a noite vinha já desdobrando, não pude ver-lhe bem o rosto que ella resguardava com a gola do capote. Ao ver-me parado a distancia de dous passos, estendeu-me ella a mão aberta, sem proferir as palavras costumadas da supplica. Aproximando-me, disse-lhe:

— Vocemecê conheceu Antonio da Silveira?

A mendiga levantou o rosto de golpe, encarou-me, e disse:

— Já está com Deus?

— Vive, e está bom — respondi.

— Bemdito seja o Senhor! — tornou ella — Ha quatro annos que não tive novas d'elle...

— Creio que é vocemecê a pessoa a quem elle manda entregar este dinheiro...

— Devo ser eu, que já recebi outras esmolas da sua caridosa mão.

---

1 Póde ser que, um dia, estas memorias vos sejam aprazíveis — *Virg. En.*

— São quatro peças que lhe entrego por ordem do sr. Antonio da Silveira.

A pobre beijou o embrulho e conservou-o entre as mãos erguidas, emquanto orou. Depois levantou-se, tomou nos braços o cãosinho, que tiritava, e disse-me :

— Faça-me a esmola de dizer ao sr. Silveira que a desgraçada Albertina fica pedindo a Deus saude e contentamento para o seu bemfeitor.

Perguntei-lhe onde morava.

— Tenho a minha enxerga n'um baixo ahi da rua da Sovela ; — respondeu Albertina — mas, se Nosso Senhor me ajudar, ámanhã, com este beneficio do sr. Silveira, irei metter-me na Ordem de S. Francisco, e de lá irei dar contas a Deus.

Avisei do succedido o meu amigo, e elle reiterou a promessa de me entreter uma tarde com a historia da mendiga do Mirante.

Fiquei eu imaginando o que viria a ser a historia d'esta mulher. Já n'aquelle tempo me andava o cerebro, o coração, ou o espirito — não sei bem o que era — a fermentar a massa de volumes, que sahiram depois mal levedados, alguns azedos, outros insipidos, e Deus sabe se outros hão de sahir peiores na substancia e no feitio. O certo é que eu, em 1845, ha quasi vinte annos, bem que nem sequer entresonhasse o céu e o inferno de esoriptor, já me empenhava em tecer enredos de romances, em quanto os meus lentes de chymica e botanica se desvelavam em me fazer comprehender que ha aci dos e oxidos, e que ha vegetaes monocotyledonios e vegetaes androgynos : cousas de que eu sinceramente não duvido nem sei nada.

O entrecho de novella, que eu phantasiava por conta da maltrapida Albertina, era injurioso á pobre mulher. Queria a minha derrancada imaginação que ella tivesse descido as escaleiras de uma vida precipitosa até se atolar no esterquilinio d'onde sahira para se assentar nas lageas das ruas, estendendo a mão á caridade dos transeuntes. Ora, como já então estavam escriptos aquelles muito sabidos versos de Victor Hugo, que dizem :

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !
Qui sait sous quel fardeau la pauvre ame succombe !

eu cobria de flôres as escadas resvaladiças do vicio, e ia a melhor grinalda coroar a martyr no seu atoleiro, e lembrar-lhe, como estimulo de esperanças em melhor mundo, o *quiat dilexite multum*[1] de Jesus Christo, com referencia á peccadora, repulsada da visinhança das pessoas honradas, segundo o padrão da honra convencional d'este mundo. Vinha, portanto, a ser o hypothetico romance de Albertina a milesima historia de uma milesima desgraçada, com um remate de vida destoante do acostumado: em vez de morrer na enfermaria da Misericordia, e do catre passar á mesa das dissecções anatomicas, acabava os seus penosos dias sob o tecto hospitaleiro da Ordem de S. Francisco, mediante quatro peças esmoladas por um homem, o unico talvez que se lembrava de a ter visto bella, e deslumbrante na vertigem do crime impudente e faustuoso.

Que hedionda historia eu engendrára! Para isto não valia a pena cerrar eu os ouvidos ás prelecções dos srs. Santa Clara e Costa Paiva, quando um me dizia que ha acidos e oxidos, e o outro me podia encantar com a maviosa poesia dos amores dos vegetaes monocotyledonios e androgynos! Por amor d'estas ertragadas phantasias, deixei eu de ser uma pessoa de serventia chymica n'este mundo; e fiquei escassamente sabendo, em botanica, que as arvores são vegetaes.

Aguilhoado pela impaciente curiosidade, que me não deixava esperar quietamente a época das férias-grandes, fui á enfermaria da Ordem de S. Francisco procurar Albertina, com o disfarce de lhe offerecer o meu prestimo.

— Não preciso de nada, bemdito seja o Senhor! — me disse ella — Foi o sr. Silveira que mandou saber de mim? Santo homem! coração de Deus na mocidade e na velhice!...

Esta linguagem predispoz-me a julgar do espirito da mulher com vantagem. Condensavam se as nuvens do mysterio em volta de Albertina; mais insoffrida portanto a curiosidade, o prurido de romper a nuvem, e desnudar o segredo d'aquella existencia. Aventurei esta sonda em fórma de observação christã.

— A sr.ª Albertina soffre com admiravel paciencia os dissabores da sua vida!

---

1 Porque muito amou. As palavras de Jesus foram: «Muitos peccados lhe serão perdoados porque muito amou» *Evang. de S. Lucas.*

— Que remedio, senão soffrel-os! — disse ella.

— Mas ha poucos infelizes que saibam assim consolar-se.

— É porque são poucos os infelizes que sabem o caminho do Calvario, o porto da Cruz — redarguiu a mendiga do Mirante.

— Ha muitos annos que é desgraçada? — perguntei com a audacia de um espirito esfalfado, que anda a cavar idéas para romances no reconcavo da consciencia de toda a gente.

— Eu não sou desg açada — respondeu ella serenamente· — Sou o que o meu Creador quer que eu seja. Se não tenho sobre que Deus chova, tambem não tenho cousa sobre que se cravem os olhos da inveja.

— Mas... — retorqui, balbuciando — parece-me que a sr.ª Albertina, antes de chegar a esta posição...

— Se me dá licença — atalhou a irmã da Ordem de S. Francisco — vou á minha enfermaria, que são horas de medico·

Despedi-me, descontente do tom admoestador com que a pobre castigou a minha renitente investigação, e fiz parte d'isso ao meu amigo Silveira, o qual me respondeu n'estes termos: «A vida d'essa mulher não é o que o senhor cuida. Ha umas historias que se ouvem, sem se pedirem: são as dos crimes, que se desafogam das presas do remorso; e tambem as ha negrissimas, contadas pela fatuidade cynica. D'essas busque-as o senhor que as ha de achar de molde para escrever um *Flos-diabolorum* de ambos os sexos. No tocante, porém, á historia de Albertina, dir-lhe-hei que os revezes são de uma especie, que não anda usada em romances, por ser iguaria insôssa a paladares enfartados de condimentos ardentes da especiaria franceza, os quaes cifram em sangue, lagrimas, e lama. O peior da humanidade, o sedimento, as fezes do coração, servidas em taças de ouro — o ouro da linguagem florente á Jorge Sand, e satanicamente vigorosa á Frederico Souliè, que é isso senão lama? Offerecessem a biographia d'essa mulher, que o senhor visitou na enfermaria de S. Francisco, a algum d'aquelles capitalistas da imaginação corrupta, aposto eu que elles a não acceitariam para romance sem a clausula de alterarem a historia de modo que lhe jarretassem as virtudes principaes como inverosimeis, e as accidentaes como empecilhos á travação do enredo. Essa mulher de certo lhe não contará sua vida, porque faz de conta quo lá está Deus que a sabe, e espera ser chamada a receber a féria

dos que trabalharam por ordem e estipendio d'Aquelle que *pertransiit benefaciendo* [1]. Já o senhor vê que tem de ouvir uma historia de mediano interesse para os seus annos verdes. Ha de achal-a destituida de peripecias para um conto de livro, que se vende consoante o travo de malicia, ou o destemperado do horror; porém, se o senhor a retiver em sua memoria, passados vinte annos, bem póde ser que o seu espirito se compraza em escrevel-a, e o seu publico se deleite em alternar com ella o fastio de alguma leitura dos seus romances escriptos dez annos antes, sob a inspiração das paixões más.»

Quando voltei á provincia, apresentei-me a Antonio da Silveira, que pontualmente desempenhou a sua palavra. A historia de Albertina no trajecto de vinte annos, muitas vezes me acudiu á lembrança, nas horas em que eu combinava na palheta as côres com que bosquejei os quadros tristes e alegres da humanidade, que m'os acceitou benignamente, não porque fossem bons, mas porque eram fieis: das deformidades da natureza seria injustiça irrogar-me censura a mim. Desaproveitei o romance de Albertina, em todas as vezes que me lembrou, porque me alistára na laureada e ganançiosa milicia dos romancistas do *terror grosso,* como d'elles dizia Julio Janin, o celebre folhetinista, que escreveu *O burro morto*, romance que começa a aterrar a gente desde o titulo, e, lá pelo meio adiante, mette a humanidade n'um banho de sangue, de muita gente e do burro citado.

A final, e muito a tempo, desertei ás bandeiras dos mestres francezes, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da minha terra, os sentimentos bons e maus como por cá os tenho visto, as paixões como ellas são cá, e como creio que ellas são em toda a parte, tirante as composturas, artificios, e maravalhas de linguagem, com que, para maior gloria do genio pestilencial, corruptor das almas, os pintores da sociedade adulteram a verdade das cousas e pessoas.

Cahe a proposito n'este ponto declarar eu á critica bem intencionada de alguns avaliadores dos meus ultimos livros editados em folhetins do *Commercio do Porto*, que nem levemente me constrangem as condições, que me pauto e impo-

[1] Passou bemfazendo: palavras de S. Pedro, que resumem a vida de Jesus.

nho, no desenvolvimento da idéa moralisadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitario de cada um dos romances. Taes são os publicados com os titulos: *Tres irmans*, *Estrellas funestas*, *Estrellas propicias*, *O bem e o mal*. E, afóra estes, que a critica irreflectida cuidou me haviam sido assim prescriptos e agorentados pela seriedade d'aquelle jornal, escrevi com egual intento e desassombrada espontaneidade o *Amor de perdição*, o *Romance de um homem rico*, e outro, que está no prélo, chamado *Amor de salvação*. De nenhuns outros me ficou tão cheio o animo de contentamento, contentamento sem vaidade, satisfação de ter povoado a minha phantasia de imagens, que seriam ainda sublimes e bellas, quando não fossem imitaveis e verdadeiras.

A esta serie de romances pertence a *filha do Doutor Negro,* bem que o titulo prometta scenas escuras, e se dê um geito de engôdo á curiosidade. Não vem para isso. Faço pouco finca-pé em titulos, e não dou nada pela cousa que traz logo um rotulo de negocio, no modo como se intitula. Chamei ao livro assim, porque a heroina do romance, como já se vae dizer, tinha muita honra em ser assim conhecida.

A razão por que eu esperei vinte annos esta hora, hora de infinita dôr, em que principio a escrever tal romance, é que eu, n'esse longo termo de meia existencia, cuidei que, sem intercalar de episodios imaginarios a historia de Albertina, mal ou de nenhuma maneira lograria dar-lhe vida, interesse, variedade, e numero, como diria um correcto juiz com o Quintiliano em mente. Agora, revirou-se o meu entendimento em cousas d'esta ordem, como em quasi todas as cousas ordenadas ou desordenadas pela gente. Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado á imaginativa o que a natureza me não dá. Se, alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo a mãos cheias flores sobre as ulceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e commigo. Bastam as miserias vistas: poupemo-nos á estampa, que não corrige nem condemna. Para juiz lá está Deus. Para algoz, basta que cada um o seja de si proprio.

Porto — 1862.

A FILHA DO DOUTOR NEGRO

I

Em 1810, Antonio da Silveira, cadête de cavallaria de Bragança, chegou ao Porto com o seu regimento. Confluia para aqui a força armada do norte, agitada pelo refervente patriotismo da junta governativa, espertada serodiamente da sua pavida, senão estupida, inercia. Um romancista de espirito eminente e grandes dotes de investigação, o sr. Arnaldo Gama, em dois excellentes romances, tem esmiuçado os mais importantes quadros da invasão dos francezes em Portugal [1]. Isto me forra á canceira de imitar os meus collegas peninsulares que, antes de dizerem quem é o homem que chega, descrevem a noite, se elle chega de noite, o terreno que pisa, as ruas que percorre, as sensações que causa aos encontradiços, o que elle pensa do céo e da terra, e o mais que nunca homem se lembrou de pensar, até ao fim de uns tantos capitulos, que se tornam admiraveis pela paciencia de quem os escreve.

Antonio da Silveira era então mancebo de vinte

---

[1] *O sargento-mór de Villar*, e *O segredo do abbade* (episodios da invasão franceza.)

annos. Sympathisava com Napoleão, que elle de si para si denominava o «apostolo involuntario da emancipação dos povos», em quanto o seu coronel, arengador de oitiva, atassalhava sempre Bonaparte, nas suas allocuções, com os flagelladores epithetos de «barbaro! tigre da Corsega! demonio da meia noite! e besta do Apocalypse!»

Silveira era ainda parente do general d'aquelle appellido, personagem admiravelmente boçal e intrepido, capaz de imitar os Codros e os Curcios, se os conhecesse; portuguez á antiga, e estou quasi em dizer — o ultimo dos portuguezes que se crearam nas agras de Traz os-Montes. Fôra o general, inflammado em amor da patria, que tirára pelas orelhas o sobrinho da mollidão ociosa das suas meditações, e o levára a jurar bandeiras. Antonio lia indolentemente o seu Horacio *procul a negotiis* [1], ou o seu Virgilio, *sub tegmine* [2], como o pegureiro Tytiro, em quanto o sólo patrio estremecia batido pelo tropel das hordas conquistadoras. Educado pelos prosadores e poetas do Lacio, o moço, solitario pensador das fragosas montanhas penduradas sobre o rio Córrego, amava a liberdade á romana, a liberdade dos Graccos e dos Catões, por amor da qual uns cidadãos se arrancavam as entranhas como Bruto, e outros offereciam o pescoço á espada dos pretorianos como Cicero, e as proprias mulheres se cortavam o seio com o punhal como Cecina Pætus. D'aqui procedia o seu affecto a Napoleão, como filho bastardo da revolução franceza, e o seu amor

---

[1] Longe de negocios.
[2] A' sombra.

á soledade dos seus pardieiros solarengos, afagados de serranias.

Não obstante, o façanhoso Silveira que podia muito com os paes de Antonio, filho docil e incapaz de sacrificar a obediencia ás suas imaginações romanisadas pelos poetas e prosadores latinos — levou-o d'ahi para Bragança, e lá ao agaloar-lhe o braço com o listão de cadête, lhe vaticinou que seria general como dez dos seus avós, visto que não tinha propensão para bispo, como outros dez avós d'elle.

Assim, pois, desceu o regimento ao Porto em 1810. Antonio da Silveira foi aboletado para a rua de S. Miguel, em quanto se não reorganisava quartel para cavallaria. O patrão do cadête era o doutor Negro.

Appellidava-se assim o bacharel Francisco Simões de Alpedrinha, porque era mulato, nascido no Brazil, lá muito do interior do imperio, filho de um preto, magistrado do Rio de Janeiro, famoso por muitas letras e rectidão.

Francisco de Alpedrinha formára-se em 1785, na Universidade de Coimbra. Completado o curso, preferira os ares de Portugal ás vantagens promettidas no seu Brazil. Escolhera o Porto para residir e aqui viera assentar banca de jurisconsulto. A côr não foi implicancia á concorrencia de clientes. Estreára-se magnificamente defendendo um réo famoso, e protegido. Sobreexcedeu a nomeada de todos os seus collegas forenses; e d'ahi a pouco todas as causas difficeis e lucrativas eram confiadas da pericia e astucia do doutor Negro.

Houve ahi na rua Chã uma formosa menina que amou Francisco Simões de Alpedrinha; não era no-

bre nem rica; mas assim mesmo negaram-lh'a os paes, á conta da côr do pretendente. Uma noite, a fascinada creatura deixou-se cahir de um postigo aos braços do seu negro, que o era duas vezes pela escravidão da alma e pelo lustroso azeviche da epiderme em que ella imprimiu o seu primeiro beijo. D'ahi a mezes, com precedencia de deposito judicial e longo pleito, estavam casados, amando-se como Desdemona e Othello — a linda rival da neve, e o preto de olhos coruscantes —; mais felizes, porém, que os desastrosos amantes do tragico inglez, amavam-se sem sombra de ciume.

D'este consorcio nasceu em 1790 um filha.

Era Albertina.

Quando o cadête de cavallaria se aboletou em casa do doutor Negro tinha Albertina vinte annos. Denunciava ella visivelmente a procedencia da raça paterna no esmaiado amarellecido do rosto, e no alvor esfumado dos olhos; em quanto, porém, ao feitio das feições, era o traslado de sua mãe, melhorado na negridão e espessura dos cabellos.

Filha unica, encanto do doutor, e orgulho da mãe, recebera uma educação esmerada, e, n'aquelles tempos, rarissima ainda entre meninas da primeira classe. Seu pae, mais instruido em bellas letras do que o commum dos jurisperitos, fôra o educador de Albertina em leitura, escripta, lingua franceza, historia e geographia.

Antonio da Silveira, convidado a conviver com os seus patrões, agradou ao doutor, que secretamente adorava Bonaparte, como pegão de vento arrazador do velho edificio social, e evangelisador armado das doutrinas da egualdade. O doutor, no mais escondido de sua consciencia, queria sobretudo a

egualdade das côres, e esperava que a civilisação lograsse egualar os acidentes, logo que effectivamente se decretasse a egualdade da substancia. Pellidava elle pela fraternidade dos descendentes de Sem, Cham, e Japhet, visto que os tres procederam do mesmo tronco. Tinha rasão, posto que, cincoenta e quatro annos depois, a civilisação ainda lh'a não tenha dado. Os pretos continuam a ser filhos de Cham, e nós de Japhet. Noé é nosso avô commum, é isso verdade; porém, sobre o gerador das raças negras, pesa ainda a maldição de Deus. Todos sabem que o segundo filho do patriarcha, sobrevivente ao diluvio, escarneceu seu pae, tomado do vinho que inventára. Pobres negros, a civilisação apenas poderá com muito custo e o rodar de mais quatro seculos allivial-os do nosso azorrague!

O rancor ao privilegio era desculpavel e sensato no animo do doutor Negro. As doutrinas, timidamente balbuciadas pelo cadête, chegaram-lhe ao amago, e abriram a represa dos panegyricos ao vencedor de Austerlitz, ao rei de Italia, ao imperador dos francezes, ao melhor Alexandre, cuja espada era a um tempo escalpello extirpador do cancro social, e facho lampejante de civilisação, progresso, resgate, e reformação da humanidade.

Em quanto o doutor apostrophava, Antonio da Silveira estremecia electrisado pela torrente galvanica expedida dos olhos de Albertina. E' certo que ella olhava meigamente o cadête; mas sem intenção, sem amor, sem aquelle geito congenito de quasi todas as senhoras, chamado á moda *coquettismo*. O que ella tinha no olhar vinha a ser um natural requebro, peculiar a todos os olhos, cujo docel de palpebras desmaia langorosamente, e cuja pupilla

se contrahe como ferida por luz demasiada. Estes olhos assim quebrados são mais perigosos que os ardentes e irrequietos, porque involuntariamente fazem o mal; são como as lavas que por força de sua natureza abrazam quem as toca.

A filha do doutor não amava o hospede, nem mesmo lhe admirava o porte esbelto e marcial: gostava de ouvil-o, que o dizer d'elle tinha a graciosa originalidade do moço instruido, que entra, sem instrucções prévias, na sociedade, a fallar a linguagem florente das suas silenciosas contemplações, quaes a inspiração lh'as dava, lá nos topes das serras, na ourela dos regatos, e no frondoso das balsas.

Elle, sim, Antonio da Silveira é que amava Albertina.

Fôra a primeira mulher que vira para amar-se áquem das suas montanhas.

A sêde do amor já o lá queimava em cima. As Lais e Phrynes, as Corinnas e Lesbias dos seus poemas e romances das edades heroicamente destragadas não correspondiam ao typo que elle entresonhara, bosquejado no melhor livro para amor, na melhor arte de amar; o livro da natureza, que se nos abre aos dezeseis annos. Até aos vinte, esperava a mulher, cuja sombra, como dryade intangivel, se lhe encostava namorada e doida de ternura a cada tronco de arvore das suas florestas. O visionario, com o espirito aquecido pelas leituras nada ideaes dos chamados tempos divinos de Homero, já se não contentava com os mythos das velhas Cosmogonias: queria o *quantum sufficit* [1] da realidade.

---

[1] O bastante.

o envoltorio gentil da ave de paraizo, que o acordava dos sonhos com o sonoro fremir de suas azas ao voar-lhe do coração para o céo.

A mulher era Albertina. Outras mais bellas poderia elle ter visto na cidade das formosas, no Porto, que as tem de remota posse, como aquella cidade da Grecia, o ninho das graças, não ás tres, mas ás mil, da qual cidade os contemporaneos diziam:

Non licet omnibus adire Corinthum [1]

Vinha isto a dizer que o amor em Corintho era privilegio dos afortunados, dos magnates, dos dignos das maravilhosas mulheres que se deixavam adorar por obsequio.

Não assim, na moderna cidade das formosas: estas sabem que o são, e dão mais tento do quilate dos seus meritos, quanto mais bellas se vêem no espelho das almas, que não é o vidro, que cada anno delata uma ruga, senão que um como bronze em que a imagem vae esculpida d'esta existencia de sonhos á soberana realidadade da existencia. Lá é que é a celestial Corintho, a fonte sagrada das aguas de eterna juventude.

Pois sendo tantas as bellesas impressivas do Porto (se bem que, em 1810, muitas das principaes andavam foragidas á fama libertina, que precedia *l'enfant chéri de la victoire* o invasor Massena), Antonio da Silveira unicamente sentiu coração para a filha do doutor Negro.

Francisco Simões acalorava a inclinação do moço, encarecendo as qualidades da filha.

---

[1] Não vae a Corintho quem quer.

A primeira virtude de Albertina — dizia élle com a suprema boa fé senão malicia de pae — é que está a fazer vinte annos minha filha e não amou ainda. Que thesouros de amor não encerra aquelle coração! Que ventura será a do homem que tiver o segredo de abrir o seio que até agora sómente se descerrou ás enchentes do amor filial!

Antonio cuidava estar ouvindo a sincera apologia que os paes fazem das filhas aos forasteiros, segundo a invariavel fórma das descripções da hospitalidade homerica.

O doutor sondou facilmente o animo do hospede. Congratulou-se. Deu os parabens á filha e cuidou que o silencio d'ella exprimia o contentamento abafador, que não deixa ao coração mais liberdade que a de um até dois suspiros.

Não teve mão de si o jubiloso bacharel Alpedrinha; assim que o ensejo lhe sahiu a talho, disse ao cadête que se não reprimisse, quando tivesse que dizer com referencia a Albertina.

Antonio alegremente surprehendido, achou-se eloquente, e discorreu com a leal e expansiva cordialidade d'um rapaz que, apesar de cadête de cavallaria de Bragança, se considera em casa de Labão, n'aquelles santos primordios da humanidade.

Eu casarei com sua filha — disse elle em remate de um exordio adoravel de simplicidade — se me ella quizer. Pedirei licença a meus paes, e elles que me amam, e desejam a minha felicidade, consentirão; se não consentirem...

— Isso é facil supprir-se... — atalhou o jurisperito — Eu casei judicialmente...

— Mas a desobediencia... — interrompeu Antonio.

— A desobediencia — volveu o doutor — imposta pelo coração, é uma culpa que em si contém sentença absolutoria divina e humanamente fallando. Um pae não sabe nem póde calcular sobre operações da alma inflexiveis á pauta do raciocinio. Como hei de eu contradizer o que minha filha assentar que é a felicidade do seu coração? Quando é que um pae affoutamente póde prometter que seus filhos serão ditosos pelos casamentos que elle lhes elege, em frieza de animo, e a combinar planos e traçados como se mandar architectar uma casa com tantas janellas, e tantas salas, e tantas alcovas! O nosso direito á submissão dos filhos caduca desde o momento em que elles nos respondem com o coração, quando nós lhe interrogamos o juizo. Se os violentamos, fazemos da authoridade um flagello; se elles nos obedecem, a submissão não é já virtude, senão suicidio.

D'este arrasoado induz-se que o bacharel tinha ainda frescas as lembranças dos *provarás* com que articulára contra os paes da sua noiva depositada. Estas doutrinas, n'um romance, — graças ao descredito da cousa — não fazem mal nem bem; mas, na prosa, e estrada rameraneira da vida chã, que a gente arranjou, é preciso cautella contra semelhantes doutrinas. O coração, com que todos os imberbes, rebeldes ás cans paternas, enchem a bocca, não é cousa nenhuma por que se faça obra. O coração é uma capa de brocado, que se deita ás costas da tolice para lhe esconder os aleijões. Quando o amor se torna em rachitismo d'alma, podemos contar com carcunda para toda a vida. Fazer d'uma velleidade uma transfiguração de indole, quero dizer, cuidar que o amor avassalla a razão, e que este

predominio aos olhos propriamente de um pae é cousa respeitavel, eis um desvario que nivella a allucinação do filho com a necedade do progenitor. A experiencia não cessa de pregoar que os casamentos voluntarios, contra o alvitre dos paes, levam em si peçonha de culpa, maldição sanccionada em cima, onde está o Grande Espirito que dictou a quarta lei do decalogo.

Eu não sei se este dizer é erva sardonica nos beiços de algum dos meus leitores, cuja inepcia possa ser superior á minha boa fé. Seja o que fôr; onde estiver feliz um homem que arrancasse a esposa dos braços de sua mãe, ou a mulher que apresasse um marido com os arpéus da lei, espoliadora dos direitos paternaes, esses que me desmintam, rasgando esta pagina, e mandando-m'a rubricada com os seus nomes. Quando isso acontecer hei de eu cuidar que sou um tolo maior da marca.

Tomemos o fio da historia.

II

Antonio do Silveira, na vespera da sahida do regimento para as fronteiras, ameaçadas de francezes, achou-se a sós com Albertina. Até áquella hora, não ousára dizer-lhe a palavra mais difficil de exprimir, quando é verdadeira. Os que mais amam, antes de o dizerem á pessoa que mais convém que o saiba, empallidecem, dessecam-se, e são capazes de irem a uma ethica. As artes da lingua latina todas conjugam o verbo *amar* por inteiro: os alumnos sahem das escolas com os ouvidos impregnados, digamol-o assim, do mais vital e usual verbo de todas as linguas sabidas e ignoradas dos polyglotas. Pois, assim mesmo, com toda esta profusão de *amar* no infinito, de *amo* no presente, de *amei* na preterito, e de *amarei* no futuro, acontece que a memoria do verbo por excellencia se innoita e cerra logo que o mais solerte grammatico se acha como que affrontado pela mulher para quem elle parece que pontualmente aprendêra a conjugação do verbo *amar*! Isto é admiravel, e mais admirativo ainda no cadête de cavallaria de Bragança, onde elle, com um anno de praça — ou tarimba como lá dizem — e con-

vivencia de camaradas vesados á alta barganteria do galanteio, devia de estar despejado, quero dizer emancipado do pejo que purpurea as faces ao amador bisonho.

Amava do imo d'alma: é o que era; amava pela primeira vez; é o que nunca tinha acontecido a um cadête de ha cincoenta annos; que n'aquelle tempo a só palavra *cadête*, sem auxilio de adjectivos, indicava logo um libertino, terror das familias alheias, e dissipador dos bens da propria.

Antonio da Silveira, em oito syllabas, definiu me o seu modo de ser n'aquelle tempo: EU ERA UMA MENINA — disse-me elle. Isto é o mais que um homem innocente póde dizer de si, quando a menina é innocente, entendamo-nos; por que ha meninas que a respeito da puresa do seu espirito, podem dizer: «Eu era como um cadête dos mais casquilhos de ha cincoenta annos.» Ha de tudo; e d'esta variedade e desordem é que se faz a ordem e a graça do universo.

Albertina não estava no caso da menina com quem Antonio da Silveira se comparava, nem na plana da outra, que quizesse comparar-se a um donzel de moral desbaratada.

O amor não era novidade para ella. Se o fôra, devia de tingir-se-lhe o rosto, quando o hospede lhe disse:

— Não posso por mais tempo occultar a paixão que...

Aqui, intallou-se o moço.

E ella, nem pallida nem escarlate, escutava o, e vinte segundos poderia elle contar nos quarenta acelerados latejos, que lhe deu o coração, até poder balbuciar o fecho da phrase:

—...A paixão que sinto por a sr.ª D. Albertina.

As palpebras magnificas dos olhos da filha do doutor Negro cahiram de golpe, e assim permaneceram instantes como a elaborar duas lagrimas. E as lagrimas apontaram e derivaram nas faces, antes que ella podesse responder o seguinte:

— Eu não posso amal-o...

Antonio da Silveira, a poder lembrar-se de alguma cousa n'aquelle momento, devia de ser do verso do seu Virgilio:

Obstupui, steterunt que comæ et vox faucibus hæsit,

que o Barreto Feio traduz:

Pasmei; arripiou-se-me o cabello,
E nas fauces a voz me ficou presa. [1]

Mas eu creio que lhe não lembrou cousa nenhuma em latim. N'estes apertos de coração, não ha propriamente um professor de latinidade, que possa respirar por um hexametro.

O cadête estava de pé; e, quando em analogas circumstancias, toda a pessoa discreta e briosa se levantaria da cadeira para sahir, é então que elle se assentou. Justificadamente o fez; a arte póde estranhar o caso; mas a natureza admitte-o: é que sentiu um tremor e desfallecimento de pernas, accidente que mais que muito confirma o que elle depois disse de si: «Eu era uma menina».

A filha do doutor approximou-se d'elle, estendeu-lhe a mão, e murmurou:

[1] *Eneid.* L. 3.º V. 48.

— Seja meu irmão. Estime-me, e compadeça-se, que eu sou muito desgraçada por não poder amal-o!...

E desatou em lagrimas e soluços.

Erguera-se Antonio da Silveira, ouvindo passos no pavimento da casa proxima.

Era Francisco Simões de Alpedrinha.

Albertina retirou-se a enxugar as lagrimas entre as cortinas de uma janella. O hospede, com um ar de assombro que tanto podia chamar-se parvo como sublime, ficou chumbado ás costas da cadeira, sobre que apoiára as mãos.

O doutor sahiu da sua perplexidade n'estes termos:

— Que vem a ser isto? Albertina vem de chorar!... o cavalheiro está surprehendido!... Isto é uma scena de amor; não póde ser outra cousa! Mas... amor começado por lagrimas!... Ora vamos, menina. Teu pae é teu amigo, e amigo do sr. Silveira. Eu creio que nem elle nem tu sois almas capazes de sentimento do qual eu não possa ser confidente. Albertina, falla.

Antonio da Silveira, sem auxilio de Horacio ou Virgilio, teve uma idéa heroica, respondendo assim com a mais propria e ingenua naturalidade:

— Eu despedi-me da sr.ª D. Albertina; e ella, correspondendo á viva saudade que eu levo d'esta generosa familia, commoveu-se...

— Nobre commoção! — acudiu o doutor — Essas lagrimas louvo-as eu; escondel-as de mim é desconfiar da minha sensibilidade, menina. Eu préso como a filho o sr. Silveira, e oxalá podesse arrancar-lhe do corpo esta farda, que se me afigura a libré do despotismo! Pobre moço, com que animo se vae expôr a morrer, passado de uma bala do campo

adverso, onde estão os instrumentos cegos da civilisação do mundo!

— Em todo o caso é um dever defender a patria — interrompeu o cadête.

— Patria! — voltou o doutor Alpedrinha — o que é patria!... *Ubi bene, ibi patria.* [1] Quem está bem n'estas espessas trevas de Portugal!?... O Brazil é o melhor céu do globo; e eu desconheci-o como patria, porque é uma colonia d'esta metropole obscura. Quem quizer ter em Portugal uma patria amavel, tem de refazer o paiz, fraqueando as fronteiras aos iniciadores da civilisação, e não trancando-lh'as com o ferro e com o peito. Sr. Silveira, não lhe aconselho que deserte ás suas bandeiras; mas admoesto-o a que poupe a vida, sem desaire da honra e da disciplina. Que sandice eu disse agora! *Honra e disciplina!*... Honra, synonimo de servidão a bonzos e fidalgos que lá se estão refastelando na côrte do Rio em redor do inerte rei, que se contenta com a corôa desauthorada, e com alguns arrateis de simonte para cada mez. *Disciplina!* Eu vi o que era a disciplina do exercito portuguez no dia extremo do general Freire, e do Porto-Carreiro e dos outros. Meu amigo, não se exponha, peço-lh'o em nome de minha filha, e ella pede-lh'o em nome do coração, que o ama! Não é isto verdade, Albertina?

— Conheço que o é sinceramente — acudiu pressuroso Antonio da Silveira, apertando a mão do doutor.

— Mas ella não falla! — tornou Francisco Simões, encarando em Albertina — Estás suffocada, filha?!

---

[1] A patria é onde se está bem.

Reanima-te!... O nosso Silveira voltará para nos dar a todos a felicidade. Não é verdade, meu amigo?...

—Voltarei, sr. doutor— balbuciou o moço.

—Com juramento de cavalheiro?

—Com juramento—ratificou o moço.

—E minha filha vae jurar-lhe fidelidade como nos tempos poeticos das cruzadas. Remocemos as velhas épocas, meus filhos! Jurem nas minhas mãos!

O enthusiasmo, com que o doutor Negro proferiu estas expressões preliminares do juramento, ia a entrar nos dominios do riso, quando Albertina, com firme voz e sereno semblante, disse:

—Meu pae, eu só posso jurar que seria eternamente amiga do sr. Antonio da Silveira. Elle é bastante generoso para prescindir d'outro juramento, que seria falso; e meu pae é bastante meu amigo para me não compellir a prometter o que é impossivel cumprir.

Reluziu a cutis do doutor, e arroxaram-se-lhe os beiços. O relance dos olhos afuzilou uns temiveis raios de cólera, os primeiros que a menina viu no olhar caricioso de seu pae. É que de assalto lhe veiu á lembrança que sua filha, aos quatorze annos, fôra surprehendida n'uma janella, trocando phrases de timbre amoroso com um moço de baixa extracção, um amanuense do cartorio de seu pae: facto horrendo, que elle tinha esquecido, quando disse ao hospede que a primeira virtude de Albertina era estar a fazer vinte annos sem ter amado ainda.

Antonio, admirado do aprumo da formosa mulher, amando-a mais por isso mesmo, invejando até o galardão do homem que lhe dava auso a tamanho e tão insolito desengano, continuou a obedecer ao impulso da sua generosidade, dizendo:

— A sr.ª D. Albertina só póde e deve amar um coração desprendido d'outros affectos. Eu estou compromettido n'outros amores, meu amigo: tive a virtude de o confessar a sua filha.

— Então... — atalhou o doutor iracundo — dissessem isso logo, e já v. s.ª m'o podia ter dito!... ou... permitta-me dizer-lhe que andou como não andam cavalheiros, quando me pediu minha filha!

Antonio cahiu em si, e viu que a generosidade era inconciliavel com a mentira, e que a virtude é cousa mais custosa de praticar do que muita gente cuida.

Albertina vem em soccorro do corrido moço, e exclama:

— O sr. Silveira é um cavalheiro, meu pae! Eu é que sou a culpada: fui eu quem lhe disse que não podia amal-o.

— Entendam'o-nos! — exclamou o doutor—Aqui ha uma complicação de cousas que me embrulham a rasão. E's tu que regeitas o sr. Antonio da Silveira, Albertina?

— Sou eu que o preso como irmã, e não posso ser voluntariamente sua esposa.

— Bem! Tomarei as minhas medidas! — redarguiu Francisco Simões de Alpedrinha — Muito bem! eu não sabia quem tu eras, creatura! Criei-te, afaguei-te como um anjo; do muito amor com que te satisfiz os caprichos, resultou a liberdade arrogante com que fallas a teu pae. Esta filha já diz que regeita o esposo que seu pae lhe offerece. Muito bem: eu serei d'hoje ávante o que devia ter sido até aqui... Veremos!... Sr. Silveira, v. s.ª não perdeu nada. Eu dava-lhe Albertina, cuidando que ella era um thesouro. Enganei-me. Está desfeito o engano. Vol-

te quando quizer a esta casa : o amigo cá está com os braços abertos. Vá, cavalheiro, vá, que esta mulher era indigna de si.

Albertina chorava offegante de soluços.

Antonio, com os olhos no chão, e os braços cruzados, ouvia as phrases duras do doutor, e chorava-lhe a alma compadecido da anciada menina.

Este lance foi cortado a tempo pela toada das clarinetas e tambores que tocavam á generala. O cadête sahiu abruptamente relanceando um verdadeiro olhar a Albertina. O rebate falso do apparecimento de francezes na serra de Val-longo foi como invenção d'algum santo, que viu as angustias do honrado moço, e as da pobre menina, benemerita da piedade das almas sensiveis, e admiradoras dos corações intrepidos.

No dia seguinte o regimento de Silveira sahiu do Porto. O cadête militou até ao fim da campanha, senão com bravura egual a muitos que sahiram condecorados como bravos. O inimigo, contra quem elle poz peito, era o seu coração, a saudade apaixonada da filha do doutor Negro.

Finda a guerra, passou pelo Porto. Antes de entrar em casa do doutor Negro, inquiriu novas d'esta familia.

Tinha decorrido um anno apenas, depois do lance descripto; e o que disseram a Antonio da Silveira era cousa tão estranha e incombinavel com a brevidade d'aquelle espaço de tempo, que o moço apertava a cabeça nas mãos, de espantado, e chorava de commiseração.

Aqui vae o que elle ouviu mais ou menos prolixamente contado :

Albertina seis annos havia que se affeiçoára a um

amanuense do escriptorio paterno. Este moço, chamado João Chrysostomo, gosava todo o bom nome que póde ter-se n'aquelle modo de vida, e era bemquisto. Fôra em menino para o Brasil, enviado por seu pae, lavrador das cercanias do mosteiro de Vairão. Esteve lá uns dois annos bem acreditado com o patrão! porém, como a saude lhe escasseasse, voltou para Portugal. O pae, que não era dos mais rasoaveis, e tinha outro filho a quem devéras queria, recebeu-o de má sombra. João pedia-lhe que o deixasse ordenar; o pae deu-lhe uma enxada, e mandou o rossar tojo. Era o moço debil e enfermiço: não pôde com as asperezas da lavoira, e fugiu para o Porto, confiando-se na promessa de Jesus, que disse aos galileus:

«Olhae para as aves do céo, que não semeam, nem segam, nem fazem provimentos nos celleiros: e com tudo vosso pae celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que ellas?...

«E porque andaes vós sollicitos pelo vestido? Considerae como crescem os lirios do campo: elles não trabalham nem fiam.

....

«Não vos afflijaes, pois, dizendo: que comeremos ou beberemos, ou com que nos cobriremos?»

João Chrysostomo lêra estes e outros versos do Evangelho de S. Matheus: acceitou-os consolativamente, sem todavia querer imitar ás cegas os lirios do campo, que não trabalham nem fiam. As vestes pomposas do lyrio, taes que nem Salomão as teve maiores, no dizer de Christo, lá lh'as tece e avelluda em noites serenas um raio da lua, e, ao enrubescerem-se os visos das montanhas, um primeiro raio do sol lh'as doura; mas ao homem, desde o

berço da humanidade, condemnado ao trabalho, faz-se mister não cuidar de todo em todo que é lirio.

Avisadamente o pensou assim o filho do lavrador do Couto de Vairão.

Chegou ao Porto, onde a inercia é um stygma, e achou de prompto trabalho e pão sobejo á sua necessidade.

III

Entrou João Chrysostomo ao escriptorio de alguns advogados e escrivães, allegando que tinha soffrivel fórma de letra, e, por pequeno salario, copiaria papeis; o ultimo onde pediu trabalho, e teve acceitação, foi o do doutor Negro, cuja asperesa de genio afugentava os amanuenses.

João Chrysostomo, logo na primeira semana, pagou com as orelhas uma falta de ortographia, repetida depois do aviso. O doutor era escravo da ortographia etymologica, e o moço tendia racionalmente para a simplicidade que o sr. Castilho, cincoenta annos depois, aventou com grande dispendio de philosoqhia e paciencia inutil. Já as orelhas do pobre João foram obscuras martyres d'este ramo de civilisação do alphabeto!

Com a sua muita docilidade, quando mais não fosse, logrou elle captivar a estima do doutor, de fóra parte um cabal conhecimento das palavras que se escrevem latinamente com cinco ff e mais.

João tinha entrada de escada acima na casa do doutor. Albertina era criança de nove annos, e elle tinha dezesete. A menina aprendia d'elle o talho da

letra ingleza, e obedecia mais depressa aos brandos rogos do amanuense que aos do pae, se teimosa recusava com tregeitos de amimada, decorar as declinações da grammatica franceza. João, para lhe conciliar a vontade, ora dengosa, ora rebelde, estudava com ella nas horas vagas, e assim aprendeu a lingua franceza, e o mais que o doutor ensinou á filha.

Quando Albertina prefez quatorze annos, Francisco Simões disse rudemente ao amanuense que as suas occupações no escriptorio não tinham que ver com o que lá ia em cima. Este desabrimento procedia de alguma desconfiança, que João Chrysostomo confirmou fazendo-se amarello ou escarlate, modos variados e infaustos com que o coração atraiçôa seu amo... ou o seu escravo. Eu penso do coração o que Alphonse Karr pensava do seu *Terra Nova:* a gente não sabe se o cão é nosso amo, ou nós d'elle. De modo que é o coração um perfido inimigo, que temos dentro de nós, o qual nos denuncia no rosto, quando tudo lhe sacrificamos, paz, honra, futuro, vida, e (perdôe-nos a natureza e o progresso das luzes!...) o estomago, até o estomago lhe immolamos, este celleiro da saude, o cofre das graças que assetinam e purpuream a cutis, e tudo o mais chamado bellesa, vigor e galhardia.

Tudo isto perdeu João Chrysostomo, assim que o doutor lhe vedou o ingresso no primeiro andar. A tristeza e definhamento aggravaram mais as suspeitas do pae de Albertina. Ao mesmo tempo, a menina desmedrava, não ia á mesa sem muitos rogos da mãe; e, indo, mal encontrava os olhos do pae baixava os seus com sobrecenho, e respondia, chorando e mordendo as lagrimas nos beiços, se elle a interpellava severamente.

Deu-se d'ahi a poucos dias, o successo decisivo: posto de sobre-aviso, o doutor surprehendeu um colloquio da rua para a sua janella. João foi aggredido, e deixou-se espancar, de braços cruzados. Primeiro cançou o braço ao doutor que a paciencia ao honrado moço. Albertina fugira da janella no intento de sahir á rua. Quando o pae a viu, deixou o amanuense, e foi, cego de ira, com as garras recurvas sobre a garganta de Albertina; mas um pae, seja qual for a côr que tem, não estrangula uma filha.

João Chrysostomo não podia voltar mais áquella casa. Procurou outro escriptorio, que facilmente se lhe deparou com melhorados interesses.

A pessoa que informava Antonio da Silveira, d'este ponto deu um salto para seis annos depois, não podendo esmiuçar os factos seguidos até principios do anno de 1811, época em que Albertina fugiu de casa.

No momento em que o alferes colhia estes pormenores, estava Albertina n'um convento de Braga e João Chrysostomo preso nas cadeias da Relação do Porto. O narrador sabia contar apenas que o amanuense perdera a demanda, e fôra condemnado como raptor a alguns annos de prisão; e que Albertina, trazida do deposito judicial para casa do pae, fugira novamente, e fôra presa no pateo da cadeia, e d'ahi transferida para o convento.

Animou-se Silveira a procurar o doutor Negro. Encontrou-o mudado. Recebeu-o o velho chorando, mas sem vehemencia de transportes. Parece que uma glacial apathia lhe tolhia os movimentos. A intercadencias, ficava-se como esquecido, e tartamudava phrases desconcertadas e alheias do assumpto.

Antonio atalhava-o, se elle vociferava trementes vozes contra Albertina.

— Não seria felicidade lá mais ao diante deixar v. s.ª casar sua filha com esse rapaz tão mal julgado pelas leis? — dizia o Silveira com a independencia de uma boa e sincera rasão.

— Mal julgado pelas leis! — exclamava o doutor — Pois o raptor de minha filha, o meu assassino, podia ser julgado de outro modo!

— Eu não sei bem o que a lei chama raptor — volveu Silveira — Cuidava eu que uma filha, que foge a seus paes, e declara que quer casar com o homem para quem foge, não é raptada...

— E' raptada porque é seduzida! — bradou Francisco Simões — A seducção que é, senão um rapto, um cruelissimo roubo do coração de uma filha ao amor de seu pae! Quem ousa ahi provar-me o contrario d'isto?

Antonio callou-se, porque as lagrimas do velho eram mais irrespondiveis argumentos; porém, ao encaral-o em silencio, dizia entre si: «Aqui está este homem penando o que fez penar ao pae de sua mulher! Olho por olho, dente por dente, dizem os livros sagrados. E como elle se esqueceu das doutrinas que tão eloquentemente preleccionava ha um anno! Este mesmo pae dizia: «Como hei de eu contradizer o que minha filha assentar que é a felicidade do seu coração? O nosso direito á submissão dos filhos caduca desde o momento em que elles nos respondem com o coração, quando nós lhes interrogamos o juizo.» *O vanas hominum mentes, ó pectora cæca!* [1]

---

[1] O' vãos espiritos dos homens, ó cegos corações.
Lucrecio — De Nat.

Antonio da Silveira aventurou-se a pedir ao doutor que, embora denegasse consentimento á filha para casar com o condemnado por amor d'ella, perdoasse ao desgraçado, e o deixasse ir ganhar sua vida. A isto respondeu o doutor:

— Se eu cahia em tal, o mesmo era ajuntal-os. Assim que Albertina podesse fugir do convento ou de minha casa, estaria com elle. Deixal-o estar o meu assassino onde está. Eu morro primeiro que elle; morro, e esta idéa é que me vae matando a pedaços. A minha intelligencia está a apagar-se. Despedi uns clientes, e os outros fugiram-me. Não sou já o homem que era. Estou esquecido: perdi o amor ao trabalho. Só por dura necessidade me sento a esta banca. Cahem-me as lagrimas no papel. Lanço de mim com desesperada agonia os livros. Enche-se-me a cabeça de sangue, e atiro-me sem accordo aos braços de minha pobre mulher, que já sabe que vae ficar viuva e desamparada.

— Remedeie essa angustiosa situação — voltou Silveira.

— Como?! — acudiu o doutor — Como, senhor? Casando-os?

— Não direi tanto, visto que é inflexivel a sua repugnancia, sr. Alpedrinha; mas dê o perdão condicional ao preso: elle que vá do Porto para longe, e sua filha que volte á companhia do pae.

— Isso não remedeia... Albertina tem-me odio. A minha filha morreu; e deseja que eu morra, quando eu a estou amando, assim mesmo, assim perdida e despresivel.

— Despresivel... porquê? — interrompeu Silveira.

— A baixeza d'aquella alma!... Cegar-se de pai-

xão por um sevandija, que ella viu entrar n'esta casa de tamancos e jaqueta de saragoça! Ella, que eu creára como se um dos mais distinctos mancebos da sociedade a estivesse esperando! Dotada de tantos talentos, formosa, altiva, descer até ao homem de salario na casa de seu pae!... Por que é preciso que saiba, sr. Antonio da Silveira, que meu bisavô era um general em 1654, dos mais distinctos na independencia do Brazil contra os hollandezes; meu avô foi magistrado superior, meu pae tambem, e os Alpedrinhas competem em antiguidade de nascimento, e honra e saber, com as mais illustres casas de Portugal!

O doutor Negro repisou n'este artigo da sua prosapia, e desgarrou-se tanto da trilha da modestia e do siso, que o interlocutor teve dó d'aquella febril cabeça, que se perdia! Quando pôde, esfriou-lhe os impulsos de soberba com muita brandura de reflexões humanitarias ácerca da egualdade dos nascimentos; e delicadamente lhe lembrou que um apologista da rasoira social, passada sobre as desigualdades absurdas pelo braço providencial da revolução franceza, devia de ser mais consequente comsigo mesmo.

Estavam cerradas para sempre as portas d'aquella razão degenerada pela dôr. O velho, se cahia em si por momentos, destemperava em mais phreneticas invectivas contra a filha, e contra o algoz da sua alegria.

Dizia-me Antonio da Silveira: «As agonias d'aquelle infeliz, das quaes eu fui testemunha por espaço de tres horas, poderam tanto commigo, que me ficaram servindo de *memento, homo*, atravez de uma longa vida. Acudia-me sempre o espectaculo, do

doutor Negro, quando eu meditava praticar um acto occasional de damno ou dissabor para alguem. A mão da Providencia pesára sobre elle tão dura quanto elle pesára sobre o seio de outro homem, que tambem era pae: mais dura direi, por que o outro vira sua filha honrada, senão invejada; e este era quem com sua propria e espontanea mão a pozera debaixo dos olhos do mundo como uma nodoa, e a todo trance embaraçava a rehabilitação da mulher diffamada, injustamente diffamada.

— Injustamente? pois ella não tinha fugido para a companhia do João Chrysostomo?—interrompi eu.

— Não, senhor: de casa do pae sahira para casa de um procurador de causas, homem de bem, amigo do moço; d'esta casa, condemnado o raptor, voltou para casa do pae; d'aqui fugiu, e breves passos deu até á cadeia que lhe era perto; e da cadeia, ainda antes de ver o preso, foi, como já lhe disse, levada ao convento de Braga. Já vê que o mundo a infamava injustamente.

Silveira despediu-se do doutor, com promessa de voltar. D'ali foi á Relação procurar o preso João Chrysostomo. Conduziram-no a um quarto de malta, e mostraram-lh'o sentado a uma mesa de pinho, escrevendo. Diz Antonio da Silveira que o sujeito representava quarenta annos, bem que ainda não tivesse trinta. Era macilento, magro, e menos vulgar de aspeito do que devia esperar-se do filho de um lavrador do Minho, onde, pelo ordinario, as caras dos agricultores nos querem parecer pouco mais de rudimentares, como se a natureza as deixasse configuradas na primeira sessão para voltar depois a conformar-lhes os relevos. A boa sombra de João Chrysostomo captou logo a benevolencia do seu

desconhecido visitante á quem elle, de pé, cortejou, e disse:

— Talvez que v. s.ª se enganasse no quarto...

— E' o sr. João Chrysostomo que eu procuro — tornou Silveira, tomando para assentar-se uma das tres cadeiras de pinho, que decoravam o recinto, aliás alegre e bem arejado. Depois continuou: — Póde ser que conheça de nome um tal Antonio da Silveira, que ha um anno foi hespede do doutor Francisco Simões de Alpedrinha.

O preso impallideceu, e murmurou:

— Ouvi fallar de v. s.ª

— Como de um mau sujeito?

— Não, senhor. A filha do sr. doutor disse-me que v. s.ª era o unico homem do mundo que ella poderia amar, se Deus a não tivesse...

— Destinado para sua esposa — atalhou Silveira.

— Se Deus a tivesse destinado para minha esposa, estaria eu aqui entre ferros, e ella n'outros mais cerrados á luz do dia? — observou João Chrysostomo.

— Deixe estar, que o tempo, nos computos da Providencia, tem outra contagem diversa da nossa. Quem sabe o que vem?

O preso ergueu-se alvorotado, e exclamou:

— E' possivel que v. s.ª seja o mensageiro de alguma boa nova?!

— Não, senhor: desgraçadamente não. O que venho é perguntar-lhe se, no caso de perdoar-lhe o doutor, o senhor sahiria de Portugal, renunciando á mão da sr.ª D. Albertina, pelo menos em quanto o pae fôr vivo. Com a constancia d'ella, deve e póde o sr. João Chrysostomo contar: pela sua daria eu abono, se m'o pedissem; portanto, achava eu de

summma conveniencia, interesse até da vida de ambos, que pactuassem entre si um córte completo de correspondencia, e esperassem. O doutor offerece pouca vida, se me não engano; e o senhor sacrificando-se, sem vexame de coração, dará ao pobre velho a filha, cuja ausencia o mata, e mais tarde voltará a procural-a, sem o remorso de ter cavado a sepultura de dois velhos.

—O sr. doutor, disse João Chrysostomo, perdoa-me com a condição de eu sahir da patria?

—Não está isso ainda tratado: eu é que imagino realisavel o accordo; mas, sem o seu compromisso, e o da sr.ª D. Albertina, não sondarei segunda vez o animo do velho.

—Eu não decido de mim porque cumpro pontualmente a vontade da sr.ª D. Albertina—respondeu o preso—Farei o que ella quizer, com tanto que ella seja feliz. Uma compadecida pessoa de Braga me diz que a pobre menina vive atormentada: desde que sei isto, a minha desgraça não me opprime; sinto sómente a d'ella. Não me escreve, ou, se me escreve, as cartas não as recebo; algumas lhe escrevi, que lhe peoraram a reclusão, porque vieram á mão do sr. doutor. Se v. s.ª póde consultal-a, eu conformar-me-hei com a sua vontade.

Depois de mais longo dialogo, Antonio da Silveira, captivo d'aquelle homem, cújo socego justificava a puresa da consciencia, voltou ao pae de Albertina, e expoz-lhe com exactidão o convencionado entre elle e o preso.

O doutor Negro deferiu para o dia seguinte a resposta, e concordou no perdão, tirando a partido que o raptor iria para o Brasil, entrando a bordo

do navio logo que sahisse da cadeia. Senão, não.

Foi Antonio da Silveira a Braga, authorisado com credenciaes do doutor para poder parlamentar com Albertina.

Singular homem este! Aqui fazemos alto para pedirmos á naturesa excepcional d'este alferes de cavallaria a definição de semelhante indole, que é uma das raras joias que eu conheço da naturesa. Interroguemol-a. A caprichosa não responde. Está alta de mais: está aos pés de Deus. No quilate das indoles malfeitoras é que nós cuidamos ouvil-a, entendel-a, e desfial-a sob o escalpello da nossa critica sciencia do coração humano. Isso não admira: qualquer cerdo revolve um lamaçal, e de nuvens acima nem o vôo da aguia alcança. Não entendemos Antonio da Silveira. Vejamos se elle quer ou póde dar inducções do seu caracter.

Perguntei-lhe:

— Que sentimento lhe havia inspirado Albertina um anno antes?

— A paixão, áquem dos limites da honra.

— E um anno depois, quando visitou na cadeia o homem que ella preferia?

— A paixão, áquem dos limites da honra.

— E, se as suas diligencias conseguissem lançal-os nos braços um do outro, e a ambos nos braços da mais dadivosa fortuna, que sentiria o sr. Antonio da Silveira?

— A paixão, áquem dos limites da honra.

A' terceira resposta, desisti de comprehendel-o.

IV

Antonio da Silveira apresentou á prelada do convento dos Remedios, em Braga, a carta do doutor Francisco Simões de Alpedrinha. Reunidas em capitulo as venerabundas nonas, notaveis por sua velhice e experiencia de astucia do amor, deliberaram que se consultasse o doutor pelo correio antes de se dar o *exequatur* á carta, que poderia, sem milagre, ser cavilosa.

Esperou, portanto, o magnanimo alferes que viesse pela posta o segundo aviso, como para ordem de saque monetario; e, a dizer verdade, que thesouro demanda ahi maiores cautelas que a virtude de uma menina? Bem o entenderam as previstas religiosas de Nossa Senhora dos Remedios.

Albertina, confirmada a authenticidade da carta do pae, foi conduzida ao locutorio pela sub-prioresa, cujos escrupulos, superiores ao maximo elogio, a muito custo consentiram que a reclusa ficasse a só com o militar, mediante as duas cancellas de grades de bom ferro da Suecia, o qual bem sabiam ellas que os mais ardentes suspiros não tinham podido derreter.

— Estranha visita é esta, sr.ª D. Albertina!—disse com a voz tremente o alferes.

— Estranha, sim—respondeu com affavel serenidade a filha do doutor Negro;—mas visita muito agradavel. Deus sabe quantas vezes eu tinha dito commigo: «Se o sr. Silveira fosse muito meu amigo, teria procurado noticias de sua irmã...»

— E quem lhe diz que eu as não procurei? De certo, não é o acaso que me traz aqui...

— Vem do Porto?—interrompeu ella.

— Sim, minha senhora, venho de casa de seu pae, e do carcere de seu malfadado amigo.

— Vem?! — exclamou Albertina — como está elle?

— Elle, quem? E' por seu pae que me pergunta?

— Não, senhor; meu pae sei eu que está bom—tornou ella com hombridade e ironia.—Está vingado; e a vingança, nas almas paternaes como a d'elle, dá saude e alegria. E' por João Chrysostomo que eu tomo a liberdade de perguntar-lhe, já que v. s.ª me fallou d'elle.

— Fallei-lhe d'elle—volveu Silveira desconsolado do tom de altivez, e menospreço do pae, com que ella o desanimou em seus planos—porque o vi, e lhe avaliei a boa alma, e me condoí de tamanho e tão immerecido infortunio. E' preciso que a sr.ª D. Albertina dê ao mundo e á sua consciencia o testemunho de que estima João Chrysostomo.

— Pois não dei eu já o maior testemunho? que outro querem de mim? Fugi de casa para ser esposa d'elle; tornei a fugir para o procurar na cadeia; vim arrastada a este carcere, onde nem o chorar me é permittido, sem que a moral d'estas santas me não esprema no coração a esponja amarga

da sua caridade!... Pois qual testemunho me falta dar?!

— O essencial. Desista de um futuro, que não póde chegar por este caminho. João Chrysostomo está a cumprir a sentença de tres annos de prisão, da qual lhe faltam trinta e quatro mezes, mil e tantos dias, vinte e quatro mil e tantas horas de ferros, de vilipendio, de pobresa, e de angustias, superiores á minha comprehensão. Em quanto esta agonia se contorce lentamente na cadeia do Porto, outra não menos dolorosa aqui vae cortando os dias da sr.ª D. Albertina. No fim de tres annos, quem sabe se a sepultura de um ou de ambos se terá cerrado? Se o homem, que a menina ama, até lhe dar e acceitar por elle tamanhos supplicios, tiver morrido, peço-lhe me diga se algumas alegrias pelo futuro além a podem compensar dos desgostos, que soffre, e do pesar, senão remorso, de lhe ter feito a elle tão pesada a cruz?

— E a minha?—atalhou Albertina—Pois elle imagina que eu soffro menos?

— Elle imagina que a senhora soffre muito, e não se queixa do que está soffrendo: apresso-me a dizel o; que não seja eu a involuntaria causa de ser injusta e ingratamente arguido o corajoso moço. Eu disse-lhe que era honroso e necessario salvarem-se ambos, sem prejuizo do seu amor. Amem-se livres, assim como se amam encarcerados. Emprazem a sua felicidade para melhores dias, e não se estejam matando ou envelhecendo antes da hora opportuna do resgate. A liberdade alcançam-na com menor sacrificio do que este que fazem. Actualmente é impossivel verem-se; até creio que é impossivel cartearem-se. Pois, se me acceitarem o meu pare-

cer, a privação dos olhos será indemnisada com a liberdade do espirito; poderão corresponder-se; algum amigo lhes facilitará o ensejo; eu mesmo...

—Pois sim!—exclamou Albertina com transporte de esperança e ardente desejo de liberdade--Como hade ser isso?

—A menina escreve a seu pae; renuncia a casar-se com João Chrysostomo; e pede-lhe perdão. Seu pae, se me não enganam as bem fundadas esperanças, perdôa ao condemnado, com a condição de que elle sahirá da cadeia para se embarcar para o Brasil...

—Para o Brasil?!—interrompeu Albertina alvoroçada—para o Brasil! Um eterno adeus! a peor das mortes!... é isso o que de mim querem? Não! o mais atroz da agonia está passado. Morrer!... isso que tem?... Não quero!

Antonio da Silveira de si para si perdeu a confiança nos seus recursos, quando se viu tão vehemente e dramaticamente interrompido. Era isto um desanimar muito antes de tempo. Quem sabe alguma cousa do coração da mulher, está de sobreaviso n'estes assomos da paixão. As pobresinhas das creaturas, mixto maravilhoso de valor e tibiesa, não são nada do que parecem em semelhantes impulsos e desconcertos de juizo. O mais cordato, n'estes lances, é deixal-as esvaziar o pequeno coração, que, a meu ver, desde Shakspeare, está definido no titulo de uma comedia d'elle: «Muito rumor para cousa nenhuma».

Assim é; mas as pessoas inexperientes, como Antonio da Silveira, ponderam a gravidade apparente de taes arrebatamentos, e ficam como tolhidas e

inertes para rebater a fragil fortalesa da mulher assomada á imitação de Albertina.

Immudeceu o moço por algum tempo, o bastante para ella ajuizar do diplomata o mais acerbamente que podia ser. Entrou-lhe no animo a suspeita, convertida logo em evidencia, de que elle, ferido da isempção com que vira encontradas as suas tentativas amorosas, guardára o despeito no escuro da alma vingativa. Aberta a occasião para o desforço, tramaria elle, segundo a ruim espertesa de Albertina, matar a possibilidade de tornarem a vêr-se os dois amantes. Sem tal estimulo, por que andaria Antonio da Silveira da casa do doutor para a cadeia, e da cadeia para o convento? «De mais a mais, pensava ella comsigo, a coragem e affoutesa com que eu lhe respondi, perturbou o de tal modo, que não teve mais que me dissesse! Tem vergonha de ser tão de prompto intendido nos seus ignobeis calculos.»

Acabava ella de formar esta serie de inducções, até certo ponto naturaes de um espirito desvariado, quando o alferes, tirando pelo animo da dôr que o aturvava, redarguiu:

— A morte pouco é, minha senhora, quando a vida é cortada de desgraças e desdouros...

Desdouros! má palavra em tão má occasião! Era confirmar a suspeita, se Albertina carecesse d'isso.

— Desdouros!—bradou ella—desdouros porque?! Por amar um homem plebeu e honrado? Um homem, que me tem tão pura no coração como na consciencia?...

— Eu não disse tal, sr.ª D. Albertina — atalhou Silveira com um sorriso de delicada bondade, que a allucinada menina poz logo á conta de expressão

sardonica—Desdouros digo eu que o são as falsas apreciações da sociedade; o modo como é visto um condemnado sem amigos que o salvem, e sem o ouro que resgata a sentença dos maiores delictos. Desdouro de amar um homem plebeu! Não me faltaria valor para lhe dizer que o era, se o plebeismo fosse a explicação de algum procedimento vil! Sr.ª D. Albertina, se ha desgraça, sem deshonra, desgraça que todo o homem de bem acceitaria das mãos da falsa justiça, é a de João Chrysostomo. Por isso mesmo é que eu, se podesse, convenceria a senhora, que ainda póde orgulhar-se da puresa de sua consciencia, a parar áquem dos limites da dignidade para si, e da dignidade para o preso A posição de ambos, até aqui, foi uma lucta nobre: a paixão justifica os, porque sahiram vencidos; mas sem mancha da lucta. Porém, de hoje ávante, o seu padecimento é um heroismo que a sociedade reprova. As lagrimas de ambos commovem menos que as tribulações por que está passando seu pae, minha senhora. O velho chora, e o mundo respeita muito a dôr do homem que diz: «Uma filha que eu amava até ao extremo, arrancou-se-me dos braços, e foi pedir ás leis que esmagassem os direitos que eu tinha ao seu amor e obediencia. Eu pensei vinte annos na sua felicidade, e ella...»

—Bem sei! bem sei!—interrompeu Albertina com um sorriso de colerico motejo—Comprehendo... sei...

—Que sabe, minha senhora?!—perguntou Antonio da Silveira, magoado da desconfiança que subitamente lhe feriu a nobre alma.

—Meu pae pensava em me dar uma felicidade, que não podia ser senão desventura para mim e para v. s.ª—respondeu ella.

— A que vem o meu nome n'este conflicto? — replicou o moço — Sr.ª D. Albertina, por quem é, não me faça tão cedo arrepender de entrar n'um negocio de familia, tão de vontade quanto um seu irmão poderia fazel-o, minha senhora. Pois é crivel que a menina me julgue tão vil, que eu venha aqui hypocritamente desatar uns vinculos que eu tenho na conta de indissoluveis? Então, é impraticavel nenhum accordo entre nós: a má fé, com que me está ouvindo, infama todos os meus argumentos, ou pelo menos inutilisa-os.

— Pois que hei de eu suppor? — tornou Albertina — Hei de eu consentir que um infeliz, preso por amor de mim, seja posto em liberdade, com a condição de ir morrer ao Brasil, d'onde veiu, porque não podia lá viver?... Cuida v. s.ª que elle acceitaria a liberdade com tal condição?

— Acceitaria.

— Como? já o sabe!? — volveu Albertina precipitadamente — É elle que a pede?

— Não, minha senhora, fui eu que lhe lembrei a conveniencia de tal passo. João Chrysostomo respondeu que faria o que a sr.ª D. Albertina quizesse.

— Estará elle cansado de soffrer!? — redarguiu ella com azedume.

— Não m'o disse, nem levemente m'o deu a perceber; mas é possivel que esteja descontente da sua sorte — respondeu Silveira.

— E a minha é afortunada?

— Voltamos ao principio do nosso dialogo, minha senhora. A sorte de ambos é desgraçadissima: cumpria remedial-a com a esperança; pôr termo a um soffrimento que não merece nenhuma.

— E a morte é uma esperança?

— É sim, minha senhora, quando se morre com uma consciencia tranquilla.

— E' o que me cá dizem as freiras... — tornou Albertina sorrindo.

— Se as freiras lh'o dizem assim, não são isto palavras que devam ser motejadas, minha senhora; porém, falla v. ex.ª na morte, como se o morrer fosse cousa muito facil, quando as doenças são do espirito...

Albertina fez um gesto de enfado e cansaço. Antonio da Silveira com tamanha alma e paciencia, sentiu n'este momento o fastio que nos causam os despropositos, ainda mesmo quando a compaixão nos pede a favor do animo conturbado. Já em pé, em acção de despedir-se, fallou assim:

— Minha senhora, o homem proprio para este logar, e com esta missão, devia de ter cabellos brancos, nome auctorisado, e palavras mais tocantes. Eu vim aqui, forte de uma rectidão de intenções, que se não preoccuparam a considerar o que a sr.ª D. Albertina julgaria de mim. Aqui me confesso, minha senhora. Está Deus entre nós: se eu minto, permitta elle que v. ex.ª veja em cada expressão de minha boca um refalsamento do coração. Amei a com todo o peito, e bemquerença que se póde. Foi v. ex.ª a primeira mulher que os olhos de minha alma viram. Levei-a em espirito ás suaves solidões da aldeia onde nasci, e imaginei quadros de uma felicidade tão ingenua, e abençoavel em Deus, que cheguei a crer na impossibilidade de renascer para mim um amor semelhante. Este, que era o meu unico sentido e viver, quando me cumpria guardar a vida das balas, está hoje morto, ás mãos da hon-

ra. Se elle sobrevivesse á esperança, de certo não estava eu aqui. E' natural, que eu lhe fugisse para esquecel-a... sem odial-a, porque o meu odio seria um vilissimo sentimento. Do que eu de todo em todo, minha senhora, me julgo incapaz é de vir solicitar, por cavilosas artes, o seu coração. Se o absurdo da alma humana fizesse a maravilha de propender hoje o espirito de v. ex.ª para mim, aqui lhe dou minha fé e palavra que o regeitaria, não por soberba, mas por decoro de minha consciencia, debaixo da qual farei que expirem abafadas as paixões, que quizerem triumphar d'ella. Continuo a confessar-me, sr.ª D. Albertina, que o seu sorriso de incredulidade não me enleia, nem me despersuade do convencimento de uma virtude. Na minha alma nasceram juntos dois sentimentos: o da amisade e o do amor. Ficou o primeiro, que era o mais desinteressado, o que mais de sua vida propria se nutrira. Penso que o amor, sem a estima, se converte em odio, quando o ciume o degenera. A estima sente com grandissima angustia o perdimento do amor; mas subsiste e permanece. A mulher amada perdeu-se: ficou a irmã. O coração que eu amava não podia ser meu? embora: fique-me o espirito da mulher, que precisa de uma voz amiga, de um braço affectuoso para descaminhál-a do mau atalho, por onde ella quiz ir ao encontro da boa fortuna, que sómente vem para nós por estrada chã e desassombrada. E' o que eu quiz ser para a sr.ª D. Albertina: é a vingança, que eu quiz tirar da sua lealdade ao homem que lhe dominava o coração. Será isto amor, e não amisade? Estarei eu cobrindo com um véu diaphano a alma para que v. ex.ª m'a veja, ou sinta curiosidade de vêl-a? Por minha honra, lhe

assevero que não. Dito isto, é tempo de concluir com um conselho. Cumpria dar força á admoestação, rasgando em bocados a cortina com que v. ex.ª cuidaria esconder-se á mais ridicula e baixa astucia. O conselho são tres palavras: Obedeça a seu pae; escreva-lhe constrangida se o não póde fazer espontaneamente; arranque-lhe o perdão de João Chrysostomo; deixe-o ir morrer ao Brasil, se entende que é inevitavel a morte d'elle no Brasil: antes a morte lá, que a vida n'um carcere, tres annos de exclusão da sociedade, ao fim dos quaes não terá amigos, se tiver vida, vida que depois lhe ha de ir sempre de rojo por entre os homens, admiradores da coragem, mas despresadores dos que a tiverem onde é maior prova de nobresa de alma o succumbir. Se João Chrysostomo morrer na cadeia, o mundo dirá: «a final o honrado moço cahiu sob o peso da sua angustia»; se elle resistir aos tres annos de prisão, e sahir livre de rosto erguido com ares de victorioso, o mundo dirá: «se elle tivesse vergonha tinha morrido na cadeia». De maneira, que o heroismo de duas pessoas que se amam, na situação de v. ex.ª e do condemnado, é uma pertinacia doida que perde no constraste da opinião publica o seu fino quilate moral, e corre com o nome de desatino, quando se não chama desmoralisação ou despejo. Peço, por ultimo, á v. ex.ª perdão da prolixidade d'estas rasões, e recebo as suas ordns.

Albertina, que já tambem se havia erguido, fez uma silenciosa mesura de cabeça.

Antonio da Silveira, violentando-se, tornou!

— Nada tem que me diga, minha senhora?

— Quasi nada — respondeu Albertina — V. s.ª fallou-me muito em mundo, e sociedade e opinião

publica. Eu não devo nada ao mundo. Estou desgraçada bastante para que a sociedade se lembre de mim. Eu não desisto de ser esposa de João Chrysostomo. Jurei-o a Deus...

— Jurou a Deus! — atalhou Silveira — Deus não acceita juramentos taes, nem impõe responsabilidade a quem os jura.

— Assim será; jurei-o a mim propria. Sahirei d'aqui morta, se não posso ser esposa do desgraçado, que o mundo ha de despresar. Elle não tem mais ninguem no mundo: sou eu quem o ampara; e a nós ambos, tão desamparados, quem nos sustenta é a esperança, e o tempo.

— No entanto, — voltou Antonio da Silveira—se a sr.ª D. Albertina mudar alguma vez de sentimentos, lembre-se de mim, que eu irei onde as suas ordens me mandarem. D'aqui volto á minha aldeia com alguns mezes de licença; e provavelmente lá ficarei, se conseguir a minha desligação do exercito.

Albertina embebeu as lagrimas no lenço, e murmurou soluçando:

— Parece-me que nos não veremos mais...

Silveira deteve-se a responder, abalado pelas lagrimas inesperadas. Quando ia a balbuciar resposta, Albertina sahiu da grade.

Parece que o mal comprehendido moço ainda tinha recanto no coração em que as lagrimas de Albertina cahiram!

Esta observação fiz eu ao velho Antonio da Silveira, e elle respondeu-me:

— Se tinha recanto de coração!... Não tinha... O coração inteiro estava cheio das minhas lagrimas.

Queria dizer o mesmo, ao que me parece e penso da linguagem figurativa dos que amam.

V

Antonio da Silveira procurou o doutor Negro, e disse-lhe:

— A sr.ª D. Albertina é um coração extraordinario: espera triumphar pela morte, e contra éstas victorias não ha forças humanas.

— Pois morrera! — disse o doutor, batendo com ambos os punhos sobre a sonora capa de um Digesto.

— E não seria melhor que ella vivesse, meu bom amigo? — tornou Silveira — Eu acho duro de mais o seu rancor!

— E eu acho incivil de mais a sua reprimenda, sr. Silveira! — bradou Francisco Simões assanhado.

— Peço perdão: excedi-me; desculpe-m'o á tristesa com que sahi da grade do convento.

— E não o entristece a minha desgraça, a minha vergonha, o perdimento da minha intelligencia, a pobresa imminente, a morte proxima? Não vê que eu deixo ahi uma viuva despresada dos seus parentes, porque é minha mulher, e uma... uma filha amaldiçoada, sem protecção de ninguem, repellida talvez d'esse mesmo villão que ahi está preso? Isto não o compadece, sr. Silveira?

— Compunge-me devéras — respondeu o moço, com os olhos afogados em lagrimas — E na intenção de salvar-se a vida preciosa de v. s.ª, é que eu...

— Me aconselhava a dar minha filha ao miseravel... atalhou concentrado iradamente o doutor.

— Aconselhar não ouso tanto... Pedia o em nome de sua filha querida e unica, é ella que de joelhos lh'o está rogando...

— E' falso! — bradou elle—é falso! Essa mulher não ajoelha nem supplíca. E' a mais soberba malvadez que eu tenho visto! Depois que voltou para casa, encerrou-se no seu quarto, e cinco dias aquelles dentes cerrados não receberam alimento, nem deixaram sahir uma unica palavra em resposta aos meus queixumes, que terminavam em rogos. Desistiu da idéa de morrer á fome, quando se resolveu a despenhar-se em mais negra voragem de opprobrio! Quando a fiz capturar nas escadas da Relação, sabe o senhor o que ella disse aos meirinhos? Ouça isto: «Se me levam a casa hão de entrar com um cadaver á presença de meu pae!» Fui avisado e tive de pôl-a a caminho immeditamente para Braga, e mandar adiante preparar-lhe uma cella no convento. Nunca me escreveu: apenas responde ás cartas da mãe n'uns termos tão seccos e altaneiros que parece escrever d'entre as regalias de uma opulencia sobranceira á baixesa de sua familia! Como vem v. s.ª dizer-me que minha filha me pede de joelhos?... O sr. Silveira tem o sextro de ser inexacto, porque é extremamente piedoso!... Uma hora, condemna-se para a salvar; outra hora... E' um bom moço, sr. Silveira!... é o senhor um coração admiravel! — disse affectuosamente o doutor, apertando-lhe a mão

Meu amigo, está innocente de mais para lidar com este mundo. Fuja d'estas ulceras. Vá para a sua aldeia, e esqueça-se de que sahiu de lá. Guarde esse optimo thesouro para uma mulher, que lhe ha de lá ir ter guiada pela mão do seu anjo bóm. Se tiver filhas, não passe com ellas os limites da sua pequena área. Não lhes diga mesmo que conheceu uma desgraçada desobediente a seu pae. Não as eduque. Ignorancia, que é a virtude; estupidez, que é a felicidade. Trevas, trevas, meu amigo; que toda a luz de entendimento é uma faisca do inferno. A perversidade nasceu com a sciencia da primeira mulher. Acreditemos a Biblia, que esta verdade é uma grande verdade, porque é atroz, porque é a historia, porque é o exemplo de todos os dias, a serpente hedionda, que envolve todos os seculos com as suas roscas, e revessa golphos de peçonha no seio de cada familia, onde apparece uma mulher mais allumiada que o vulgo.

Quiz Antonio da Silveira induzir d'este arrazoado uns longes de turvamento intellectual. Não contrariou a torrente, que rebentava do peito arquejante do velho. Deixou-o declamar longo tempo phrases desatadas e assim mesmo eloquentes. O final da expansiva declamação fechou n'estas palavras:

— Minha filha ha de ser muito desgraçada, ainda mesmo que o homem, que m'a roubou, venha a ser seu marido, e a felicidade mentirosa lhes dê a ephemera embriaguez do crime satisfeito. Eu morrerei, sem a ter visto no ultimo degrau da miseria; mas v. s.ª viverá para lembrar-se das derradeiras palavras proferidas pelo velho, que chora em suas mãos.

Antonio da Silveira, antes de sahir do Porto para

Traz-os-Montes, foi á cadeia: era a ultima tentativa.

Contou a João Chrysostomo o que devia contar, tendo em vista movêl-o a ser elle quem propriamente desvanecesse Albertina de esperanças irrealisaveis. O preso escutou-o, sem interrompel-o, e disse socegadamente:

—Se eu me visse a braços com a tentação de dizer á sr.ª D. Albertina que me deixasse ser feliz, lastimar-me-hia de ter bastantes crenças religiosas para não tentar contra a sua vida; mas, com todo o fervor da oração de um desgraçado, em risco de ser infame, pediria a Deus que me matasse. E' o que posso responder a v. s.ª, agradecendo-lhe infinitamente o zelo e caridade com que tem procurado melhorar a minha situação, e asseverando-lhe que ella é menos dolorosa do que se afigura ás pessoas a quem afflige o meu padecimento.

Antonio da Silveira, ao despedir-se, inclinou a cabeça diante do condemnado, e disse entre si: «Elle é digno d'ella».

Partiu para a sua terra, com promessa de ser informado da successão dos acontecimentos, por um cavalheiro, amigo de Francisco Simões de Alpedrinha.

Poucos dias depois, algumas pessoas, obrigadas ao doutor Negro, planearam, a occultas d'elle, remover de Portugal o preso, offerecendo-lhe avultosa quantia de dinheiro, com que elle podesse estabelecer-se no Brasil. A condescendencia do condemnado davam-n'a já como certa, e contavam com o perdão do doutor Negro, essencial ao projecto.

O encarregado de propôr o negocio ao preso era um pae de meninas galantes, e bem casadas, o qual no prefacio que fez ao offerecer-se para similhante

missão, disse isto, entre outras coisas comprovativas da sua espertesa:

— Duas de minhas filhas tiveram tendencia para petimetres que tafulavam miraculosamente, e vestiam de bom lemiste. Um tinha o avô a bater sola, e o pae era frade bôrra. O da outra era mestre de dança e tocava flautim n'uma musica de capella. Vejam v. s.as a que está sujeito um homem de bem que tem duas filhas sem juizo! Cuidam, porém, v. s.as que eu tranquei as janellas, ou preveni as justiças contra a annunciada tentativa de rapto? Não, senhores. A grande habilidade, n'este covil de ladrões, chamado *mundo*, conforme o dizer de Thomé Pinheiro da Veiga, na dedicatoria da sua *Arte de furtar*, a grande habilidade, repito, não é ganhar: é saber perder a tempo. Que fiz eu, pois? V. s.as, vão ficar espantados! Perdi o amor a quatro mil cruzados, que reparti pelos dois mariolas. Um foi receber os seus dois a Madrid; e o outro a quota parte a Barcelona, onde eu tinha correspodentes. Assim que elles partiram, chamei as raparigas, e disse-lhes, textuaes palavras, o seguinte: «Meninas, antes de hontem cada uma de vossas mercês tinha doze mil cruzados de dote para se casarem com pessoas da minha eleição. Ora, hontem, como eu soubesse que vossas mercês se decidiram a amar dois sevandijas, um que vivia do convento onde o pae frade lhe arrebanhava o bocado, e outro, que vivia de ensinar o minuete e de flautear nas egrejas, tomei a meu encargo paternal livrar a vossas mercês d'estes canalhas, mediante a quantia de quatro mil cruzados, com que elles se accomodaram e desistiram das suas pessoas de vossas mercês, indo-se em boa paz e muito contentes da veniaga por

esse mundo além. Saibam agora as minhas filhas que o dote de cada uma fica sendo de dez mil cruzados, porque é justo que paguem da sua algibeira o muito que lucraram com verem-se livres de taes patifes. Saibam agora mais as minhas filhas que eu, como bom pae e bom administrador dos seus dotes, estou resolvido a continuar n'estas negociações, todas as vezes que vossas mercês de seu moto proprio escolherem maridos. O resultado d'isto será as meninas ficarem, n'este andar, tão pobres, que a final não possam escolher em ninguem. Pensem, e façam o que fôr da sua vontade.» Disse, e deixei-as a pensar. Ora, senhores, façam v. s.as idéa que passaram tres annos sem que me soasse a mais leve desconfiança de que minhas filhas doidejassem na janella ou na missa! Quando entendi em casal-as convenientemente, achei-as macias como uma luva. Lá estão casadas, cada uma com o seu dote de dez mil cruzados. Os dois ainda estão a render juizo para as minhas netas, o juro do juizo que é trezentos por um, porque minhas filhas já sabem como se faz ou refaz o miôlo que não existe, ou o miôlo que requer reformação.

Foi muito festejado dos auditores o conto, que até áquella hora fôra um segredo, segredo que denota ainda a exemplar espertesa do narrador; que o divulgal-o, antes de se casarem as meninas, seria desaire d'ellas, e estorvos a maridos superciliosos.

Havia muito a esperar d'este ladino engenho. Os amigos do doutor (clientes d'elle, temeroso da perda de tão bom patrono...) fintaram-se em quantias, que sommavam bons seis mil cruzados.

—Com esta quantia,—exclamava o sujeito astuto em compras de corações amantes,—dou desde já

como feito o negocio. Cada real effigie de cada peça de 6$400 tem uma bocca eloquente a advogar a causa da justiça.

Isto dito, com muito jubilo exterior dos ouvintes, e com secreto pesar de se sacrificarem tão liberalmente ao doutor, o commissionado partiu para a cadeia.

Foi João Chrysostomo chamado á sala do carcereiro, onde era esperado de pessoa grave.

Achou-se o preso em presença do seu já conhecido amigo do doutor, o sr. Costa Silva, o qual começou assim:

— Venha cá, sente-se ao pé de mim, sr. João... Rapaziadas, rapaziadas! — continuou, accentuando syllabicamente as palavras com ridente aspecto, e batendo lhe palmadas na perna — O coração é o demonio, sr. João!... Se a gente quando chega aos dezoito annos, podesse tirar isto do peito como quem tira um lobinho do espinhaço, outro gallo nos cantára!... Eu, na sua edade, sr. João, o que me valeu foi ter um pae que me trazia com cabeções; senão as asneiras haviam de ser tantas como os gafanhotos da praga. As mulheres, as mulheres, sr. João! Esta cruel metade do homem dispensava-se bem, se o Creador houvesse feito de uma assentada o homem inteiro. Por causa d'ellas diz a historia que se tem perdido nações. Que admira que se perca um homem por maior que seja o seu tino e por mais christãos que sejam os seus csstumes! Até os santos tem estado a pique de se perderem, e eu creio até que alguns se perderam por causa d'ellas. O proprio S. João Chrysostomo (que exemplo este! de mais a mais é o santo do seu nome!) viu-se em apertos no deserto com saudades d'ellas, e confessa

que foi o que mais lhe custou a deixar! O sr. João perdeu-se por causa d'uma; está ainda em tempo de se recobrar, de voltar ao bom caminho, e fazer-se homem util a si e á sociedade. Vamos, pois, sr. João a pensar no modo de sahirmos d'estes apuros, d'estes sujos bêcos á estrada real, limpa, e honrada. Está vossemecê por isto, sr. João?

O preso respondeu:

— Ouvil-o-hei, sr. Costa Silva, com respeitosa attenção, pedindo, primeiro, licença, para lhe emendar a phrase dos *bêcos sujos*. Eu não me considero tão enlameado quanto v. s.ª tem a caridade de me julgar.

— Isto é um modo de fallar por figura — replicou o sr. Costa — Sabe que ha uns modos de fallar...

— Sim, senhor: agora intendi a intençãe de v. s.ª, queira perdoar a interrupção.

O negociador sentiu se algum tanto embotado de engenho, por causa d'estas pacificas e serenas refiexões do preso. Parece que o snr. Costa não tinha cabal conhecimento da pessoa sobre quem ia exercer a pressão do seu talento, coadjuvado pela compressão dos seis mil cruzados. Não obstante, refez-se de confiança em si e no dinheiro, e proseguiu, mareando n'outro rumo.

—S. João Chrysostomo, em sempre ouvi dizer que vossemecê tinha habilidade e estudos; e agora vejo que a opinião publica lhe não fazia favor nenhum.

— Muito obrigado; é á bondade de v. s.ª que devo essa graça — disse o preso rebuçando habilmente a ironia.

— Eu costumo dizer o que sinto: se vossemecê fosse um pateta, dizia-lh'o tambem. *Amicus Plato, sed*... O sr. João sabe latim?

— Não, senhor, não sei latim. Fui lavrador, depois moço de carregar n'uma loja de molhados no Rio de Janeiro, depois voltei á lavoura; melhorei na vida de amanuense, onde aprendi um pouquinho de francez, e pouco mais.

— Pois aproveitou muito, e está em tempo de aproveitar o que lhe falta. O latim é a lingua de Cicero, e Cicero é o meu homem. Eu queria ser Cicero, palavra de honra, com a condição mesmamente de perder a cabeça! O sr. João sabe o seu bocado de historia... Ha de estar certo da passagem em que o preclaro orador foi degolado...

— Sim, senhor, recordo-me...

— Pois Cicero dizia em latim: *Negligere quid de se quisque sentiat, non solum arrogantis est, sed etiam omnino dissoluti*; o que em portuguez quer dizer: *Sómente o homem despejado e dissoluto despreza o conceito que a sociedade faz d'elle*. O discurso, que eu venho fazer ao sr. João, bem agourado vae começando pelas citadas palavras do divino Cicero. Já vossemecê sabe onde eu quero chegar.

— Ainda não — disse o preso.

— Pois então ahi vou direito á materia. Um pae é, abaixo de Deus, o que ha mais venerando e sacritissimo para um filho. A um pae devemos a vida, os bens, e a liberdade: *vita, patrimonium, libertas*, como diz Cicero. Este mesmo insigne philosopho diz mais: que toda a paciencia em soffrermos o alvedrio dos paes, ainda mesmo as injurias, *parentum injurias*, lhes é devida: *æquo animo ferre oportet*; e, se me dá attenção, dir-lhe-hei mais, como Cicero, que é maximo crime faltar com a obediencia aos paes: *Peccatum est parentes violare*.

João Chrysostomo sorriu do tom emphatico e pe-

dagogico do sr. Januario Costa Silva, que antes de casar com uma herdeira rica, havia exercitado as dignas funcções de professor de rhetorica em Braga, d'onde era natural.

Enlevado da propria musica do seu dizer, quasi esquecido da rhetorica dos seis mil cruzados, o ex-professor fez praça de outras citações, e concluiu d'este theor:

—E' preciso sair d'aqui, sr. João. O corpo humano não tolera uma tal estagnação, deixe-me assim dizer. O movimento é a vida. *Exercendum est corpus*, como diz Cicero no *I. de Officiis*. Venho aqui dizer-lhe com a consolação de uma alma que se condce dos infortunios alheios, que estes ferrolhos se lhe abrem, e que o mundo está prompto a recebel-o, comtanto que o sr. João queira ir residir por algum tempo no novo mundo.

—No novo, ou no outro?—atalhou João Chrysostomo soffreando mal o tom da galhofa.

— Pergunta-me isso a rir?!—interrogou o amante de Cicero, avincando a fronte.

—Respondo com seriedade para desistirmos, v. s.ª da sua latinidade, e eu dos meus sorrisos—acudiu prestemente João Chrysostomo —Vem v. s.ª tratar uma questão estafada. E' o quarto amigo do sr. doutor Alpedrinha a quem respondo que a minha sentença é de prisão e não de degredo. Se o sr. doutor Alpedrinha me queria na Africa, na India, ou no Brasil, empregasse um pouco mais da sua influencia: quem me deu tres annos de prisão poderia com egual consciencia dar-me degredo perpetuo. Eu não emendo agora os descuidos do sr. doutor. Estou aqui: d'aqui sahirei cumprida a sentença.

— Mas se morrer antes?! — atalhou o rhetorico.

— Se morrer antes...—volveu o preso, sorrindo — parece-lhe a v. s.ª que ficarei na cadeia, cumprida a sentença? Que diz Cicero a este respeito?

— Vocemecê zomba de mim? — perguntou, rubro de lacre até ás orelhas, o sr. Costa Silva.

— Não, senhor: é de mim que zombo; e recebo as suas ordens, para me retirar, que as minhas horas estão todas hypothecadas á minha subsistencia.

— Espere, e attenda! — tornou o desarvorado negociador.

— Queira dizer v. s.ª

— Olhe que tem a liberdade, e... ouça bem... e... chegue-se mais perto que as paredes tem ouvidos.

João aproximou-se, e o sr. Costa continuou com voz cavernosa e um tanto assustada:

— Tem a liberdade e seis mil cruzados em moedas de ouro!

João mediu dos pés á cabeça o sugeito, fez-se livido, mordeu o beiço inferior e disse:

— A sua cabeça está branca, sr. Costa. E' forçoso respeitar um homem que é pae, porque eu ha dias que choro com pesar de não ter obedecido ao meu. Se eu vivesse no trabalho dos campos onde nasci, ninguem me faria tão aviltante proposta. Sou menos infame, senhor.

E sahiu logo da sala para entrar no seu quarto.

O interlocutor sahiu tambem limpando as camarinhas do suor.

A espertesa, e a rhetorica, e Cicero soffreram uma derrota na pessoa do sr. Januario Costa e Silva. O soldado escapadiço das Thermopilas, ao annunciar a morte de Leonidas e dos trezentos bravos, ia menos amarello que o interprete de Quinti-

liano, quando foi dar conta da sua missão aos amigos do doutor Negro reunidos no Passeio das Virtudes. D'estes houve tal que tambem perdeu a côr, abalado pelo jubilo de ser desnecessario o sacrificio do dinheiro. No emtanto, a um tempo proromperam todos em injurias desbragadas contra o preso, cuja infamia os pozera em assombro grande, a infamia de resistir a seis mil cruzados!

VI

Excepto Antonio da Silveira, nenhum alvitreiro de recursos pensava já no infortunio do doutor Negro, depois da severa lição imposta ao agente, que se fôra á luta com o peito tresdobrado de aço, *æs triplex*, a eloquencia propria, a eloquencia de Cicero, e a eloquencia das reaes efigies das peças.

Antonio da Silveira, porém, sabedor do infausto exito da mal aconselhada empresa, lembrou que fossem a Vairão, e trouxessem o pae do preso á cadeia, e de casa do doutor levassem ao convento a mãe da reclusa, e esperassem muito, assim da auctoridade do velho, como das lagrimas da consternada senhora. O lavrador, solicitado para ir á Relação, respondeu que não tinha tal filho, e applaudiu as justas leis que lh'o tinham condemnado, visto que elle roubára a filha do seu protector. A mãe de Albertina pediu licença ao marido para ir ao convento, e o doutor respondeu que não tinha filha nenhuma, nem consentia que sua mulher a tivesse.

No homem rustico de Vairão a cruesa procedia da má indole; da resistencia do doutor havemos de

inferir que a muita dôr o ia dementando. Vieram a egualar-se assim dois animos, entre os quaes se interpunha a barreira enorme da ignorancia: é certo que as paixões dão resultados uniformes nas almas de todo o ponto dissemelhantes.

Não havia mais que fazer. Os amigos do doutor cuidaram cada qual da sua vida; e, avisados pelo exemplo, os que tinham filhas, trancaram mais a seguro as portas e janellas. O antigo mestre da arte de fallar bem, ainda uma vez, foi a casa do doutor, declamar algumas sentenças de Cicero, não menos consoladoras que esta: *Summa est stultitia frustra confici dolore, cum intelligas nihil posse proficí*[1]. Queria dizer o atrabiliario latinista que «o summo da tolice é atormentar-se a gente em querer remediar o que não tem remedio». O doutor Negro repelliu a maxima do orador pagão como tinha repellido os dictames de Jesus, todos caridade e indulgencia, insinuados em repetidas cartas de Antonio da Silveira, para quem o casarem-se os dois infelizes era já a unica sahida honrada e plausivel.

Volvidos poucos mezes, esquecera tudo. João Chrysostomo lá estava contando o tempo da sua sentença. Albertina, conformada com a tristeza do convento, admirava-se da resignação com que a Providencia equilibra as forças humanas com o peso das grandes desgraças. Vivia, e espantava-se de viver.

O doutor Francisco Simões de Alpedrinha, depois de um anno de inactividade e atrophia intellectual, voltou ao trabalho do fôro.

---

[1] 3. Tuscul.

Acudiram novamente os clientes; porém, observou-se que a palavra do doutor Negro era emperrada, frouxa, desluzida do antigo brilho. Breves clarões relampeiavam nos seus discursos; isto fazia mais sensivel a confusão e escuridade das suas idéas depois das raras intermittencias luminosas. A espaços, ficava-se n'um mutismo e introversão da alma que fazia dó. Então se lhe carregavam de lagrimas os olhos; e quem assim o via mal saberia dizer se o quebrado velho chorava de saudoso da filha, se da perda do seu talento. Ambas as dôres seriam, e a perspectiva da pobreza com ellas.

Ha um medico celestial que Deus põe á beira de cada enfermo das doenças perigosas do espirito: não medico, antes anjo deverei chamar-lhe, anjo que sustem nas mãos candidissimas a urna dos balsamos, colhidos nas flores do Evangelho. E' o TRABALHO.

A trabalhar, nas horas disputadas á sua inquieta angustia, a pouco e pouco alvoreceu o dia explendido d'aquelle engenho escurecido. O doutor reconheceu-se na virilidade do seu talento, quando foi defender uma supposta infanticida. A eloquencia com que elle demonstrou a impossibilidade de uma mãe matar seu filho, no momento em que elle se lhe encosta ao seio a procurar o primeiro sorvo de alimento, arrancou taes lagrimas, e tão fundos gemidos do coração da ré, que o juiz e os espectadores viram a innocencia onde talvez estivesse o remorso. Foi a mulher absolta, e os creditos do doutor Negro restaurados. Este triumpho alegrou-o, consolou-o, coloriu-lhe o ar da vida com uns matizes, que se desbotam aos olhos de quem sente afogar-se nas mãos da desgraça.

O trabalho tambem era o esteio de João Chrysostomo. Por pouquissimas moedas de cobre copiava sentenças e notas, desde que lhe desferrolhavam a janella do seu quarto, até ao anoitecer. O tempo, que perdia a alimentar-se, era tão breve como o alimento. Os lucros não lhe davam para a luz artificial.

O trabalho era ainda o amparo de Albertina, que acceitava obras de pouco ou muito estipendio, como costuras grosseiras, ou bordados a cabello e renda de bilros: todas as tarefas acceitava para que nenhuma hora o coração a encontrasse desoccupada.

Com o andar do tempo, amolleceram as durezas das religiosas dos Remedios. Davam já mais largas á reclusa, e esqueciam-se de vigial-a. Como a viam tranquilla e afreimada em seus lavores, entendiam avisadamente que as tentações do demonio difficultosamente pegam da pessoa laboriosa: é por isso, diziam as senhoras lidas em vidas de santos, que os anachoretas faziam cestos de vime no deserto, impenetraveis escudos, e não cestos, contra as frechadas de satanaz.

Albertina podia já ir sósinha ao parlatorio tratar com as pessoas que lhe davam obras. Algumas senhoras bracharenses, sabedoras e compadecidas da triste sorte da reclusa, quizeram conhecel-a, e procuraram-na, sob côr de lhe encommendarem bordados. Entre estas deparou-se a Albertina uma dama de bom nome—e não *dama* no sentido em que a tomavam alguns nossos classicos—a qual, mais que nenhuma outra, lhe deu azo a fallar de suas melancolias e desventuras. Com a repetição das insuspeitas visitas nasceu e cresceu a tanto a confiança, que, em breve tempo, as duas senhoras se

estimaram, quanto era possivel, para que a de fóra se encarregasse de enviar as cartas de Albertina ao preso, e as do preso á sua amiga.

Estabeleceu-se a correspondencia, depois de dezenove mezes de se não poderem trocar duas palavras de esperança e alento. Deviam de amar-se muito para resistirem á ausencia, que as mais impetuosas e robustas paixões desfaz. A ausencia, só por si tem feito, n'este genero de enfermidades, curas milagrosas; então, que milagres não fará a ausencia com o silencio? Pois ahi estão dois exemplos de almas de tempera rija, não sei se para bem, se para mal: admiraveis porém.

Albertina andou mal acautelada na sua felicidade; deixou-se adivinhar na alegria que lhe sahia aos olhos, á côr, e ao sorriso. As freiras leram-lhe no rosto o peccado do coração, e lançaram espias no campo do demonio tentador. Mais por aqui, mais por ali, umas probabilidades abriram brecha ás outras, e a mais ladina ou inspirada das virtuosas olheiras poz o dedo na ferida. A' dama generosa foi logo denegada a entrada á grade, e Albertina prohibida de ir ao locutorio. E mais não havia ainda a certeza de existirem cartas! A preventiva é a melhor das medicinas. Bem hajam as freiras que punham o cauterio á carne sã para evitar a podridão da chaga, que poderia apparecer.

Foi avisado o doutor Alpedrinha das suspeitas e severidades subsequentes com que se houveram as religiosas. O doutor lançou inculcas, e soube que João Chrysostomo havia recebido cartas carimbadas em Braga, por espaço de oito semanas. Approvou logo plenamente o procedimento das freiras, louvando-lh'o com encarecidos termos de gratidão, e

auctorisando-as a tudo que redundasse em beneficio da sua honra d'elle, e dignidade de sua filha.

Seguiram-se mezes de ineffavel desesperação para os dois presos. A amiga de Albertina prevenira João Chrysostomo, devolvendo-lhe as duas ultimas cartas que já não podéra entregar á preza; a boa protectora d'estes infelizes mostrava-se pesarosa de ter motivado uma correspondencia, que os acordára da lethargia para os despenhar no inferno.

Este pesar, que a martellava de continuo, suggeria-lhe idéas de remediar o mal com um mal simi lhante: nenhuma era de aproveitar; todos os alvitres lhe sahiam desarrasoados. Queixava-se ella, um dia, de ser parte no infortunio da desgraçada Albertina, em presença de cavalheiros e senhoras que frequentavam sua casa. Um dos cavalheiros, sujeito de annos, e cabellos grisalhos, ouvindo-a commovido, acceitou como justa a censura ao cru despotismo das madres anciãs do convento, e disse:

—Eu farei alguma coisa no sentido de desopprimir v. ex.ª do seu remorso.

No dia seguinte, quem tal diria! voltou o cavalheiro, e disse:

—Póde v. ex.ª ir á grade, quando quizer; mas leve tinteiro e papel; porque a sua amiga está prohibida de ter estes instrumentos do peccado na cella.

E, de feito, a senhora foi ao convento, deu-se-lhe grade, esteve com Albertina, esperou que ella escrevesse a João Chrysostomo, e ficou de voltar na semana seguinte, que assim lh'o prescrevêra o cavalheiro agente d'este successo estranho, que merece explicação.

Fôra o caso que, trinta annos antes, a prelada do mosteiro tinha sido nova e bella; e o sugeito dos

cabellos brancos fôra então um moço de cabellos negros, e muito dado aos innocentes colloquios dos conventos. Estas duas pessoas amaram-se, com a puresa costumada em taes amores, por espaço de quinze annos; depois separaram-se, elle para casar, e ella para restituir ao divino esposo alguns grãos de incenso que, por descuido de esposa nova e galante, haviam cahido fóra do thurybulo. Depois da separação, ficaram ainda amigos; que esta vantagem tem de si os affectos immaculados, que vão pela vida além vaporando sempre gratos aromas.

Portanto, foi o cavalheiro ao convento, chamou a digna prelada, o exordiando na pontaria do assumpto, fallou delicadamente no passado. A velhinha, escutando-o, poderia dizer como Dido á sua irmã Anninhas:

Reconheço os signaes da antiga chamma [1]

Assim o dava a entender do ar de melancolica saudade com que expediu do peito um ai tremulo, o qual ai bem poderia ser gemido de contricta, se é que amor tão sem nodoa estava no caso de dar penas a quem o sentira.

Depois do exordio, seguiu-se o discurso.

O cavalheiro descreveu as paixões contrariadas n'um tom plangitivo. Embebeu uma lagrima por hypothese no lenço, e fez que engulia outra n'um soluço. Bem sabia elle que vantagem vae em seguir o preceito de Horacio: «Se queres que eu chore, chora tu primeiro» [2]. A prelada provou que o poeta

---

[1] ...*Agnosco veteris vestigia flammae.* Virg. Eneid. liv. IV, v. 23.

[2] *Si vis me flere dolendum est primum ipsi tibi.* Art. Poet v. 102.

romano entendia bastante do coração da gente. Chorou. A occasião era aquella. O cavalheiro, cujo nome, a meu pesar, não sei, nem já agora o saberá a historia, assim que a viu chorar, aproveitou o chuveiro das lagrimas para atirar a semente da sua doutrina ao coração já montezinho da sexagenaria senhora. Pintou a tortura infligida por um pae tyranno á misera Albertina; fez duas viagens sinistras ao descrever os horrores da cadeia, em que se contorcia o moço traspassado das mil lanças d'um amor immenso em noite infinita, sem alva de esperança. A religiosa deu um testemunho de sua muita sensibilidade, desmaiando quasi, ouvidas estas palavras do cavalheiro:

— São duas mortes que faz a lei, mediante dois algozes. Na Relação do Porto ha um carcereiro que diz á victima: «ahi morrerás!» No convento dos Remedios de Braga, é a virtuosa prelada, que diz á reclusa: «morre ahi abafada, mulher, que amas, como eu amei; mulher, que fizeste o que eu faria, se não tivesse deposto a minha liberdade aos pés da cruz!»

Palavras que a fulminaram!

Ao assomar-se do seu lethargo, a prelada murmurou:

— Que hei de eu fazer-lhe, que me não desavenha com Deus?

— Faça o que v. ex.ª quereria que lhe fizessem: o preceito divino é este. Consinta-lhe que ella seja visitada pela sua amiga expulsa brutalmente — peço perdão do termo — expulsa d'estas grades com uma incivilidade desacostumada n'esta casa.

— Pois que venha — atalhou a religiosa — e Deus se digne perdoar-me, se me desvio dos meus deveres.

— Albertina — redarguiu o triumphador do coração impedernido — nunca sahirá dos deveres d'ella nem se fará digna de que v. ex.ª lhe imponha os seus como prelada.

E o mais que disseram n'este acto não tem que vêr com o romance. O certo e sabido é que recomeçaram os dois desterrados do mundo a sua correspondencia, com mais sisudas precauções. João Chrysostomo recebia da mão de pessoa amiga do cavalheiro bracarense as cartas de Albertina, e as d'elle, entregues ao mesmo medianeiro, entravam insuspeitas no correio.

Algumas religiosas de vida exemplar e cheiro de predestinadas, quando viram Albertina outra vez contente, e licenciada a receber visitas, foram em corporação á prioresa pedir explicação do escandalo. A interpellada ouviu-as com medo, e — seja-lhe perdoada a pia fraude! — para justificar-se inventou que ouvira, estando em côro na oração mental, uma voz a dizer-lhe: *Albertina, está innocente; não a mortifiques; deixa-a ir ás grades, que o seu anjo custodio irá com ella.* Isto fez impressão nas velhas, que eram mais santas que illustradas; uma apenas teve as scepticas entranhas de resmungar de si para si que a prelada não tinha virtudes, que merecessem fallar com ella um espirito invisivel e de boa casta.

Como quer que fosse, as virtuosas accomodaram-se, e o cartearem-se os dois venturosos continuou sem intercadencia por espaço de um anno.

O doutor Negro, ao avisinhar-se o termo da sentença de João Chrysostomo, recahiu em novas inquietações e vertigens, effeito de muito cogitar no modo de furtar a filha aos previstos atrevimentos

do inflexivel raptor. Pensou em tiral-a de Portugal, e mandal-a aos parentes brasileiros; mas contra esta evasiva sahia-lhe logo João Chrysostomo no caminho do Brasil. Pensou desconchavos de maior tomo, e algum muito abominavel por sanguinario. Lembrou-se de assalariar um assassino, e desfazer-se do inimigo, apenas se lhe abrissem as portas do carcere.

Esta horrenda vertigem enlouqueceu-o por poucas horas. Graças, porém, ao coração de pae, onde o Senhor influe suavidade e branduras incombinaveis com a crueldade, o doutor envergonhou-se da negrura do seu intento, e pediu á Providencia que o inspirasee.

Mau costume este dos que soffrem dôres do orgulho, da soberba, e de paixões mais ruins ainda, avocarem a Providencia ao seu partido, e darem-lhe a direcção das suas iniquas traças. A filha de Deus não lhes responde, nem os inspira, nem lhes desabrolha o caminho que vão trilhando com os pés sangrentos. Segue-se d'ahi o raivarem contra a Providencia, e o negarem-na como coisa inerte, inventada pela phantasia dos que soffrem. N'este escolho, infamado de naufragios de muitas almas boas, sossobram a cada hora os desgraçados que sentem a precisão da divindade, quando o braço proprio lhes fallece no conseguimento de seus maus designios.

Francisco Simões Alpedrinha era philosopho, philosopho dos que dispensam Deus. Achou-o então necessario: invocou-o. Se do céu lhe fallassem, mandal-o-iam que ouvisse o seu Voltaire, evangelista predilecto do doutor Negro.

VII

No penultimo dia da sentença de João Chrysostomo, o doutor Negro annunciou-se na portaria do convento dos Remedios, e fez saber á prelada que sua filha havia de seguil-o. A religiosa, ferida do tom brusco do doutor, e até das expressões com que elle denunciava suas desconfianças, e despreciava as falsas virtudes do convento, defendeu a reclusa, e a honra da casa. Irou-se o velho, e perorou como nas audiencias, bracejando e ululando com tal volume de voz qne todos os eccos do mosteiro gritavam lá por dentro com elle. O mais bravo artigo do libello era d'esta sem-rasão: «que a filha vivia «alegre: signal certo de que estava em intelligen«cia com o scelerado da cadeia: por quanto, se «ella vivesse, como elle ordenára, havia de ter ce«dido ou morrido.» Sobre este thema, o jurisconsulto deu berros, que inteiriçaram de glacial terror os corpos já frios de muitas velhinhas do mosteiro.

Albertina, quando recebeu o aviso, rompeu em pranto desfeito, rogando ás freiras que não a entregassem á vingança do pae. A communidade, temearos do escandalo, e do arcebispo com quem o dou-

tor as ameaçava, instava pela prompta sahida de Albertina. Enfardaram-lhe os vestidos a toda a pressa, deram-lhe muitos beijos e abraços, e levaram-n'a processionalmente á portaria.

O doutor Negro, feita uma secca mesura ás freiras deu o braço á filha e conduziu-a silencioso ás portas da cidade, onde os esperavam duas liteiras. Albertina, reconhecendo sua mãe n'uma das liteiras, soltou um ai de alegre surpresa; sabia que tinha ali um seio maternal onde chorar. Grande contentamento e rara fortuna ter a gente quem nos deixe chorar na sua presença, sem medo de zombaria, ou da injuria, disfarçada em conselho!

O doutor entrou na outra locomotiva, e mandou andar. As liteiras pararam em Barcellos. No outro dia, seguiram para Vianna; e ao cabo de algumas jornadas, pararam em Valença. D'aqui, Albertina e sua mãe, acompanhadas de dois sujeitos de grave sombra, e modos de pessoas palacianas, partiram na estrada de Monção; e o doutor, despedindo-se da mulher e filha, com visiveis mostras de amargura, voltou para o Porto.

Os cavalheiros eram os dois doutores Valladares, condiscipulos e amigos de Francisco Alpedrinha. A casa dos doutores era nas cercanias de Monção, em uma aldeia chamada Barbeita. O doutor Negro lembrou se d'elles d'elles, e pediu-lhes refugio para a filha. Os Valladares deram ao amigo toda a caução pela segurança de Albertina, e sahiram a esperal-a, assim que lhes chegou aviso da ida.

Simão de Valladares teria cincoenta e cinco annos, e era solteiro e senhor da casa. O outro irmão, Fernando de Valladares, era casado, e tinha filhas.

Albertina e sua mãe foram recebidas pelas meninas, e mãe d'estas, com muito carinho e hospedagem de parentas. Havia um piano. Albertina, quando o viu, sentiu uns rebates de saudade do tempo em que João Chrysostomo a ouvia tocar. Marejaram-lhe os olhos. A mãe entendeu a dôr da filha, e disse-lhe :

— Ha mais de tres annos que não tocas, Albertina...

— E' verdade, minha mãe — respondeu — creio que já não sei.

Pediram-lhe as meninas que experimentasse. Foi ella ao piano e deu admiraveis escalas com uma velocidade que parecia febre de inspirada artista. Nunca os de Barbeita cuidaram que o seu piano podesse dar aquelle estrondo e harmonia. De subito, o teclado soluçou uma pianissima toada, que fez tristesa no animo de todos. As faces de Albertina estavam aljofradas de lagrimas.

De hora a hora recresciam as sympathias por Albertina. Os Valladares convidaram parentes para quebrarem a monotonia do seu viver costumeiro, a fim de divertirem a concentrada hospeda, que nem por comprazimento já podia sorrir aos disvellos da cariciosa familia.

Deram-lhe um quarto de dormir com janellas sobre um pomar de amendoeiras e limoeiros. As noites eram de estio. Albertina velava até aos primeiros assomos do dia, com o peito em ancias ardentes, saudades desesperançadas, as dôres malditas que não tem, fóra das penas eternas, um nome condigno. Abria a janella, e sorvia a haustos a viração perfumada do jardim.

N'uma d'essas noites, vira ella um vulto de ho-

mem entre as laranjeiras, contemplando-a, e retirou-se, imaginando que bem poderia ser elle um amante, e ella uma importuna, que involuntariamente embaraçava a entrevista de alguma das meninas Valladares. N'uma das noites seguintes, voltou a deshoras á janella, e lá viu o vulto, e ouviu uma voz, que murmurava:

— Os ceus deem repouso ao seu infeliz coração, Albertina.

Retrahiu-se pressurosa, e baixou a vidraça.

Quem seria aquelle homem? A voz não lhe era estranha. Seria um amigo que a lastimava sinceramente? Poderia este amigo favorecel-a, encarregando-se de avisar João Chrysostomo?

Desvelou a noite a cogitar n'estas perguntas. A' noite seguinte, soadas as duas horas, correu a vidraça, lá estava o vulto.

Esperou tremente que lhe fallasse. Fitou-o, meneando a cabeça, como a provocal-o. Vacilava entre medrosa e resoluta. Era a mulher em antagonismo com a amante. O silencio do vulto era-lhe já uma contrariedade, e um despeito. Ia retirar-se, quando a mesma voz lhe disse:

— Quantos serão os desgraçados debaixo d'este ceu impassivel, sr.ª D. Albertina?

E ella, com a voz convulsa, respondeu:

— Desgraçada sei que o sou muito... Quem se condoe da minha desventura?

— O seu maior amigo n'este mundo. Não sei mesmo se seu pae o será tanto... Não me conhece ainda?...

Albertina reconhecera-o desde a primeira palavra da resposta.

Não se lhe alvoroce o coração, bem-querente lei-

tora. A surpresa é pouco para assombro, e menos para mutação da scena em romance.

O vulto era o do senhor da casa, Simão de Valladares, o morgado rico e pretendido, que, até ao seu anno quinquagesimo quinto, não soubera o que fosse amar, nem comprehendera a precisão de completar com a mulher a vida do espirito.

Quando viu Albertina, a ordem physica do mundo desmanchou-se, e recompoz-se em obsequio a elle, de modo que o globo desandou quarenta das suas rotações annuaes, e o morgado de Barbeita achou-se com quarenta annos de menos, e quinze para o coração, a desbordar do amor que arde nas compleições fogosas n'aquella edade. Se Simão de Valladares tivesse a experiencia do meu leitor de vinte annos, não se ia esconder entre os laranjaes com receio da irrisão; mas aquelle virginal amor, vagindo nas faxas infantis, doidejava como criança, e carecia do mysterio e poesia com que, pelo ordinario, nós todos, mais ou menos, acriançamos os nossos primeiros affectos.

Albertina ouviu-o: e com a santa naturalidade da innocencia insuspeitosa, respondeu a Simão que lhe perguntára se o conhecia:

—Agora conheci o sr. morgado. Já o vi n'outras noites, e tive susto. Não podia lembrar-me que fosse v. s.ª

—Com que pesar a tenho eu visto passar as suas noites em vigilia tão dolorosa!—tornou elle.

—Bem sabe que eu sou tão infeliz!...—volveu Albertina.—Meu pae quer a minha morte. Deus nos fará a vontade a ambos.

—Não morra, não, formoso anjo, que tão digna

é de uma vida recamada de todas as alegrias d'este mundo!

A vehemencia cariciosa d'este dizer pareceu estranha a Albertina, que, de mais a mais, vira o morgado ajuntar as mãos sobre o seio, quando fallava.

A innocencia da filha do doutor, d'aqui em diante, com respeito aos sentimentos do morgado, se eu a tentasse justificar, sahia-me disparatada. Eu não invento innocencias, sem necessidade. Uma vez por outra, poderei imitar o chimico inventor de cosmeticos carminados, com que se purpurejam as faces; e as faces, assim arranjadas, arguem pudor, que, se não é genuino, tambem não faz mal á natureza nem á arte. Analogicamente, nas novellas tenho por bom serviço que façamos uma innocencia parecida com o pudor dos cosmeticos, se virmos que a bôa moral se praz e rejubila com isso, salvas as leís da verdade e da natureza.

Por isso digo eu que Albertina, das palavras de Simão de Valladares, deduziu que era amada.

Haverá quem se admire dizendo-lhe eu que Albertina, convencida, por outras palavras ditas depois, que era amada, não soltou gemido de afflictiva surpresa, nem pediu aos ceus que a salvassem das novas penas com que vinha atormental-a o amor d'aquelle homem. Alguma gente se espanta, e com justiça, do pouco motivo que ha para se admirarem as coisas como ellas são, tirada a casca, e examinadas no ámago. As pessoas, que assim se admiram, confrange-se-lhes o animo, e são por isso infelizes. Lá está a velha maxima do entendido Horacio offerecida ao seu amigo Numicio «A talvez unica

arte de sermos felizes, é não nos espantarmos de coisa nenhuma.»[1]

A mulher, segundo bons authores, quasi todos poetas, é divina; eu por mim suspeito que ella não é absolutamente divina; mas inclino-me a crer que tem costella de divindade; e, se o não parece aos olhos da sã philosophia, é por que lhe faz damno o ter sido em parte fabricada da costella do homem. Seja como fôr, o seu tanto ou quê de divina, isso tem-n'o. E d'essa qualidade é que procede o acceitar ella, benignamente, como as divindades figuradas em marmore ou tella, os incensos de toda a gente, sem estremar a intenção boa ou má do culto. A lisonja, vá de onde fôr, nunca é offensiva, em quanto se não declara nos termos communs, ou dá visos de materialisar-se. Toda a mulher consente que a adorem com tanto que ella o não saiba da confissão propriamente do adorador. E algumas é de fé que as ha, puras quanto podem sel-o cherubins, as quaes perdoarão pelo divino amor de Deus ao homem aborrecido que ousar declarar-lhes que as ama. Esta grande virtude congenial tem ellas: é instincto; é caridade que não aprenderam no Evangelho: data desde a primeira mulher que se sentiu amada de dois homens, e omorosa de um só.

Assim cuido eu que explico a indulgencia com que Albertina escutou a revelação do morgado de Barbeita.

Mas os cincoenta e cinco annos do homem? Nem isso a horrorisou e petrificou?

---

[1] *Nil admirari, prope res est una, Numici,*
Solaque quæ possil facere, et servare beatum.
HOR. LIV. I. EP. VI. V. I.

N'esta questão é que eu não entro por suspeito: receio que me repliquem victoriosamente que eu advogo a minha causa, advogando a dos velhos. Mas a pergunta vem fóra da linha. Que fazia ou importava a Albertina a edade de Simão de Valladares, se ella nem sequer havia de alguma vez perguntar á sua consciencia se poderia amal-o?

Horrorisar-se ou empedrenir-se! Sejamos parcos no uso d'estas palavras que andam por de mais nos vocabularios com a accepção dada pela pessoa, que fez favor de me interrogar. A dôr petrificou Niobe, diz a religião mythologica; e o amor do horrendissimo Quasimodo não empedreniu Esmeralda, como se infere do author de *Nossa Senhora de Paris*. Ambos os exemplos são patranhas; mas dizem para o nosso ponto. Mulher que se fizesse de pedra, ou cahisse fulminada pelo horror de uma declaração tão delicada como a de Simão de Valladares, tão sómente os romancistas podem invental-a, se o Creador lhes deu melhor phantasia do que elle teve na formação das coisas e pessoas.

Recolhamo-nos ao assumpto, que vae muito derramado por divagações, em que de ordinario se diz mais do que é necessario.

No dia seguinte, quando, a horas de almoço, se avistaram Albertina e Simão de Valladares, coraram simultaneamente. O homem dos cincoenta e tantos annos, se podesse tirar a ferro do peito o sangue que lhe ressumava na face, fal-o-ia. Sem experiencia do coração, conheceu que o rubor de Albertina era uma lembrança amarga. Esperou que ella erguesse os olhos de sobre a chavena: baldou-se a esperança. Findo o almoço, desceram ao jardim.

Albertina apoderou-se do braço de sua mãe, e reteve-a, quando ella queria separar-se.

— Porque é isto?! — perguntou a esposa do doutor Negro.

— Não me deixe — murmurou a filha.

— E's mais criança do que eu suppunha — replicou a mãe.

— Porque me diz isso? — redarguiu Albertina.

— Foges de que o morgado te falle... bem sei que foges... e não devias fugir. Sabes que riquesa elle tem?

Albertina desprendeu-se impetuosamente do braço da mãe, e disse:

— Que me importa a riquesa do morgado?! Agora comprehendo!... Comprehendo a horrivel maquinação!... Meu Deus! meu Deus! tanta gente conspirada contra uma desgraçada mulher!

E sumiu-se por entre as ramarias de uns arbustos, suffocando os soluços que lhe rompiam do seio arquejante.

A mãe de Albertina estava já no segredo do coração do morgado; o doutor Negro já sabia no Porto o segredo de sua mulher. Simão de Valladares havia recebido do seu condiscipulo consentimento plenissimo para requestar o affecto de sua filha, e promettia, em caso urgente, contribuir com a sua authoridade. Esta cooperação recusára o morgado, com louvavel orgulho.

A ninguem da familia era occulta a inclinação imperiosa de Simão. O doutor Fernando tremeu, prevendo um casamento, que tirava a casa a seus filhos. Albertina era já secretamente odiosa á mulher e filhas de Fernando. Tratavam-n'a com agrado, re-

ceiosas de irritarem o cunhado e tio; que não fosse elle apressar o enlace, ou procurar outro por vingança.

Eis aqui, no centro d'aquella familia, a situação especial de Albertina, cujo espirito penetrou a um tempo no animo de todos. Carregavam-se as nuvens da borrasca no seu horisonte, e ella sósinha, sem defesa, sem coração de mãe em que fiar-se na hora do indeclinavel calix!

Ao romper da manhã, seguida a uma noite de lagrimas, Albertina, como ouvisse tanger a sineta á missa d'alva, sahiu sósinha para pedir auxilio a Deus.

Ao entrar no adro, viu caminhar para ella um homem coberto dos andrajos de mendigo, e ouviu estas palavras da bocca do mendigo.

— Não te denuncies que nos perdemos.

Expediu um grito, e susteve-se pallida e convulsa.

Era João Chrysostomo.

VIII

Receiava o doutor que João Chrysostomo, posto em liberdade, no dia seguinte ao da transferencia de Albertina para o Alto Minho, tivesse logo aviso em Braga, e lhes fosse no encalço. Com um especioso pretexto na contagem do tempo da sentença, prorogou-lhe a soltura para oito dias depois. O moço pacientissimo esperou que se acugulasse a vingança, dizendo: «por tão pouco, não vale a pena contrariar o prazer do sr. Alpedrinha.»

Finalmente, á mesma hora em que apresentava ao carcereiro alvará de soltura, recebia João Chrysostomo noticia de ter sido improvisamente arrebatada Albertina do convento.

— As alegrias da liberdade, depois de tres annos e meio de carcere! — disse entre si o pobre moço, ao atravessar sem destino o campo da Cordoaria.

Caminhou de rua em rua. Encontrou pessoas, que o haviam estimado. Ninguem lhe disse: «Deus te salve!»; ninguem lhe apertou a mão, dando-lhe os emboras de sahir vivo dos ferros. As pessoas, que o reconheciam, voltavam o rosto; umas porque o haviam esquecido ou despresado na cadeia; outras

porque se pejavam de apertar a mão ao desvalido que não vencera o pleito com o doutor; emfim, outras, porque o ficaram odiando pelo crime de rapto.

João Chrysostomo, ao escurecer d'este primeiro dia de liberdade, entrou na estrada de Braga, sem saber dar-se conta do intento, que o levava, impellido pelo coração. Era febre, precursora de loucura; phrenesim como elle, raras horas, o experimentára no afogado recinto do carcere.

Além da Carriça, no caminho de Braga, reconheceu o caminho transversal, que, por entre pinheiraes, o levaria á sua aldeia. Sentou-se ali n'um combro da deveza do pinhal, e recordou-se da sua infancia. A lua era cheia e prefulgente. Cantavam os rouxinoes nas carvalheiras proximas. Rumorejavam milhares de vozes de insectos consolados do frescor da noite. O acre das bouças aromatisava o ar. Mais de mil e duzentas noites haviam cahido ao abysmo da eternidade sem elle as ter visto. A lua parecia-lhe uma maravilha surprehendente; os cantares das avesinhas uns accordes sons de mundos desconhecidos. E tão desgraçado na sua primeira noite de liberdade!... Não ter pae que lhe désse gasalhado n'aquella noite, nem irmão que lhe liberalisasse uma tigela de caldo em sua mesa, na mesa onde ambos haviam comido, com a mãe commum entre elles, a mãe que os amava por egual!

Chorava o desamparado lagrimas de travor acerbo, olhando por além fóra no caminho de sua casa, alvejado pela claridade da lua, e dizia: «Maldita seja a hora em que a ambição de meu pae me mandou sahir de casa, a procurar riquezas, onde eu devia enriquecer ou morrer! Tão coberto de lagrimas entrei n'esta estrada, quando me levaram ao Porto

para embarcar!... Aqui mesmo se despediu minha mãe de mim, e os gemidos d'ella ainda os ouço no coração. Bem lh'o dizia o presagio que me não veria mais... Se vivesses, quando eu voltei doente Brazil a pedir na casa de meus paes abrigo e compaixão de minha fraqueza, tu me abririas os braços, e me defenderias do meu atroz destino, ó minha mãe!»

Passados minutos, quebrou-lhe a meditação a esestridula guizalhada de liteiras. Conservou se no mesmo sitio até as avistar. A distancia de cincoenta passos os liteireiros, como entrevissem um vulto n'aquella serra chamada *Terra-Negra*, por aquelles tempos suja de salteadores, pararam, exclamando:

— Quem está ahi?

O doutor lançou a sua cabeça escura fóra da portinhola, e bradou:

— Que temos?! Somos roubados?

— Ladrões pela frente, patrão! — responderam os pavidos liteireiros.

— Gritem, gritem á de el-rei! — clamou o doutor, figurando um ladrão em cada tronco de arvore.

João Chrysostomo havia já conhecido a voz do pae de Albertina: imaginou que ella vinha em uma das liteiras; tremia, sem dar tento da sua situação, já quando os moços bradavam, em grita desentoada, por soccorro.

João permanecia sentado e immovel sobre o combro, quando os liteireiros cobraram animo, por verem a quietação do vulto, e a immobilidade das arvores suspeitas.

— Olha que não seja algum calháo! — disse um d'elles.

— Qual calháo nem qual diabo! é homem!...

— Se fôr só um... — tornou o mais animoso — Vamo-nos a elle, sr. doutor?

— Vejam lá no que se mettem, que isto é serio e perigoso! — observou Francisco Simões — Eu tenho aqui meia duzia de moedas; se esses senhores se accommodarem com isto, dou-lh'as, e que me deixem passar a salvo.

Isto disse elle em alta voz para que a malta dos salteadores o ouvisse.

João Chrysostomo, sem mudar de postura, respondeu á proposta:

— Passem, que não ha ladrões aqui.

— Diz que podemos passar — ajuntou um liteireiro — não são ladrões, meu amo.

O doutor Negro cuidou ouvir a voz de João Chrysostomo, e tremeu pela vida. Era natural o terror a quem premeditára tiral-a ao inimigo por mão do sicario.

— Cuidado! — tornou elle abaixando a voz — Vamos lá; mas vossês ponham-se do lado das portinholas, que a minha vida está em risco.

— A sua vida está segura, sr. doutor Alpedrinha — tornou João Chrysostomo, que apurava o ouvido — A sua vida é tão sagrada para mim como a de meu pae.

As liteiras passaram. João Chrysostomo com o rosto entre as mãos, e os cotovellos apoiados nas pernas, observou a passagem das liteiras, e conheceu que o doutor ia sósinho.

Corrido o incidente, o moço proseguiu na estrada de Braga.

Sabia elle o nome da senhora, amiga da reclusa. A não ser a bemfeitora dama, quem poderia informal-o do destino de Albertina?

Chegou a Braga, e foi logo admittido á presença da senhora, a qual, na mesma hora, recebia a primeira carta de Albertina, com outra para João Chrysostomo, escripta a lapis. Conhecia-se que a primeira fôra feita em presença da mãe, porque nem de leve alludia ao preso. A enderessada a João dizia assim:

«Deves estar livre; mas onde estarás tu? Pro-«curas-me com desesperada agonia, e eu não pude «ainda dizer-te aonde estou. Que importa que o «saibas?... Esta desgraça é invencivel; mas já «agora a minha victoria é acabar luctando. Não «desanimemos, não. Vae a Braga. A nossa amiga «te dirá aonde estou, onde me arrastaram. Pensa «em me livrar: eu faço a tua vontade: esperarei «que o ceu se commova. Rodeiam-me aqui desven-«turas novas; é inutil dizer-t'as, affligir-te, sem po-«der remedial-as de prompto, seria crueldade. Não «me escrevas, que segurança nenhuma vejo de vi-«rem a meu poder as tuas cartas. Medita na exe-«cução segura de algum passo que nos salve d'uma «vez para sempre. Preparado tudo, vem, que eu «aqui estou, ou onde a tyrannia quizer que eu es-«teja. Adeus. Se ha um amor mais constante e in-«quebrantavel que o meu ás tuas virtudes e ao teu «grande coração, não sei, meu querido amigo. Des-«graçada similhante isso creio eu que não ha. For-«taleza egual á perseguição que nos faz o mundo!... «Adeus. Tua A.»

No dia seguinte, a dama, devotada ao remedio d'estes desamparados, apresentou a João Chrysostomo um fato completo de mendigo. A lividez de tres annos e meio de carcere, e as barbas intonsas, ajudavam á transfiguração. Vestiu-se o moço, e in-

velheceu vinte annos debaixo dos andrajos. Era escusado correr tantas leguas n'aquelle penoso disfarce. O cavalheiro protector de Albertina, mandou um criado acompanhal-o a Valença. D'ahi em diante é que João Chrysostomo, involto n'um acolchoado de remendos, se abordoou a um cajado, e foi dar a Barbeita, na madrugada em que o deixamos com Albertina, no adro da egreja.

Poucas palavras haviam trocado, e logo Albertina descobriu Simão de Valladares, que a seguia, encobrindo-se com as carvalheiras marginaes do caminho.

— O morgado segue-me... — disse ella alvoroçada — Eu deixo-te, e tu não te afastes para longe.

Entrou Albertina na egreja. Simão de Valladares passou pelo mendigo, e disse-lhe:

— Aquella senhora deu-te esmola?

— Saberá v. s.ª que sim.

— Deixa ver o que te deu.

João tirou da algibeira interior da jaqueta occulta uma moeda de dez réis. O morgado pegou d'ella soffregamente, e deu ao mendigo em troca doze vintens em prata. João Chrysostomo attentou com estranho olhar no rosto de Simão: este persuadiu-se que o pobre imparvecera de jubilo. Entrou na egreja. O mendigo seguiu o morgado, ajoelhou se a distancia de Albertina.

Dita a missa, o morgado sahiu, e esperou a hospeda. O mendigo postou-se a distancia engrazando as contas do rosario de bom tamanho, dadiva do cavalheiro bracharense, que o não tinha, a meu ver, para sua devoção especial. Simão aproximou-se de Albertina, e declarou-se admirado de tão insolita madrugada. Respondeu a menina, titubiando, que a

bonita manhã a convidára a sahir, e gesticulou uma mesura para retirar-se; mas o morgado caminhou de par com ella. João Chrysostomo sorriu ao relance de olhos de Albertina. Era o sorriso da confiança que dá soberba ao coração da mulher que o merece; bem que, n'este nosso caso, um amante, menos confiado na isempção de sua dama, podia sorrir tambem. Os rapazes de trinta annos não sabem o que são rivaes de cincoenta e cinco: e ás vezes cumpria que o soubessem porque nem sempre são despeciendos.

Simão de Valladares proseguiu:

— Invejei, pouco ha, a sorte d'aquelle pobre.

Albertina impallideceu, e tartamudeou:

— Porque?... não sei que...

— Porque elle — acudiu o morgado ao embaraço da senhora — recebeu da mão de D. Albertina uma esmola.

— Está enganado v. s.ª... Eu... — balbuciou ella.

— Pois repugna-lhe saber-se que deu uma esmola a um mendigo?!...

— Não... mas...

— O Evangelho manda esconder da esquerda a caridade da mão direita; mas, se alguem acerta de nos ver esmolando, não sei para que havemos de negar uma acção boa, minha senhora!...

— Pois v. s.ª viu-me dar esmola?!...

— Quer que eu lhe prove evidentemente que vi?... Aqui tem!

E, dizendo, mostrou a moeda de dez réis na palma da mão.

Albertina ficou suspensa e atalhada, mórmente quando viu Simão levar aos labios a moeda de cobre.

— Consente D. Albertina que eu possua este thesouro? — continuou elle.

— Se consinto...

— Sim, minha senhora: se consente, certo é que me perdôa a audacia de o possuir. E' um talisman, que traz comsigo o pensamento virtuoso que inspirava á formosa Albertina a beneficencia ao desgraçado, cuja mão se estendeu á sua caridade. Ficarei eu com a esmola; que dos dois homens o mais desgraçado não é aquelle; sou eu, minha senhora.

— Mas quem... eu não sei como... custa-me a comprehender... Pois se...

Albertina mal sabia que dizer. Todavia, sendo tamanha a sua confusão e a enchente de sua amargura, custou-lhe a soffrear o riso, quando Simão de Valladares levou segunda vez aos beiços o pedacinho de cobre, e dos beiços ao coração.

Rematou o dialogo á porta de casa. Ao abrir-se o portão, o morgado olhou em direitura da egreja e viu o mendigo. Acenou-lhe, e disse a Albertina:

— Este mendigo está debaixo da sua egide, minha senhora. Ficará sendo conhecido pelo pobre da sr.ª D. Albertina. Ha de elle abençoar a hora em que a viu.

João Chrysostomo aproximou-se, cambaleando o passo o mais doentiamente que pôde.

— Vem cá, homem, — disse o morgado de Barbeita — espera no pateo que te deem de almoçar; e, se não tiveres de ir hoje á tua vida, janta, e agasalha-te ahi. Quando por aqui voltares, manda-me sempre dizer que és o pobre da sr.ª D. Albertina. Entendes?

— Sim, senhor, — respondeu João, lançando os

olhar a Albertina, que mordia o lenço para abafar o riso.

— D'onde és? — tornou Valladares.

— De longe, meu senhor.

— Nunca andaste por estas terras?

— E' a primeira vez.

— Pois em hora ditosa cá vieste.

Seguiram a álea de cilindras, que conduzia ao pateo. João Chrysostomo parou no pateo; e, em quanto Simão de Valladares subia, Albertina, com o disfarce de encanar uns alporques de cravos, avisinhou-se d'elle, e disse-lhe:

— Cuidado que minha mãe te não conheça... Se eu não poder fallar-te, escrevo-te.

D'ahi a pouco, recebeu João Chrysostomo uma tigella de leite e um pedaço de pão duro. Almoçou debaixo de um coberto, sentado na rodeira de um carro. Depois aconchegou-se de um recanto que parecia ser o ninho dos rafeiros, e fez que dormia.

[illegible] da [illegible]. Ao toque da missa principal, [illegible] Valladares, e a mãe de Albertina, [illegible] de Fernando e Simão. A mu[illegible] [illegible] ao perpassar pelo [illegible] do doutor Negro [illegible] João Chrysostomo:

[illegible] a sua madrugada, arranjou [illegible] ficou na cama. Se conse[illegible]

[illegible] uma janella, a [illegible] Albertina lhe fez si[illegible] [illegible] assustada preci[illegible]

[illegible] para fugirmos?

[illegible]

— Ver-te... saber que me seguirás.

— Não t'o disse eu na minha carta? Que esperas tu agora?

— Recursos indispensaveis para a fuga.

— Onde irás tu buscal-os, meu desgraçado amigo?

— Se o ceu m'os não der, irei buscal-os ao inferno. Dentro de trinta dias, estarei morto ou comtigo.

— Meu Deus!... — exclamou Albertina — eu posso esperar mais trinta dias! Não te espero eu ha tres annos entre ferros? O' João, ó querido da minha alma, que a tua desesperação não venha completar a minha desgraça!

— Não virá. Tu és uma forte alma, Albertina, pois não és, martyr?

— Que maiores provas te darei, meu amigo?

— Então espera-me, e adeus! Volto a Braga; a nossa amiga te enviará as minhas cartas...

— Esconde-te — disse Albertina, vendo Simão de Valladares despontar entre as cilindras do portal.

João recolheu-se ao coberto, e Albertina ao seu quarto.

Minutos depois, o mendigo sahia de Barbeita a passo lento, e estugava depois o passo na estrada de Valença.

Simão mandou dar de jantar ao pobre de D. Albertina. A criada, que conduzira o prato, voltou dizendo que em logar do pobre, achára doze vintens em prata dentro da tijella vasia do almoço. Simão reconheceu o dinheiro que déra ao mendigo. Contou-se com grande espanto a historia, tornada mais mysteriosa pelo desapparecimento do pobre. Fizeram-se juizos extravagantes a tal respeito. Porém, Simão de Valladares, com as faculdades intuitivas

que dá o amor, como que adivinhou o horrivel segredo que lhe alanceava a alma. E, recordando as feições do mendigo, recompunha um mancebo pallido, mas de gentil aspecto. Não obstante, suffocou o despeito e a desconfiança.

IX

Quinze dias depois, João Chrysostomo estava no Porto, empregado na escravaninha de um tabellião, que o tivera a seu serviço a maior parte do tempo da cadeia. Que estreitissima porta a fortuna lhe offerecia! que começos de vida para quem carecia de alguns punhados de ouro! O pobre copista desmaiava n'aquelle trabalho improductivo além do pão quotidiano: cahia-lhe a fronte escaldante sobre o papel, onde ás vezes encontrava o refrigerio de suas lagrimas derivadas da face.

As cartas que escrevia a Albertina, revelavam, apesar d'elle, a profunda desanimação. Nem elle saberia dizer em que se fundava a esperança de haver dinheiro para a fuga. Algum romance lhe sahira da phantasia aquecida pelo coração. Teria lido alguns em que, nos maiores apertos dos personagens, o dinheiro apparece mais depressa que o engenho dos authores, dinheiro a rôdo, quando é necessario. Cuidaria elle que o seu amor, subtilisando-lhe o espirito até ao requinte da industria, lhe ensinaria o segredo da pedra philosophal. Pobre moço, tu não fostes o primeiro, nem serás o ultimo a pensar na conversão das pedras em ouro. Poucos são

os amantes nas tuas circumstancias, que não tenham desejado possuir, condicionalmente, as orelhas de Midas, uma hora pelo menos, com a clausula de poder, como elle, transformar em ouro os objectos tocados. Emquanto ás orelhas, ainda que ellas ficassem para todo o sempre como o irritado Apollo lh'as dera ao rei da Phrygia, isso paciencia: todas as orelhas são eguaes perante o dinheiro; e toda a mulher que deveras ama, desculpa o feitio e comprimento das orelhas do homem amado.

A João Chrysostomo succedeu este vulgar contratempo que innubla e carrega de tormentas os mais serenos ceus da imaginação de um amante: a falta de dinheiro — palavras rasas e plebeas, que nunca deveriam entrar na contextura de um romance. E, todavia, é certo que da falta de dinheiro procedem tanto grandes beneficios á sociedade como grandes malfeitorias; porém, no maximo dos casos, a minha estatistica dos crimes por amor, dá-me em resultado que muitas paixões tem sido abafadas e reduzidas a bons termos, por mingua do dinheiro, principal incentivo das afoitesas e arrojos. Supponho que os ardores do coração esfriam se a temperatura da algibeira é glacial. Isto é dizer em termos chãos o phenomeno como elle me parece que se dá. A coisa floreada com louçanias e recamos de linguagem sahiria mais com ares de philosophia.

E' provavel que João Chrysostomo meditasse no seu infortunio e pobresa em palavras assim correntias. A desgraça sómente deixa pentear palavras e acepilhar o estylo áquelles que por sua conta escrevem, bem prosperados, bem ao resguardo d'ella. Nem mesmo as cartas, escriptas a Albertina, iam muito de transportes. A ave do ideal cahia desasa-

da. Eram mal dissimulados prantos, odios e vociferações contra a ferrea organisação da sociedade, apellos á Divina Providencia misturados com a blasfemia de quem grita á Divindade surda, como ella é sempre aos clamores da injustiça.

Albertina consolava-o em palavras que tambem denunciavam a sua desesperação. Ao mesmo tempo que se abonava com a sua coragem para esperar, lastimava-se de que a perseguição do morgado, da mãe, e já das cartas do pae, a levassem ao extremo da tortura.

N'este conflicto de muitas dôres irritantes, foi João Chrysostomo procurado, no seu pobre quarto de um terceiro andar da rua dos Pellames, por um sujeito desconhecido, mas de limpa e insinuante presença. Disse elle chamar-se Agostinho José Chaves. Teria quarenta annos, usava oculos escuros de grande armação de oiro, vestia de briche, e era bastante surdo, por amor do quê empunhava uma corneta acustica, ajustada quasi sempre ao ouvido esquerdo.

Principiou assim Agostinho José Chaves:

— Estimo muito que os seus trabalhos acabassem, sr. João Chrysostomo. Era já tempo.

— Muito agradecido.

— Como? — perguntou o sujeito pondo ao ouvido a corneta. O moço conheceu que era delicadesa aproximar-se do hospede e gritar-lhe.

Proseguiu o sr. Chaves:

— Fizeram-lhe uma grande iniquidade, sr. João! Patifes! Pozeram as leis ao serviço da deshonra! Antes quizeram deixar desacreditada uma menina que remediar um desvario com o casamento. Que pae é aquelle preto! Tem o coração da côr da cara,

ou mais negro, se é possivel... Que é feito da menina? está com elle?

— Não, senhor. Está longe do Porto—respondeu João Chrysostomo com desagrado, e continuou:— Devo desde já dizer a v. s.ª que a sr.ª D. Albertina não deu motivo algum a que o mundo a considere desacreditada.

— Assim será, meu caro sr. João; — replicou Agostinho — mas quem póde tapar as boccas do mundo? Quem as abriu foi o preto, o selvagem! E o senhor agora que faz? Cuida em casar, ou desiste?

— Espero—respondeu João.

— Tenho verdadeira pena do senhor! — voltou Agostinho, abanando a cabeça — O meu gosto era vel o casado e vingado.

— Mas—atalhou o copista, desconfiado da sinceridade do sujeito, e suspeitando-o enviado do doutor Negro — que conhecimento tem v. s.ª de mim para tamanha compaixão dos meus infortunios?

— Não preciso conhecel-o para me compadecer. Basta que eu lhe diga que sou inimigo ha dez annos do doutor Negro. Foi contra mim n'uma causa em que perdi quarenta mil cruzados.

— Seriam as leis e não elle—atalhou João Chrysostomo, avaliando com menospreço a inimisade do homem ao advogado adverso.

— Foi elle, não foram as leis; foi o preto que fez o branco da sua côr; foram os sophismas, as trapaças, as ladras tramoias da sua habilidade. Enganou a estupidez ou a boa fé dos desembargadores do Porto, e dos desembargadores da supplicação. Fez a maroteira, e gabou-se de a fazer. Homens assim não são sacerdotes da lei; são ladrões

que sahem á estrada de béca. Eu perdi bens no valor de quarenta mil cruzados; paguei as custas da demanda; e, se não fosse muito rico, ficava pobre.

Quando elle disse *muito rico*, os olhos de João Chrysostomo fitaram Agostinho José Chaves com certo brilho e penetração. Era o olhar faminto do ouro, que não tem nos humanos olhos outro que o assemelhe.

— Ora aqui tem o senhor—proseguiu o surdo— porque eu queria ver aquelle cafre bem esmagado. Além d'isso, eu sei que vocemecê é um rapaz de boas qualidades, trabalhador, e honrado. Pena é que seja pobre; porque, a fallar-lhe a verdade, do modo que está este mundo, não, se póde ser pobre. A virtude ninguem dá por ella, se o dinheiro não tine no logar onde ella está. A gente admira-se quando vê um pobre virtuoso; mas ninguem pergunta com que linhas elle se alinhava. Se elle descamba um pé na estrada torta da honra — torta, digo eu, porque o piso é muito ruim; e, primeiro que um homem chegue ao caminho chão, quebra-se a cabeça um cento de vezes — se acerta de escorregar, lá vae quanto Martha fiou; todos veem a escorregadela, e esquecem as virtudes passadas; ficam todos desconfiados d'elle, e o que foi, já o não abona para o que ha de ser. O mundo é assim, meu caro amigo e sr. João. Ora diga-me vocemecê: visitou-o muita gente nos tres annos que esteve preso? Não precisa responder que eu bem sei que não. Pois ahi tem. Muito honrado, muito honrado, mas lá te avenhas como poderes. Trabalha, se quizeres viver; senão, deixa-te morrer, que eu o mais que posso fazer-te é dizer que tu eras um moço muito honradinho. E' o que diz o mundo. Está-me

a parecer que o sr. João, se fosse um pouquinho atratantado, por exemplo, se, quando entrou na cadeia, levasse uns cincoenta mil cruzados, roubados ao orfão ou á viuva, com o auxilio da jurisprudencia do doutor Francisco Simões de Alpedrinha, está-me a parecer, repito, que vocemecê, apesar de ladrão, havia de ter muito quem o visitasse, e pozesse ao seu serviço dinheiro, por saberem que o senhor o dispensava! E' o mundo: não ha dar-lhe volta. Quem não estiver bem, mude se. Agora—acrescentou Chaves, alimpando os oculos—pergunta-me vocemecê porque não fui eu melhor que o resto do mundo, se tanto me admiro da sua honradez. Tem rasão; mas eu vou responder. Em primeiro logar, eu estava em Lisboa, cuidando das minhas demandas, quando vocemecê foi condemnado; em segundo logar, quando cheguei ao Porto, recebi a triste nova de que estava a dar alma a Deus minha mulher, e parti logo para a Povoa de Varzim d'onde sou natural. Depois, quando tornei ao Porto, quiz procurar o sr. João para lhe offerecer a minha bolsa; mas n'essa occasião apanhei uma catharral, e sobreveiu me logo uma dôr de ouvidos de que fiquei surdo a ponto de precisar d'esta corneta para ouvir alguma coisa; e, como uma desgraça nunca vem sósinha, quando estava resignado com a surdez, atacou-me uma inflammação d'olhos, que me poz em risco de cegar. Mandaram-me para a minha terra, e só agora é que pude tornar ao Porto. Ora aqui tem.

—Muito obrigado—disse João Chrysostomo bem intencionado—Escusava v. s.ª de dar tão minuciosas explicações do que não é nem levemente uma falta.

—Vou fazer-lhe uma observação—atalhou Agos-

tinho—Faça favor de me não dar senhoria, que eu não a tenho, nem quero. Chamo me Agostinho José Chaves. Sou proprietario, filho e neto de lavradores. Tenho algum dinheiro e algumas terras: cá me vou arranjando com isto sem senhoria. Vamos ao que importa: vocemecê quer alguma coisa de mim? Basta de palavriado. Aqui está um homem dos que servem nas occasiões de apuro. Precisa de dinheiro? Quer começar algum modo de vida mais rendoso que o que tem? Eu sei que o sr. João está escrevendo em casa do tabellião Ferreira: trabalha para ir vivendo, mas deve trabalhar para mais alguma coisa. Se, com dinheiro, póde casar-se, pondo outra vez demanda contra o preto, ou fugindo com a moça por esse mundo fóra, e casar com ella no Brasil... E' verdade! que feliz idéa! porque não vae o senhor para o Brasil e mais ella? Aquillo é que é terra para ganhar dinheiro. Eu já lá estive uns cinco annos, e, se não ficasse herdeiro d'um irmão, a esta hora tinha ganhado cem contos de réis, com uma perna ás costas. Vá para o Brasil, leve comsigo a menina, e lá case, ou não case, que ninguem lhe pergunta quantos annos tem. Pense n'isto, sr. João. Dinheiro ha; falta a resolução. Que me diz?

João Chrysostomo ouvia-o com alvoroço, e um desafogo de espirito, um desopprimir-se de coração que mal se exprime com a palavra felicidade. O tom do dizer de Agostinho José Chaves tinha uma cordealidade que o leitor, ja prevenido talvez, lhe não encontra. Era preciso amar e ser pobre, e anciar dinheiro como João Chrysostomo para receber aquelle homem como enviado da Providencia, tantas vezes implorada.

Ainda assim, a vehemencia do desejo não subor-

nou de prompto os dictames da rasão. A' repetida pergunta de Agostinho, sobre se queria dinheiro, o moço respondeu:

— O que eu desde já quero e preciso é beijar-lhe as mãos, sr. Chaves.

— Alto lá! não consinto — clamou o hospede generoso, retirando as mãos — Diga o que quer de mim com franquesa.

— Eu responderei no espaço de oito dias: preciso consultar a minha infeliz amiga. O seu pensamento do Brasil, encanta-me, sr. Chaves! Trabalhar ao lado da mulher que amo, toda a vida! Morrer abençoado d'ella e da sociedade!...

João Chrysostomo susteve aqui o enthusiasmo da sua nobre alegria, porque lhe era necessario gritar mais do que os pulmões lhe outorgavam. O surdo abraçou-o, e disse-lhe:

— Escreva-me, quando quizer para a Povoa de Varzim, que eu parto hoje. Ali estou ás ordens.

— E' um anjo que Deus enviou ao antro das dôres — exclamou João — Saiba agora, sr. Chaves, que deixa n'esta casa um coração a trasbordar de felicidade e gratidão.

— E' o que se quer.

— Albertina ha de abençoar o seu nome.

— Coitada da pobre menina! Adeus, adeus. Contem ambos comigo.

Sahiu Agostinho José Chaves limpando os olhos; e João poz as mãos sobre o peito, os olhos no ceu, e orou. Depois, sentou-se a escrever uma carta, que principiava assim:

«Que arrebatadora alegria te leva esta carta, ó «Albertina! Como eu me sinto feliz!... Abençoada «seja a desgraça que taes contentamentos me dá!

«Escuta, e no fim me dirás se as tuas lagrimas não «as viu Deus! Oh! como este mundo se transfigurou «aos meus olhos! O coração póde estalar d'alegria, «e a desgraça não pôde matal-o! Escuta ....

Seguia-se o minudencioso dialogo com o «enviado da Providencia.»

X

Peorava de hora a hora a situação de Albertina em Barbeita.

O morgado começava a desatinar. A lançada do ciume tinha-lhe chegado á fibra d'onde está como pendente o orgão do juizo. Dissera elle, no principio, á mãe da sua hospeda que, violentada, não acceitaria Albertina. Estes briosos sentimentos iam já declinando em consenso á violencia, desde que a mysteriosa apparição e fuga do mendigo lhe roubou o somno e as esperanças.

A familia, a quem Simão de Valladares mostrára a sua paixão, entrou a receiar seriamente que Albertina, voluntaria ou coagida, se ligasse ao senhor da casa. Fernando tentou despersuadir o irmão com rasões offensivas do amor proprio d'elle, lembrando-lhe a edade; a incompatibilidade dos cincoenta e cinco d'elle com os vinte e quatro annos da hospeda; as consequencias a receiar de um enlace com mulher que duas vezes fugira da casa paterna por amor de outro homem; finalmente, o desconceito em que o mundo devia tel-a. A cunhada, menos discreta, ajuntou uma outra rasão de peso, formulada

n'estes explicitos e breves termos: Que muito lhe custaria a ella, filha dos Mellos de Ponte de Lima, aparentar-se com a filha de um preto.

Tantos rastilhos á mina fizeram uma explosão pavorosa!

Simão de Valladares bateu rijo o pé no pavimento, e disse que havia de casar quando quizesse, e com quem quizesse, sem attender a que sua cunhada era filha dos Mellos de Ponte de Lima, parentesco com que elle se não ufanava coisa nenhuma. Fernando ordenou silencio á mulher, que trazia a arvore genealogica dos Mellos na ponta da lingua, unico dote que levára para Barbeita.

Requintou o odio das senhoras Valladares á pobre Albertina, e á velha com muita rasão. Não cessava esta, instigada pelo marido, de estimular a filha a abraçar a fortuna caprichosa, que lhe offerecia um marido fidalgo, rico, e bem apessoado, apesar dos annos. Albertina ou lhe não respondia, ou replicava desabridamente, que assim a havia educado a mãe. O que mais a magoava era o ar despresador das medidas com quem ella quizera desabafar chorando.

Uma d'ellas, com risonho semblante, lhe disse um dia que o pae estava morto por lhe fallar particularmente, quando se désse occasião. Albertina respondeu que a occasião a daria ella, sahindo a sós com uma das meninas para sitio onde o sr. Fernando de Valladares a esperasse. Assim se fez.

Fernando disse o seguinte, depois de um longo preparo de phrases conducentes a pedir perdão do seu atrevimento:

—Meu irmão está doido por v. ex.ª Todos sabemos que a sr.ª D. Albertina regeita a proposta

do absurdo casamento, que seria a desgraça de ambos, e a desordem irremediavel d'esta casa. Porém, a cabeça de meu pobre irmão está desnorteada, e não ha tirar-lhe d'ella a esperança de que v. ex.ª se ha de deixar levar da ambição de ser senhora d'esta casa, embora se faça escrava de um velho. Todos fazemos justiça á sr.ª D. Albertina, excepto meu irmão. Permitta-me agora v. ex.ª uma pergunta: Esta situação é-lhe custosa?

— Muito! — respondeu Albertina — Peço continuamente a Deus e á minha imaginação um remedio prompto a isto, que é para mim, ao mesmo tempo, vergonha e supplicio. Mas não sei que fazer-lhe: é tudo contra mim. Meu pae impõe-me a sua maldição; minha mãe está sempre a mortificar-me; o sr. Simão é a minha sombra; e, por sobre tudo, o desagrado d'estas senhoras que deviam ser mais justas e piedosas comigo.

— Perdôe-lhes v. ex.ª — atalhou Fernando commovido — que ellas receiam a pobresa, e desconhecem o melhor do caracter da sr.ª D. Albertina. Como sabe, eu sou filho segundo, tenho um pequeno matrimonio, que me não rende o necessario para o pão de minha familia. Se meu irmão casar, serei expulso d'aqui. O futuro d'estas meninas qual será?! — Tristissimo, minha senhora!

— Pois bem! — acudiu Albertina — eu lhe juro pelo santissimo nome de Deus e da Virgem que nunca hei de casar com o sr. Simão de Valladares.

— Acceito o seu juramento! — redarguiu Fernando — mas é necessario que esta idéa se desvaneça do animo de meu irmão.

— Que posso eu fazer? desenganal o? Todos os meus modos, todas as minhas palavras são um de-

sengano. Já lhe disse que amava outro homem...

— Bem! — interrompeu Fernando de Valladares — Chegamos ao ponto essencisl. Sei que v. ex.ª ama outro homem; e, pelo amor que lhe tem, lhe peço que me consinta uma outra pergunta, tendente á felicidade de ambos: Porque motivo se não une a esse homem que ama?

— Bem sabe que m'o impede meu pae.

— Sei; mas, se de outra vez se desembaraçou da vontade caprichosa de seu qae, porque não tenta uma segunda fuga? Porque se não mettem em Hespanha, e lá se casam opportuna e socegadamente?

— O homem que eu amo é pobre — respondeu Albertina, vencendo n'esta confissão a resistencia da natural vaidade.

— Tambem sei que é pobre; mas, ao mesmo tempo, tenho noticia de que é honrado. Porventura, se elle quizer dinheiro, faltará um amigo de v. ex.ª ou d'elle que lh'o empreste?

— Não sei... — disse Albertina — Elle cuida em obter meios para a nossa fuga; mas v. s.ª. pela boa sorte de suas filhas, não nos descubra.

— Oh! minha senhora! por quem é, não me desdoure assim no seu conceito! Pois não sou eu mesmo que está aconselhando a fuga, porque a julgo uma necessidade extrema, embora eu seja pae, e como tal deva aconselhar a obediencia a uma filha!? Mas especialissimas são as circumstancias de v. ex.ª. Os dictames da submissão filial, n'este caso, seriam empeçonhar-lhe a existencia para sempre, minha senhora. Seu pae está cego de orgulho, e não vê o abysmo em que despenha a sua querida filha. O tempo foge-nos, e eu receio que Simão a ande procurando. Em resumo, sr.ª D. Albertina,

eu offereço a v. ex.ª e ao cavalheiro que a ama, um conto de réis que tenho das minhas economias. Este dinheiro pagar-m'o-hão, quando poderem, e, se nunca poderem, esqueçam o credor, e lembrem-se do amigo. Agora peço mil perdões da affoutesa com que fallei n'este assumpto grosseiro de recursos a uma senhora, que ignora o valor das miserias reaes da vida. Além do dinheiro, offereço-lhes uma carta que entregarão em Tuy a um meu amigo. Este os conduzirá onde quizerem ir, e lhes desempecerá alguns obstaculos que impeçam á sua união. E' o mais que posso e o menos do que desejo fazer-lhes.

— E' muito! — exclamou Albertina com summo jubilo, e lagrimas de reconhecimento — Vou escrever, e espero que o meu infeliz anigo acceitará o emprestimo.

— Deus o permitta!—concluiu Fernando de Valladares, contentissimo do exito da sua traça generosa, perdoada a intenção da generosidade.

Aqui está portanto, outro enviado da Providencia, quando os dois contrariados amantes se julgavam em completo desabrigo.

Deu-se pressa a filha do doutor Negro em escrever a João Chrysostomo, mediante a disvelada amiga de Braga. Encontram-se no caminho as duas cartas consoladoras. A do Porto vinha contando o dialogo com Agostinho José Chaves, e rematava pedindo o applauso de Albertina para haver o dinheiro.

Porém, no mesmo dia em que João Chrysostomo escrevera, recebeu elle de Albertina uma dolorosa exposição das amarguras que a fariam sossobrar na casa de Barbeita, comprovadas por uma carta do

doutor Negro, que ella incluia na sua. Pedia e implorava a Albertina que a salvasse, ou a deixasse morrer ás suas proprias mãos, que já não podia com tão aturada desgraça!

«Nem um intervallo de socego! — escrevia ella— «Deitar-me e erguer-me a chorar! Saber que me «levanto para ler no rosto de minha mãe uma abje-«cta e cruel ambição, no rosto d'estas mulheres um «refalsado sorriso com que mascaram o rancor, e «nos olhos d'este perseguidor uma meiguice estu-«pida que me enoja, um ultraje permanente ao meu «coração, que todos querem metter debaixo dos pés, porque sabem que amo um homem pobre! «A miseria! a miseria e a morte com o teu amor, «longe de tudo isto, ó meu caro amigo! Salva-me, «salva-me, que eu não sei se poderei contar com a «minha coragem para viver ámanhã...»

Lido isto, João Chrysostomo dispensou resposta á sua carta, e escreveu immediatamente a Agostinho José Chaves, pedindo-lhe o emprestimo de cento e cincoenta moedas com hypotheca da sua honra.

Que hypotheca! — dirá o meu leitor se é tabellião, que nunca lavrou escriptura com tal especie de hypotheca. Muita outra gente exclamará com o tabellião, e, desde este ponto, duvidará da verosimilhança de um romance em que se trata da honra como coisa hypothecavel.

A resposta de Agostinho José Gonçalves foi prompta e simples: «A'manhã, ou mais tardar depois, «ahi estou csm o dinheiro que vossemecê me pede, «e muita vontade de o servir no mais que fôr do «seu gosto. De vocemecê, etc.»

Que homem! que homem tinha Portugal em 1815!

No segundo dia em que João Chrysostomo esperava o bemfeitor da Povoa de Varzim chegou a carta de Albertina com a proposta de Fernando de Valladares. O morador do terceiro andar da rua dos Pelames maravilhou-se da superabundancia de contentamentos, que lhe chovia a divina Providencia, e escreveu logo a Albertina, acceitando simplesmente a carta de recommendação para Tuy.

Chegou Agostinho José Chaves, e disse:

— Graças a Deus! Eu estava a receiar que o diabo protector do preto me contrariasse os meus bons intentos! Vamos ao cêrro do cafre: d'esta vez ha de lhe suar a carapinha á falta de topête. Vamos a saber, que eu interesso-me nas menores coisas da sua fortuna. Já combinou com a pequena a ida para o Brasil?

João Chrysostomo mostrou a sua correspondencia e disse:

— Como já sabe, regeitei o offerecimento do conto de réis...

— Se o acceitasse, tinha em mim um inimigo declarado por toda a vida — atalhou o Chaves.

— Mas, continuou o moço — resolvi ir primeiro a Hespanha receber minha esposa, e depois embarcaremos de lá para o Brasil.

— Faz muito bem: é bem pensado o plano. Podendo ir ligado com a menina á face da egreja, levam as suas consciencias mais tranquillas, e em toda a parte serão tidos em melhor conta. A virtude quando ha dinheiro, é azul sobre o ouro, ou ouro sobre o azul, que leva tudo as mesmas voltas. Aqui tem vossemecê — proseguiu Agostinho José Chaves tirando rolos de peças e prata das amplas algibeiras da casaca de saragoça — duzentas moe-

das. Cento e cincoenta são as que pediu para pagar quando lhe não fizerem falta. As cincoenta moedas, que veem a maior, offereço eu á sr.ª D. Albertina como prenda de casamento..

— Mil graças! — clamou João Chrysostomo—Mil graças á sua bondade, que excede a medida da bemquerença humana! Veja estas lagrimas, sr. Chaves!

— Não posso — atalhou elle sorrindo — que sou muito curto de vista. Nada de lagrimas! Alegria, e mais alegria! Quando vae o senhor tirar a pobre menina d'esse inferno?

— Poderei demorar-me quinze dias em arranjos e combinações. Tenho de me entender com um cavalheiro de Braga, a quem devo grandes finezas. Não sei se ella poderá fugir sem estrondo, ou se me será preciso recorrer á violencia. Convém ir preparado para tudo, visto que o tal Simão está suspeitoso.

— Faça a coisa de modo que não desnoque alguma perna — reflectiu Chaves — O melhor é que ella fuja sem estrondo, nem desconfianças do preto... Cuidado com o numero um, sr. João! Esta gente lá da serra anda affeita a atirar aos lobos, e matam um homem com uma sem ceremonia que não lhe digo nada. Olhe cá, sr. João Chrysostomo, vocemecê agora, n'estes dias que por cá se demora, não torna a casa do tabellião Ferreira?

— Hei de tornar todos os dias — respondeu João Chrysostomo—porque não posso estar ocioso, nem quero suscitar desconfianças. Eu sei que o doutor Alpedrinha pergunta por mim ao tabellião Ferreira.

— Faz muito bem; acho isso muito acertado, e é boa occasião de vocemecê me fazer um favorito.

— Pois posso ser-lhe util em alguma coisa? Dê-me a felicidade de o servir, sr. Chaves.

— É uma coisita, que lhe não custa nada, meu amigo. Ora ouça lá.

XI

Agostinho limpou os oculos, e continuou:

— Eu tenho desejo de vêr uma escriptura de compra de uma fazendoria, que meu pae, Deus lhe falle n'alma, comprou ha coisa de vinte e cinco annos. Acho que foi em 1790. A nota, onde a escriptura foi lavrada, está no cartorio do tabellião Ferreira. Se o meu amigo, não lhe custando isso, poder trazer-me a nota por um ou dois dias, faz-me muito favor.

— Isso é muito facil, sr. Chaves — disse o amanuense — e não póde chamar-se favor grande nem pequeno. Hoje mesmo, se o senhor quizer.

— Quando lhe lembrar, meu amigo. A nota, como lhe disse, é de 1790. Ora agora, se lá vae hoje, eu volto por aqui ao fim da tarde; e depois de ámanhã, cá estou com ella. E' p'rámôr de uma teima de agua de rega, que me tem dado zangas; mas não quero entrar em demanda, sem vêr como a escriptura está lavrada.

— Pois tenha a bondade de vir aqui ás cinco horas, meu bom amigo.

João Chrysostomo, a occultas do tabellião, levou para casa a nota, que entregou a Agostinho José Chaves.

Volvidos os dois dias marcados, appareceu o proprietario da Povoa de Varzim a restituir a nota, dizendo:

— Aqui está com mil agradecimentos. Como vocemecê ainda cá se demora no Porto, eu hei de aqui voltar com o meu lettrado para elle examinar a escriptura, se o sr. João tiver a bondade de a trazer outra vez.

— Mas — atalhou o moço — não será melhor que o sr. Chaves a conserve em quanto precisar d'ella? Provavelmente o tabellião não tem que trasladar da nota por estes quinze dias; e então, quando a dispensar, o senhor fará favor de a trazer.

—Como vocemecê quizer, sr. João—tornou Agostinho—N'esse caso, levo-a, e, passados quatro dias, aqui estou.

Dois dias depois, estando o amanuense do tabellião á mesa do trabalho no escriptorio, entraram uns lavradores pedindo a copia de uma escriptura de venda de bens a retro-aberto, lavrada na nota do antecessor.

— Em que anno? — perguntou João Chrysostomo.

— Em 1790.

— Exquisita coincidencia! — disse entre si o amanuense — Felizmente que estou sósinho! — E respondeu aos lavradores:

— Não se póde fazer já esse serviço; venham passados seis dias, procurar o traslado da escriptura. Digam lá os nomes de compradores e vendedores.

— O comprador foi Gervasio Alves da Quintam — respondeu um dos lavradores. — Os vendedores a retro-aberto, com praso marcado de vinte e cinco

annos, que acabam em dezembro, foram Sebastião França e sua mulher Gomes, naturaes de Fanzeres. A compra foi por quarenta mil cruzados. E vae agora—continuou o lavrador—o filho do sujeito, que comprou, diz que...

—Não tenho nada com o que diz o filho do comprador—interrompeu João Chrysostomo—Venham vocemecês procurar a escriptura, findos seis dias.

Quando Agostinho José Chaves voltou com a nota, o amanuense contou-lhe o notavel caso de ser pedido traslado d'uma escriptura da mesma nota. Chaves deu ares de affligido com o dissabor do seu amigo; este, porém, tranquillisou-o, asseverando-lhe que não tivera a menor inquietação, visto que o tabellião ignorava ainda o pedido do traslado.

Agostinho perguntou ainda sobre que versava a escriptura pedida. João deu-lhe as poucas idéas que tinha de as ter escripto no seu livro de apontamentos, coisa em que o interlocutor fez nenhum reparo apparentemente.

—E agora?—perguntou Chaves—Quando é a partida?

—Passados oito dias.

—Que faz vocemecê agora aqui?! Parece que póde bem com a saudade!...—redarguiu Agostinho—Eu, no seu logar, ia já. Está lá a pobre menina opprimida, Deus sabe quanto, e vocemecê aqui á espera de não sei quê!

—E' que eu consultei o meu amigo de Braga, e espero resposta.

—Que resposta? perdôe a minha confiança. N'estes casos, sr. João, o melhor amigo é o dinheiro. Conselhos, os melhores, é o dinheiro que os dá. Sabe que mais? Parta d'aqui ámanhã. Vossemecê

vae alugar duas boas cavalgaduras até Valença. De noite, vae a Monção, e de madrugada está na tal aldeia. A menina põe o pé fóra da porta, e salta para cima do cavallo. Em Valença, deixa vossemecê o barco tratado, e assim que chegam, embarcam para além. Depois que saltarem em Tuy, façam para cá uma figa ao preto. Está por isto? As cavalgaduras quem vae arranjal-as sou eu, que eu sou homem para tudo? Está decidido?

— Mas é necessario avisar a senhora de Braga, para ella prevenir Albertina.

— Pois parta para Braga — retorquiu Agostinho — e espere um dia para dar tempo á ida do aviso. Sahia do Porto, meu amigo.

— Estou decidido! — exclamou João Chrysostomo — Mas vou ao correio procurar carta de Braga.

— Vamos juntos, e lá resolveremos, se devo ir alugar os cavallos.

Sahiram para o correio. Agostinho levou João pelas travessas e becos menos concorridos. Ao desembocarem de uma viela n'uma rua de passagem, um caminheiro, ao perpassar por elles, encarou em Agostinho, e disse-lhe:

— Adeus, sr. Alves!

Agostinho passou como quem não ouviu, e o transeunte cumprimentador parou de admirado do seu engano, ou da grosseria do seu conhecido.

— Aquelle homem — disse João Chrysostomo — chamou-lhe *Alves*.

Agostinho poz a trompa na orelha, e disse:

— O quê? Chamou-me Alves?

— Sim, senhor.

— Enganou-se, que eu, desde que o dei a crear, nunca mais o vi.

E riu-se da sua graça.

O incidente passou, sem deixar no animo do moço a mais leve impressão de suspeita. O enganar-se com o sugeito, outro que ia passando, era coisa de nenhuma advertencia.

Tinha João Chrysostomo carta da senhora de Braga, com a incluida de Albertina. Era um afflictivo aviso de que o pae escrevêra a Simão Valladares, annunciando-lhe a ida a Barbeita; e tambem escrevêra á mulher, azedado contra a filha, e resolvido a ir pessoalmente obrigal-a a ser feliz com o excellente marido, que a fortuna lhe offerecia a ella, tão indigna de tal esposo. Concluia Albertina apressando o desfecho, para se não complicarem os obstaculos á fuga. Era ella quem traçava o plano. Ao dar da meia noite, quando a mãe dormisse, havia de saltar da janella ao pomar, e auxiliada por Fernando Valladares, sahiria pelo portal, onde João a estaria esperando com os cavallos.

— Que lhe disse eu! ? — exclamou Agostinho Chaves. — Parece que adivinhava! Meu amigo, vá preparar a sua bagagem, se tem que levar, que o melhor é ir escoteiró e leve. A's dez horas da noite estão as bestas no largo da Aguardente. Lá daremos o ultimo abraço. Adeus até ás nove horas.

João Chrysostomo avisou Albertina da noite e hora da sua chegada, e foi collocar a nota na estante do escriptorio, e despedir-se do tabellião Ferreira, dissimulando uma ida a Vairão na tentativa de reconciliar-se com seu pae. O tabellião elogiou-lhe os seus bons serviços, recommendando-lhe que fosse sempre honrado, que alguma hora deixaria de ser infeliz. Por ultimo adeus, brindou-o com uma gratificação, devida á zeladora energia com que o ama-

nuense curára dos interesses da sua escrivaninha, trabalhando por noite fóra, além do contrato, quando era preciso dar vasão aos encargos.

Confessava João Chrysostomo que uma grande tristesa lhe enturvára o animo, a ponto de sentir-se como trespassado de incomprehensivel remorso, ao despedir-se do tabellião.

A' hora convencionada encontrou no largo da Aguardente os cavallos, e um arrieiro. Agostinho José Chaves agourou-lhe prosperidades sem conta nem medida, e viu-o partir, com semblante melancolico.

João Chrysostomo, quando chegou á Terra-Negra, e viu o caminho da casa de seus paes, repuxou a redea, parou e disse no secreto de sua alma:

— Nunca mais! Nunca mais te verei, meu pae! Nunca mais ajoelharei na sepultura de minha mãe. Sei que se acabou para mim a patria, a terra da infancia, as flores que ainda sorriem no pobre torrão do desgraçado que lá nasceu!

O coração doeu-se d'este pesar de espirito. O moço cuidou que estava assim, com estas meditações, offendendo o amor da mulher, que tudo abandonava por elle. Deu de esporas ao cavallo, e nunca mais voltou o rosto para os sitios da sua terra.

Deteve-se em Braga poucas horas, contando os seus designios á dama e ao cavalheiro protectores.

Seguiu jornada de dois dias e meio, e esperou a noite para entrar em Valença. O arrieiro, industriado por Agostinho Chaves, sahiu a dispôr o barco de passagem do Minho. Aqui se lhes antepoz um estorvo que affligiu João Chrysostomo. As ordens na fronteira eram apertadas. Nenhum viajante passava o Minho n'aquelle ponto, sem passaporte limpo de

toda a suspeita. Este impêço escapára á previdencia do solicito amigo Chaves. A' falta de passaporte, suppriria o abonò de pessoa idonea. João Chrysostomo lembrou-se de Fernando Valladares; mas n'aquella mesma noite o esperava Albertina: havia incompatibilidade de tempo, e desconcerto no plano. Lastimou-se o perturbado moço ao arrieiro, como quem não tinha mais intelligente espirito que o aconselhasse. O arrieiro sabia mais que elle dos processos summarios em removimento de difficuldades. Pediu auctorisação para appellar da lei para o tribunal do dinheiro. Munido de poderes, em vez de comprar um barqueiro, que recebesse os fugitivos n'um ponto do rio, desguarnecido de sentinella, foi direito á fonte limpa, e comprou o commandante da guarda, e compraria o proprio governador da praça, e compraria a propria regencia, dizia elle, se estivesse de tempo e pachorra.

Entretanto, vamos ver o que vae em Barbeita.

Simão de Valladares, n'estes ultimos dias, denotou transversão de juizo. Ninguem se fez. Cincoenta e tantos annos a dar provas de uma sensatez exemplar para, a final, sahir ao mundo com as cans enxovalhadas pela irrisão! Que pena faz vêr em quão pouco está a força, a dignidade, e o juizo do homem!

Improbe amor, quid non mortalia pectora cogis? [1]

Assim que o morgado de Barbeita deu tento da acrimonia do irmão e cunhada, a flamma da ira, rebentou á competencia de intensidade com a do amor.

---

[1] Maldito amor, a que fórças a extremosa humanidade?
VIRG.

Repellido delicadamente por Albertina, vingou-se na familia, bradando que era d'elle a casa, que por esmola estava sustentando e vestindo uma familia de ingratos, e, como ingratos, se fossem á sua vida, e o deixassem senhor de suas acções e bens. Albertina testemunha d'este destempero, acudiu dizendo que ia fugir de uma casa, onde ella entrára com a discordia, e d'onde sahia coberta de vergonha.. A mãe impunha-lhe silencio, e particularmente lhe observava que se não intromettesse na vida alheia.

Esta perdoavel mulher tirava á sua origem e educação. Nascida entre as trouxas da farrapagem de seus paes, adeleiros na rua Chã, deslumbrou-a o aspecto nobiliario da casa de Barbeita, e o antegosto de ouvir chamar morgada á sua filha, e morgadinho ao seu primeiro neto. Afóra isto, acrescia o receio da pobresa na viuvez. Todas as mulheres, dos quarenta annos para além, se teem maridos pobres e adoentados, por muito que os amem, cogitam e reflectem na viuvez pobre, e fallam n'isso como as viuvas indostanicas devem fallar na fogueira, ao lado do leito dos maridos agonisantes. A pobresa é uma verdadeira lavareda, que as está queimando, antecipadamente ás viuvas d'esta nossa parte do mundo civilisada.

De mais a mais, a consorte do doutor Negro já tinha visto a vanguarda da pallida necessidade, quando o marido, desvairado pela paixão, fechou o escriptorio e disse á mulher: «Estão as portas fechadas menos á fome, que não tarda a entrar.» Por estas e outras, é que ella muito queria ver sua filha casada com Simão de Valladares, ainda que para isso o irmão, cunhada e filhas tivessem de ser

expulsas e reduzidas a comerem o caldo que os criados regeitavam. A este feio sentimento chamava ella amor maternal. Deus lá sabe o que é; e o almotacel das trevas eternas tambem me parece que sabe alguma coisa d'isto.

Assim que Simão ouviu a ameaça de Albertina, ficou passado; e assim que o ensejo lhe deu uma aberta, ajoelhou-se-lhe aos pés, exclamando:

— Mate-me por piedade antes de fugir!

E, dizendo, offereceu-lhe um luzente punhal, que Albertina repelliu, partindo a fugir da sala, com as mãos na cabeça.

O morgado ergueu-se, encarou na ponta afiada do ferro, e no lado esquerdo; ergueu ainda o braço, e .. Acudiu a esperança, interpondo ao punhal e seio a sua aza branca. Simão embainhou a lamina, remessou--a com horror, e disse: «Que loucura eu ia fazer! Meu irmão ficava senhor da casa, e a ingrata faria da minha morte um tropheu das suas victorias!»

Que o irmão ficava senhor da casa, isso era de lei; mas que Albertina se desvanecesse de similhante victoria, quer-me parecer que não. Como quer que fosse ou viesse a acontecer, Simão de Valladares deu ordem aos servos que vigiassem os passos da hospeda: indiscreta recommendação, que revelou aos criados o desarranjo intellectual de seu amo!

XII

A' meia noite d'aquelle dia, Albertina espreitou pelo resquicio das portas da alcôva em que sua mãe dormia, e viu-a sopitada no primeiro somno, á claridade da lamparina. Escutou o ruido do interior da casa : era completo o silencio, apenas quebrado pelo pendulo de um relogio de parede. A vidraça ficára intencionalmente aberta. Puchou a si brandamente as portadas interiores, e espreitou. Entreviu um vulto : devia ser Fernando que a esperava, segundo soubemos do plano communicado a João Chrysostomo. De feito, era. Albertina encontrou uma escada de mão, arvorada ao peitoril da janella : desceu com firmesa, sem os saltos de coração, proprios do lance. Era a terceira vez que fugia : as impressões repetidas gastam a sensibilidade.

Fernando de Valladares avisinhou-se mui de manso, e disse-lhe ao ouvido :

— Muito pouca bulha, que meu irmão está fóra de casa. Receio que a aproximação dos cavallos levante algum estrondo. Não se assuste a menina, que os criados, prevenidos por elle, tambem o estão por mim. Aqui a felicidade é chegarmos ao portal sem elle dar fé.

— João Chrysostomo já lá estará — perguntou Albertina.

— Chega n'este momento — respondeu Fernando, pondo o ouvido á vagarosa andadura dos cavallos, cujas patas o sagaz arrieiro envolvera em pannos, que lhes abafavam a estropeada — Vamos! — continuou elle — Nada de susto!

— Eu vou sem medo — observou Albertina — mas terá perigo elle?

— Nenhum. Meu irmão não se atreve...

N'isto ouviram um grande brado: e logo a voz de Simão chamando os criados pelos seus nomes, e os cães de fila arremetendo ao portal.

— Depressa, depressa! — murmurou Fernando, tirando com desnecessaria força pelo braço de Albertina.

Os cães accommetteram contra o dono, e sustiveram-se farejando-o, assim que lhes elle fallou. Simão batia ás portas das lojas e palheiros no outro lado da casa, chamando os criados que respondiam a brados, sem atinarem, ou fingindo que não atinavam com as portas.

Fernando abriu subtilmente o portal, tomou nos braços Albertina, e assentou-a na Andilha. Apertou-lhe a mão e disse:

— Sejam felizes, e vão sem medo.

Simão Valladares vira-os passar á desfilada, e enrouquecera de subito como se as valvulas da larynge se lhe grudassem com o ultimo brado de soccorro. A criadagem sahiu de roldão por todas as portas, apavorando com tiros a passarinhada, que dormia nas ramarias das carvalheiras. Simão ordenava que lhe apparelhassem o *Relampago*. Relampago era a graça do cavallo, que, sem conhecimento

do dono, estava encravado. Mandou apparelhar o *Junot*, graça de outro cavallo, assim chamado em affronta ao general francez. O Junot tinha o cerro ferido, e escouceava o eguariço. Raivava o morgado como energumeno. As senhoras já estavam a pé. Fernando sahia tambem espavorido do leito conjugal, com uma clavina aperrada, perguntando ao irmão se eram salteadores. A mãe de Albertina, que não achava a filha, não sabia se havia de gritar, se morrer. Era um dia, ou, mais exactamente, uma noite de juizo n'aquella casa, e na aldeia toda, que se levantára a dar gritos e espingardadas, uns cuidando que o Maneta assaltára as fronteiras de subito, outros que uma malta de salteadores cercava a casa dos fidalgos.

Simão esvaiu-se de forças, e ficou spasmodico, por fim. A mulher do doutor Negro passou o restante da noite em desmaio interpollado de convulsões. Fernando de Valladares offerecia-se ao irmão para tudo que fosse necessario. A senhora e as meninas choravam clamorosamente pela sua perdida amiga. Que clamores! o que fazem senhoras! que engenhosas tramoias! E ha quem diga que a imaginação para a comedia e para o romance é uma prerogativa dos homens! A mais velha das meninas acercou se do tio Simão, que estava prostrado n'um canapé. Tomou-lhe a cabeça nos braços, encostou-a ao seio, e murmurou:

— Aquella infeliz não era digna do amor de meu tio!...

Simão fitou-a com os olhos carregados de lagrimas, e suspirou. A menina limpou-lhe as lagrimas com o lenço e continuou:

— Que mal empregado coração!... Se, ao menos,

o mundo não tivesse que dizer da virtude d'ella!... Quantas meninas puras como o sol desejariam o amor de meu tio!...

Simão abriu outra vez os olhos, alisou a fronte com a mão, senton-se de salto, e disse:

—Maldita seja ella, que me roubou a paz, a dignidade, e a vida!

—Nem a dignidade, nem a vida, meu tio—acudiu meigamente a menina.—A paz ella virá, quando outro coração mais digno lh'a der. Não o amamos nos todas com tanto extremo?

Simão não respondeu; porém, estas caricias fizeram-lhe bem.

Quem estava inconsolavel era a mãe da fugitiva. Grave e funda agonia era a da chorosa creatura! Antevia os trances, a loucura, e póde ser que a morte do marido. Como lhe havia de annunciar a nova e irremediavel desgraça? Resolveu ir ella mesma encontral-o, talvez, no caminho. A senhora da casa instigava-lhe a tenção, para evitar a celeuma do doutor furioso, quando chegasse. Simão era indifferente á sahida da hospeda. A pungida mulher nem já recebia palavra consolativa de ninguem. Aborreciam-na as senhoras, e Fernando disse á mulher:

—Faz diligencias para que ella vá para o Porto. Em quanto isto não esquecer e socegar, a nossa casa ha de estar sempre em desordem. Nunca o preto se lembrasse da Barbeita!

—Arrenego eu o preto!—disse a descendente dos Mellos de Ponte.—Tomára eu impontar d'aqui esta adeleira de não sei que diga! Cuidou a trapalhona que nos vinha pôr fóra de nossa casa! E' o que eu estava a ver, que me não ia sem lhe pôr a cara da côr da do marido!

No dia seguinte, pela tarde, a lastimavel mãe sahiu para Valença, e ali tomou liteira para o Porto. A meia legua de Vianna encontrou o esposo. Assim que elle a reconheceu, saltou da liteira bradando:

— Onde vens tu?! Que é de Albertina?!

A senhora rompeu em alto pranto, e perdeu os sentidos. O doutor saccudiu-a brutalmente, bradando:

— Dá-me conta de minha filha!

Os gritos do homem era um anti-spasmodico, ao qual não resistiria o hysterismo de senhora nenhuma.

— Que é de minha filha? — ululava o pae afflicto.

— Fugiu — murmurou ella com um gemido.

— Com quem?

— Com quem havia de ser? Eu não a vi fugir, que estava no primeiro somno; mas havia de ser com o malvado

O doutor Negro cerrou os punhos, remessou-os hirtos com o vigor de duas catapultas contra o céu, e rugiu!

— Não ha Deus!

Disse, e atirou-se para a ribanceira da estrada, arrepelando os cabellos crêspos, que não eram do que se ageitam mais aos repellões.

Sahiu a esposa da liteira, e foi sentar-se a par d'elle. O doutor ergueu-se impetuosamente, e bradou:

— Eu te amaldiçôo em nome de Deus, filha perdida!

Não ha Deus — tinha elle dito momentos antes. Agora já o reconhecia para o effeito da maldição vingativa. São assim as nosas paixões. Quando pa

gamos por ellas, se a força nos desampara, decretamos a inutilidade de Deus, visto que elle se não honra em nos auxiliar; porém, se carecemos de cevar o nosso odio com o infortunio das victimas que nos fogem, concedemos ao Creador o favor de existir, e em nome d'elle sentenciamos a condemnação de quem se esquiva ás nossas garras.

Exceptuemos este infeliz pae do numero dos blasfemos a quem o Altissimo ha de pedir contas. Estas angustias que bramam a impiedade, devem ter algum desconto na balança do supremo juiz. O homem fel-o Deus. A maldade é congénere do homem. A responsabilidade do mal, se é inteiramente d'elle, mal me entendo com a justiça divina. Não póde ser.

O doutor Negro entrou na liteira, e mandou desandar na estrada do Porto.

Denegou-se a ir na companhia da mulher. Nas estalagens, fechava-se no seu quarto, e resistia ás instancias d'ella, que se desfazia em lagrimas. A creatura, que elle amava tanto, era como se não existisse para a sua dôr. Não tinha ella a expressão suavisadora, que lhe faltavam dons de espirito. O que a pobre senhora dissesse seria tudo coração; mas este mesmo, na mulher edosa, é surdo-mudo, que não entende nem exprime. E depois, tão carecedora estava ella como elle de lenitivos. As lamurias irritavam-lhe os accessos. O que o doutor Negro queria era vingança, era ouvir outra vez o stridor dos ferrolhos corridos nas costas dos condemnados por tres, por vinte annos, por toda a vida, por uma eternidade de carcere. O sangue d'elle e o d'ella, uma forca para ambos, e as infinitas penas do inferno por cima de tudo. E' o que

elle queria: só quem assim lh'o promettesse poderia gotejar-lhe refrigerio na chaga, que o retorcia em furias de febre traumathica.

Francisco Simões recolhido a casa, chamou a si os amigos mais valiosos, e pediu que o vingassem. O rhetorico appareceu sem ser chamado, e começou pela vulgaridade de Cicero *Amicus certus*, etc. [1]

Franziu o doutor a testa, e disse:

— Sr. Silva, a sua erudição vem fóra de tempo. Deixe-me escutar os amigos, que servem. Esta enfermidade de espirito ha de anniquilar-me!

— *Morbi perniciosiores*... — murmurou o sr. Januario, e conteve-se de repellão. [2]

O doutor dera um upa na cadeira, e o latinista jurou comsigo de não fallar mais, ainda que o Cicero lhe cahisse a talho.

O doutor Alpedrinha continuou:

— Que me dizem, meus amigos? Como hei de haver á mão os infames? Fallem por quem são!

O mais graduado opinou:

— Incumbe primeiro saber onde param.

— Na Hespanha — acudiu o outro.

— Quem o sabe? — disse o doutor.

— Eu, de uma carta, que recebi de Valença hoje mesmo. Sua filha e o tal meliante saltaram em Tuy ás cinco horas da manhã do dia 15 do corrente.

— Ordens para Hespanha, ordens de prisão! —

---

[1] Nas crises se manifestam os amigos. *In Loelio.*

[2] Era ainda de Cicero a sentença estrangulada á segunda palavra. O grande orador tinha dito: «As molestias da alma são mais e mais perigosas que as do corpo». *Morbi perniciosiores pluresque sunt animi quam corporis.* 3. Tuscul.

clamou o doutor Negro, com applauso de tres amigos parvos.

— Pois sim—volveu o mais cordato;—mas investiguemos primeiro se taes ordens são approvadas pela sã rasão.

O rethorico rasgou a mordaça, e disse:

— *Non debemus quicquam agere, cujus non possimus causam probabilem reddere.* [1]

— E' de mais, sr. Costa Silva! — bradou o doutor — Eu vejo-me obrigado a mandal-o calar!

— O sr. Francisco Simões de Alpedrinha, no auge da sua dôr — respondeu placidamente e erudito — offende um amigo que lhe perdoa de bom animo. Não fui chamado; mas vim. Agora vou-me, como cumpre; mas fallarei, embora pouco, substancialmente ha de ser. Chegadas as coisas ao ponto em que as vejo, sr. doutor, o meu parecer é que deixe os fugitivos ao seu destino. Prendel-os em Hespanha parece-me incurial, illegal, e inexequivel por arbitrio das justiças. A sua vingança, se ella é justa, o tempo lh'a trará, que *nihil est quod*... perdão, que as minhas citações estomágam o meu amigo, cujo odio a Cicero é ainda uma enfermidade de sua alma. Lamento as desventuras de um pae extremoso e tão mal correspondido; mas não o aconselho a solicitar uma vingança que afinal lhe há de gastar as forças, e abrir-lhe a sepultura. A morte ella virá, amigo e sr. doutor, e com ella o termo de todos os odios. *Omnium rerum mors est extremum.*[2] E' o que se me offerece dizer.

---

[1] Não emprehendamos coisa alguma, sem tirar a limpo a rasão do intento — 1. Offic. Cic.

[2] Na morte acaba tudo.

Dito isto, Januario tomou o chapeu, e sahiu.

Ao descer as escadas murmurou :

— *Optima suadere quam difficile est !* [1]

Chegando ao pateo, parou e monologou :

— *Optima suadere!*... isto não me sôa a Cicero. Deve ser de Demosthenes. Hei de ver a sentença em grego. Seria um desdouro citar Demosthenes em latim!

No emtanto, o doutor Negro ouvia colerico o parecer do mais cordato, que abundava no voto do rhetorico. Os outros membros do conselho, amollecidos pelo latim de Cicero, ou pelas rasões vernaculas do homem prudente e mais authorisado, abandaram-se com elle, e deixaram sósinho o doutor a praguejar contra a egoista insensibilidade do genero humano. Por ultimo, sahiram todos descontentes da iracundia do doutor Negro, e o pae afflicto ficou bravejando contra elles em soliloquio.

Fecharam-se as janellas da casa de Alpedrinha. Os clientes, temerosos da demencia do patrono, concorreram a pedir os seus processos e sentenças. O doutor mandava-os despedir pelo criado. Vieram em seguida mandados judiciarios para a entrega dos autos. Esta serie de desgostos sobre-excitaram a angustia do velho. Appareceram os primeiros accessos de loucura, quando Antonio da Silveira foi avisado das novas calamidades d'aquella familia.

A este tempo, o moço transmontano estava já desligado do exercito, e vivia no suave retiro da sua aldeia, guarecendo com a soledade meditativa a ferida renitente do seu primeiro amor. Apesar de ne-

[1] Quão difficil é incutir a persuasão do bem ! — *Demosth.*

nhuma confiança ter em si, obteve de seu irmão morgado alguns recursos, e desceu ao Porto. Annunciou-se ao doutor Negro, foi recebido, e a primeira pessoa, que se lhe atirou aos braços, foi a mãe de Albertina, clamando:

— Salve-me meu marido, que elle endoidece! Valha-nos pelas chagas de Christo, que eu não sei o que ha de ser de nós!

O doutor estava no lethargo conseguinte a um accesso. Antonio da Silveira esperou, e no emtanto ouviu a historia da fuga.

Recobrado o enfermo, annunciou-se-lhe o amigo.

Francisco Simões estremeceu, e disse:

— Que entre o primeiro homem honrado do globo!

Este dizer preveniu Antonio da Silveira contra a sanidade intellectual do seu amigo.

Assim que o viu, o doutor Negro exclamou rolando os olhos sanguineos:

— Quero beber o sangue do scelerado, que me leva a filha, a honra e a vida! Quero a cabeça d'elle, e o coração d'ella!

Antonio da Silveira encarou-o com severidade, e disse:

— *Surge tandem, carnifex!* «Ergue-te d'ahi, algoz!»[1]

O doutor Negro fitou-o com pavor, e disse com offegante anceio:

---

[1] São palavras que Mecenas enviou escriptas ao imperador Augusto, no acto em que elle estava condemnando rancorosamente os delinquentes do estado. O imperador sahiu da judicatura, quando leu a atrevida admoestação do amigo, e esperou hora de serenidade para lavrar as sentenças.

— Quem vem insultar um moribundo? Pois nem a morte é respeitavel ao escarneo do mundo?

Antonio da Silveira abeirou-se do leito do doente, e disse com maviosa serenidade, tomando-lhe a mão convulsa:

— Sr. dr. Alpedrinha, da borda do abysmo, onde a mão da sua soberba o quer despenhar, levante os olhos para cima, e veja Deus. V. s.ª lançou de si com despreso uma tabua salvadora, quando as ondas amarissimas da vida se cavaram em redor da sua alma enfraquecida pela irreligião. A piedade era o salvamento. A conformidade era o triumpho. A caridade era o anjo bom que o chamava a perdoar e abençoar a união da sua filha. V. s.ª consultou os mestres do orgulho, folheou o seu Voltaire, e não encontrou lá o dictame do perdão da injuria, nem a bandeira da misericordia com que devera cobrir a puresa de sua filha, manchada pela difamação. A soberba está aqui sentada á cabeceira d'esta cama, com um braço enroscado na sua garganta. Se do outro lado estivesse uma cruz, a victoria da honra seria certa. Não vejo um signal do christão enfermo em volta d'este leito: é forçoso que as más paixões o dilacerem. Ali fóra encontrei uma senhora chorando. Chora porque perdeu a filha. Chora porque vae perder seu marido. Chora porque ha de sobreviver ao esteio que se lhe quebra para estender a mão á caridade publica. Valia bem a pena que v. s.ª obrigasse o pae d'aquella desgraçada mulher a ceder-lh'a para um fim de vida tão despresado!... Ha de o sr. doutor acabar ahi com este peso de remorso sobre o peito!...

Francisco Simões sentou-se arrebatadamente na cama, e bradou:

— Calle-se! calle-se que me abafa!... Deixe-me morrer, que eu não tenho já espirito que se levante a Deus!

— Pois Deus baixará até ao seu espirito!—redarguiu Antonio da Silveira—Experimente, meu amigo. Chame a divina fé em seu soccorro. Veja se póde apagar com lagrimas esse brazido que lhe requeima as entranhas. Peça ao Senhor a felicidade de sua filha. Perdoe-lhe a ella, perdoe ao homem que lh'a roubou.

— Nunca!—bramiu o doutor Negro—Nunca! nem ás portas do inferno com a recompensa de bemaventurança eterna!

Antonio da Silveira inclinou-se sobre o hombro do phrenetico, e disse-lhe com lagrimas:

— Perdoe-lhes, meu bom amigo. Abra o seu coração a uma gota do sangue do Redemptor.

— Nunca!—bradou ainda o doutor Negro, e saltou com gestos pavorosos do leito.

Silveira amparou-o nos braços com grande esforço, e sentou-o prostrado n'uma poltrona. Francisco Simões fechara os olhos, e transpirava um suor frio. Quando voltou a si exclamou:

— Hão de ser mais desgraçados do que eu sou!

XIII

A tentativa da cura pela religião foi inefficaz. O medico era muito novo, e o doente muito velho. Careciam de uncção e gravidade as palavras apostolicas de Antonio da Silveira: faltava-lhe a magestade das cans e a magnificencia impressiva das vestes sacerdotaes. Porém, a mais consideravel deficiencia era a do espirito obsecado do doutor Negro: eram cincoenta e tantos annos de indifferença religiosa, ou, ainda peior, de menos-preço philosophico.

Certificam pios escriptores e narradores que uma grande catastrophe moral tem bastado a reduzir á fé corações empedernidos pela impiedade. Convenho na veracidade d'estes admiraveis triumphos de religião; todavia, ouso certificar que ha impios tão refractarios, ou tão entranhadamente impios, que, assoberbados pelas angustias, inferem d'ellas a confirmação de sua impiedade. Fallarem-lhes em religião, quando o ar da vida lhes falta á ancia do peito, é escalavrarem-lhes a chaga. Da parte d'elles está o demonio, que é um cerrado argumentador ás vezes, como ponderam grandes santos.

O consolador piedoso diz ao impio inconsolavel: «Conforme-se, que a dôr é um legado commum. Acceite esse calix em desconto dos seus peccados. Considere e veja que não ha virtuoso sem penas. Como não ha de sentil-as quem procedeu iniquamente?»

O demonio move a lingua do impio, e responde: «Eu conheço duas duzias de infames, a qual mais contente e feliz. Alguns sobreexcedem a protervia dos outros, ostentando a sua falsa religião. Se ha Deus, a impiedade deve offendel-o; mas a hypocrisia é um accrescento de escarneo á offensa. E os impostores da fé, se não chegam primeiro á balisa da prosperidade cubiçada, chegam ao mesmo tempo que os afoutos do seu despejo e desdem dos preceitos sociaes. O desastre de um ladrão inexperto não prova que a Providencia castigou os trezentos ladrões prosperados. A queda de um pervertedor de mulheres, varado pela bala de um pae ou de um irmão, não implica á impunidade de centenares de perversos, que fecham o curso da vida afortunada com a morte socegada do justo; e, quando Deus e os jornalistas querem, com uma necrologia em que é decretada ao morto a immortalidade da virtude. A perdição de uma adultera não impece que milhares de adulteras se gosem do crime e da mpunidade.»

Aqui retiramos a palavra ao demonio. Seria o maldito capaz de tomar conta do romance, e leval-o ao fim de um jacto, deixando a ver-se em cada capitulo, como usa em todas as obras d'elle, um pêllo da sua hedionda cauda — castigo justo, e advertencia á gente para que não possamos allegar ignorancia.

E' preciso, porém, responder ao desmoralisador, que nos faz discursos d'aquella amostra pela boca das summidades litterarias. Quando elle se aborrece de endiabrar o espirito dos romancistas, vendedores a retalho da peçonha, entra no corpo dos philosophos, de certos philosophos ressabiados dos mestres francezes do grande seculo, e n'estes é que o expulso da gloria armazena a corrupção por atacado. Um impio, que elaborou a sua certesa do nada além da campa consultando os oraculos da philosophia, não ha desgraça que o derrube, nem sciencia que o desande do plano inclinado. Era assim o doutor Negro: era d'aquelle theor, que fica estampado, a sua dialectica em controversia com Antonio da Silveira, salvo o concernente a jornalistas e necrologias que as não havia então.

O transmontano, mais religioso de coração que de estudo, replicou ao atheu confesso que a hypocrisia era uma mascara tão inutil, que todos a arrancavam da cara do impostor.

Que a sociedade muitas vezes era injusta, acoimando de hypocrita o homem ajoelhado com fervores de infeliz, e talvez em agonias de remorso, diante do altar, feito de pedra e escandalo para os julgadores das consciencias.

Que a ostensiva impunidade de um malfeitor não induziu á negação da Providencia; porque ha torturas reconditas, incoerciveis ao nosso alcance; e porque ha uns exteriores de contentamento, similhantes aos lagos limpidos, em cuja vasa lodacenta se revolvem os crocodilos.

Que a hora da expiação do criminoso não sôa pontualmente quando apuramos o ouvido a escutal-a. Que o considerar bonançosa e repousada a

morte do maquinador de desgraças, é uma absurdesa que implica a estupida negação do sentimento do bem, implantado pelo creador em todas as almas.

Que o incredulo acaba tranquillo, se viveu segundo as leis da justiça; mas que o religioso morre atormentado dos vapores de outra existencia, se a sua religião o não enfreou nos impetos da sua perversidade: porque ha uma incredulidade que não lesa a virtude, e ha uma religião que não impece ao vicio.

Que, finalmente, a divina Providencia, quando aggravava a um padecente o peso da sua cruz, não dava a rasão da sua maneira de castigar os maus que se nos antolham desopprimidos de algum gravame.

O doutor Negro, ouvidas as rasões do candido evangelisador, sorriu-se, e murmurou:

—E' facil coisa ser missionario, quando se não é desgraçado.

Antonio absteve-se de redarguir. Esta razão final do enfermo, dita n'um tom de apiedar a misericordia do ceu, commoveu-o. Verdadeiramente aquelle sentir só os grandes infelizes o experimentaram.

Como quer que seja, o espirito de Francisco Alpedrinha aquietou-se algum tanto. As febres eram mais espaçadas, e os exasperos menos frequentes. Antonio da Silveira fallava-lhe da filha, estimulando-o a choral-a. Se a provocação attrahia vociferações rancorosas, o moço escutava-as sem contrarial-as. No decurso de alguns dias, as irritabilidades eram frouxas e momentaneas. Não vingára a catechése religiosa o que a naturesa ia conseguindo. Porque não? A natureza é o altar; a religião é o

sacerdote. Deus lá está para adorar-se sob o seu docel de estrellas. Mas que os incensos não vaporem na ara santissima: que tem isso? E' sempre Deus. E' sempre a naturesa que influe os balsamos das amphoras divinas no seio dolente do bom filho e do filho desamoravel.

Silveira assistiu ao enfermo durante dois mezes de morosa convalescença. Por si e seus conhecidos despersuadia o boato corrente da demencia ou proximo fim do doutor Negro. Os velhos amigos do homem, ameaçado pelo menos de pobresa, sumiram-se n'aquellas nuvens de que falla Ovidio nos versos *Donec eris felix*, etc. [1]

Temiam-se de serem importunados para costearem as despesas do enfermo, ou ampararem depois a viuva. Aquelles que se haviam cotisado para os seis mil cruzados da compra, infaustamente negociada pelo ecco de Cicero, deram graças á boa fortuna que malogrou o emprego de um capital improductivo, perdido talvez; e protestaram salvar a sua nimia bondade dos azares supervenientes. O proprio rhetorico não voltou a casa do doutor, em consequencia de lhe terem lá abafado os respiradouros da latinidade.

Já a razão do doutor Negro se ia aclarando o bas-

---

[1] Amigos... terás muitos, se és ditoso;
Ennublou-se o teu ceu? eis-te sósinho.

Ponsard, na comedia «l'Honneur et l'Argent» traduziu com mais subida elegancia os dois sabidos versos do poeta expatriado:

Heureux, vous trouverez des amitiés sans nombre,
Mais vous resterez seul, si le temps devient sombre.

tante para vêr a solidão em que o deixavam os amigos. Quando d'isto pensava, vidravam-se-lhe de lagrimas os olhos e, se Antonio da Silveira estava ali, chamava o para perto, pedia-lhe a mão, e convulsamente lh'a apertava, dizendo entre soluços :

— Que é dos meus amigos? Que é dos homens a quem eu servi gratuitamente vinte annos? Onde estão uns poucos que me chamavam o salvador das suas fortunas e honras? Acaso, minha mulher pediria esmola a algum? De certo não, que eu tenho mandado vender as minhas pratas, as joias que eram de minha mãe, e haviam, de ser de minha filha. A'manhã venderei os livros, depois este leito, depois o ultimo farrapo d'esta casa; mas não pedirei favor a ninguem, porque, morto eu, não haverá quem o pague.

— A que vem aqui a morte? interrompeu Antonio da Silveira. — Muita vida é o que nós queremos para vermos que amigos tornam depois. E' um espectaculo digno de ser visto, e, sem a vida, perde-se o bello quadro de costumes. Merece o incommodo de viver um caso d'estes.

— Vale bem a pena morrer n'um mundo assim! — emendou o doutor.

Eram corridos vinte e cinco dias depois da fuga de Albertina, quando Francisco Simões recebeu a seguinte carta, escripta na Corunha :

«Meu pae. Eu sou feliz. Lembram-me as suas pa-
«lavras, quando eu era menina : «Ver-te-hei eu mu-
«lher e feliz, minha filha?» Deus permitte que eu
«lhe possa dizer que o sou. Menti, mentiu o meu co-
«ção. Falta á minha felicidade a sua, meu querido
«pae.

«Estou casada com João Chrysostomo desde o «segundo dia da minha fuga de Barbeita. Ajoelhei «dando graças ao Senhor no Altar do templo, como «o faria se saisse dos braços de meu pae, e rece«besse da mão de minha mãe na fronte a corôa de «puresa. Adoro meu marido, porque elle me estre«meceu como irmã até á hora em que o sacerdóte «nos disse que Deus e os homens abençoavam a «nossa união.

«De Vigo, onde nos casámos, sahimos para a Co«runha, dois dias depois. A nossa subsistencia de«pende do trabalho. Soubemos que uma familia il«lustre presisava de uma mestra de piano. Vim of«recer o que sei d'esta prenda, que devo á dis«velada educação que meu pae me deu. Acceita«ram-me com bom ordenado. Felizmente na mes«ma casa ha meninos que aprendem a lingua fran«ceza. João Chrysostomo é o mestre e ganha tanto «como eu. Já nos sobeja ao necessario, bemdita «seja a estrella que nos guiou!

«A nossa alegria é turbada pelo desprazer do «odio de meu pae. Falta-nos a sua amisade: não «lhe pedimos mais nada; e, se isto é demasiado ro«gar, dê-nos o seu perdão, que nós, com o tempo, «lhe mereceremos a estima.

«Beijamos a sua mão e a de minha mãe. A libe«ralidade divina os encha de alegrias e de caridade «que dá a felicidade a quem perdôa. Sua filha ex«tremosa — *Albertina.*»

O doutor Negro recusára ler a carta. Foi Anto-

nio da Silveira que a leu, resistindo ás frequentes investidas que o velho fez no proposito de rasgal-a.

Concluida a leitura, o doutor estorcegou os dedos, e exclamou:

— A ironia sobre a affronta!... o escarneo depois do insulto!...

— Nem ironia, nem affronta!... — disse Silveira — Não ha dizer mais humilde nem singelo. Onde vê v. s.ª o escarneo n'esta carta supplicante?

— Onde vejo o escarneo? Dá-me parte do seu casamento! Que ultrage!...

— Se ella désse parte da sua deshonra, que nome daria v. s.ª ao descaramento? — redarguiu o transmontano.

— Não sei — bradou o doutor Negro — Deixemo-nos de argumentações especiosas. Tire-me essa carta de diante dos olhos, e, se não se peja de escrever a essa perdida, que foi minha filha, diga-lhe que me não insulte, que não cuspa no rosto de um moribundo!

Antonio da Silveira guardou a carta, e calou-se.

N'aquelle mesmo dia escreveu a Albertina, relatando o minimo do effeito da sua carta ao pae. Aconselhava a delicadamente a reservar para mais tarde as suas solicitações de perdão e amisade. Fallava-lhe do estado ainda oscillante da rasão de seu pae, e admoestava-a a não contribuir, involuntariamente ainda para o exaspero do mal. Dava-lhe os emboras da sua felicidade, e dizia que era de esperar nunca outro sentimento viesse desluzir as venturas presentemente gosadas.

Albertina, digamos leal verdade, pungiu-se medianamente no tocante ao despreso em que o pae a tinha; mas doeu-se do receio da loucura manifes-

tado por Antonio da Silveira. Carpiu o infortunio de sua mãe, se o pae morresse; e o desamparo de ambos se a demencia o inutilisasse para o trabalho.

João Chrysostomo enchugou-lhe as lagrimas, asseverando que os lucros de ambos sobejavam á parca e decente sustentação de quatro pessoas, e acrescentou:

— Assim que eu puder pagar ao nosso amigo Chaves as cento e cincoenta moedas, fico desembaraçado para maiores despesas. Se não fossem as vinte que me custou a passagem do rio, e as trinta empregadas na mobilisação d'esta casa, já hoje me desempenharia.

— Mas não tens tu — observou Albertina sorrindo — as minhas cincoenta moedas da prenda do casamento? Empresto-as a ti, queres? Depois m'as irás pagando em prestações com o pequenissimo juro de um beijo. Está contratado?

— Está — respondeu Chrysostomo antecipando o juro de todas as prestações imaginaveis — Vou procurar o negociante para a transferencia do dinheiro. Encarregamos o nosso bom Silveira de receber no Porto a quantia, e ao mesmo tempo a Agostinho José Chaves para que vá recebel-a. E — ajuntou com vehemente alegria — não temos dividas! começamos a viver exclusivamente do nosso trabalho.

XIV

Antonio da Silveira leu ao doutor a carta de Albertina, e a ordem de receber cento e cincoenta moedas para entregar a Agostinho José Chaves.

— Quem é Agostinho José Chaves?! — perguntou Alpedrinha para saber a quem devia entranhadamente odiar.

— Não sei: diz a ordem que elle é da Povoa de Varzim.

— Desejo conhecer esse instrumento da minha deshonra — tornou o doutor, cobrando forças milagrosas — Queria ver um homem que emprestou cento e cincoenta moedas a outro, tal como o infame, para elle costear as despesas de um rapto! Veja se consegue mostrar-m-o, sr. Silveira.

— Será possivel — disse o moço para o não irritar com a contradicção.

Decorreram quinze dias, e Agostinho José Chaves não apparecia. Escreveu Antonio da Silveira para a Povoa de Varzim, e não teve resposta. Sua familia chamava-o á provincia com pressa, e elle queria deixar o dinheiro em posse do seu dono. Foi á Povoa de Varzim: perguntou por Agostinho José Chaves, e ninguem dava informações de tal homem, nem de tal nome. Apenas o administrador do cor-

reio disse que algumas vezes entregára cartas sobescriptadas assim. Participou o estranho successo a Albertina, depositou o dinheiro em casa do negociante que lh'o entregára com ordem da Corunha, e foi a casa assistir ao casamento de seu irmão mais velho.

Ao mesmo tempo, João Chrysostomo recebia de Agostinho José Chaves esta laconica resposta: «Dei, «não emprestei o dinheiro. Mande-o receber onde «elle está. Sem objecto para mais, seu amigo— «*Agostinho José Chaves.*»

Escandeceu-se a cabeça de João Chrysostomo a combinar semelhantes desconchavos. Chaves escrevia da Povoa: Silveira não achava na Povoa noticia de tal homem. Se havia mysterio, que tinha elle com isso? Se o nome era supposto, que interessava o generoso sujeito no fingimento? A dádiva de dinheiro tão avultado, a quem podia pagal-o, sobre que méritos era feita?

João Chrysostomo respondia incoherencias a estas perguntas. Albertina encolhia os hombros, e dizia:

—Aqui ha uma coisa extraordinaria!

Faça-se a luz n'este cahos. O leitor quer e tem direito a desembaraçar-se do enredo em que se acham illaqueados os dois felizes da Corunha. *Felizes!*... santo Deus! como elles se enganavam, e como o mundo se enganaria com elles, se os visse, tão sós n'uma só alma e consciencia, tão embevecidos nos contentamentos do trabalho, gisando fortunas para longos annos!

Poucos dias depois da sahida de João Chrysostomo, instaura-se no Porto um litigio de nomeada.

Era o caso que um lavrador de Fanzeres, avisando um rico proprietario de Villa Nova de Gaya

para receber quarenta mil cruzados de uns bens que seu pae comprára a retro-aberto e praso determinado em 1790, o proprietario viera dizendo que a compra fôra feita *inperpetuum*, e portanto não restituia bens que eram muito legitimamente seus.

Acudiu o lavrador a tirar traslado da escriptura na nota do tabellião Ferreira, e achou que o traslado resava da venda para sempre. Requereu de novo o exame da nota, e os advogados adversarios, logo nomeados, um por parte de Joaquim França, filho do vendedor, e outro por Caetano Alves de Carvalho, filho do comprador, declaram que a escriptura lavrada era textualmente o contheudo do traslado.

Instaurou-se o processo.

Eram ainda vivas algumas testemunhas, assignadas na nota, as quaes, citadas a depôr, juraram que os bens tinham sido vendidos a retro-aberto, e n'esse convencimento estavam de paes a filhos todas as pessoas que houveram noticia de tal contracto. Não obstante reconheceram as suas assignaturas. Recorreram á prova do registro, e encontraram confirmada a materia da escriptura. O depoimento das testemunhas caducou, e a primeira sentença ia ser lavrada a favor do proprietario de Villa Nova de Gaya, quando o lavrador, em extremos de angustia, se lembrou do doutor Negro, antigo advogado de seu pae.

Procurou-o, sem embargo de lhe affirmarem que o doutor estava doente ou doido. O criado respondeu que o seu patrão já não advogava. Teimou Joaquim França, pedindo que o annunciasse como filho de Sebastião França.

O doutor Negro, ouvindo proferir o nome do

honrado lavrador, que lhe emprestára dinheiro para elle sustentar demanda com seu sogro e trastejar a casa, vencido o pleito, mandou entrar o filho.

Joaquim França expoz a sua questão, ajuntando que não recorrera desde o principio d'ella ao amigo de seu pae, por lhe terem dito que s. s.ª estava muito doente de desgostos.

— Pois fez mal — disse o doutor — porque fui eu quem notou a escriptura da venda dos bens a Gervasio Alves da Quintam, pae do ladrão que precisamente fez grande infamia na nota. Sabe vocemecê ler?

—Alguma coisa—respondeu o lavrador escarlate de alegria.

— Vá vocemecê áquella estante do fundo, e traga-me os massos de papeis que tiverem a marca de 1790. Póde ser que por lá esteja o rascunho da escriptura.

O doutor desatou os massos, examinou um a um os papeis, e, desdobrando uma folha de papel almaço, disse:

— E' isto mesmo! Cá está.

Joaquim França poz as mãos, e clamou:

— Milagre!

— Não é milagre, não, senhor, — acudiu placidamente o doutor — E' uma coisa naturalissima. Aqui está o rascunho da escriptura. Vá vocemecê fazer-me uma procuração. O seu advogado sou eu. Quero ver-me com o patife de Villa Nova. Hei de mandal-o n'um cavallinho de pau até á India. Está Portugal inçado de ladrões, e a Africa despovoada. Venha a procuração quanto antes. Estou muito doente; mas quero morrer protestando contra a desmoralisação d'esta cafraria. Salteadores! Uns roubam a fazenda

a seus donos, outros as filhas a seus paes. E triumpham todos, e ha homens que os protegem! Vá buscar a procuração, homem! Que está a fazer ahi?

—Com licença de v. s.ª—disse o lavrador e sahiu.

O doutor Negro pediu logo vista do processo, ajuntou o rascunho da escriptura, e requereu um exame de peritos á nota da tabellião Ferreira.

Estrondeou logo a nova de que o doutor Negro, tido em conta de invalido para o fôro, acceitára a defensão da causa. O reu tremeu. O innocente cartulario tremeu tambem. A reputação de Franscisco Simões Alpedrinha estava illibada. A sua palavra no fôro tinha o criterio de uma escriptura. O seu talento era temido.

Acontecia que o reu Caetano Alves de Carvalho era odiado. Corriam á conta d'elle deshonrosas conjecturas. Attribuiam-lhe um roubo quantioso a um ricaço do Candal nas aguas revoltas da invasão franceza. Diziam mais que elle astutamente se apoderára de uma carga de dinheiro, quando os francezes iam fugindo desordenadamente. O certo era que Alves de Carvalho, nos ultimos tres annos, havia comprado terras excedentes a cincoenta mil crudos, em differentes localidades, nomeadamente uma quinta nos arrabaldes da Povoa do Varzim, onde era fama que elle escondera uma menina roubada a sua mãe.

Alegraram-se os inimigos do argentario, quando souberam que o doutor Negro lhe ia assentar a luva. A opinião publica deu logo como vencida a causa por parte do lavrador, agourou o degredo do Alves como falsificador, a perda irremediavel do tabellião, e um grande exemplo a esperar para escarmento dos ladrões.

Os peritos examinadores da nota, esmiuçado o confronto da letra do tabellião verdadeira com a supposta falsa, e a assignatura de duas testemunhas, que ainda viviam, com as outras presumidas de contrafacção, eram obrigados conscienciosamente a declarar que não encontravam indicios para suspeitas. O doutor Negro, assistente ao exame, exclamou:

— A escriptura foi substituida! Descozam a lombada do livro: examine-se a juncção das folhas.

Cumpriu-se. Nenhum vestigio de corrupção!

— A escriptura não foi esta! — rebramiu Francisco Simões — Hei de morrer desesperado sobre este infamissimo roubo aqui lavrado n'este livro, se não puder provar que Caetano Alves de Carvalho é um ladrão!

E, clamando, fincava os dedos recurvos sobre a nota e parecia espirrar sangue pelos olhos. Era medonho!

Requereu incontinente o doutor que Alves de Carvalho fosse citado para comparecer pessoalmente em audiencia.

Appareceu o reu com socegado semblante. No momento em que entrou, avisinhou-se do doutor um fiel de feitos, e disse-lhe ao ouvido:

— Aqui ha dias encontrei-o de oculos verdes com outro sujeito, e levava um canudo por onde o outro fallava á orelha.

O doutor fitou o homem do segredo e disse-lhe com espanto:

— Você parece-me parvo! Que tem que vêr com a falsificação da escriptura que este velhaco andasse de oculos verdes?

— Sr. doutor — redarguiu o fiel de feitos — os

tratantes sabem grandes maroscas! Pois não acha v. s.ª que elle se fingiria cego e surdo para alguma trampolina?

— Vá-se embora que me está incommodando — replicou o doutor Negro com desabrimento.

Assumida a imponente severidade de gesto e voz, Francisco Simões de Alpedrinha relatou ao juiz, na presença do reu, que fôra elle o factor da escriptura, nos termos em que ella se lia no rascunho. Jurando a verdade do seu dizer, empregou phrases afogueadas do fervor da sua consciencia, e disse: «Seja a minha memoria infame como a consciencia d'aquelle homem, que me escuta impassivel, se eu minto!»

Caetano Alves abaixou a cabeça, e murmurou:

— O Redemptor da humonidade ainda soffreu mais! cumpra-se a vontade do Altissimo! — Eu não devo ser tão injustamente injuriado, sem que o sr. doutor Francisco Simões prove que eu delinqui. Soffro resignado em attenção ás desgraças que exacerbam o animo do sr. doutor; mas peço ao infeliz pae que se não vingue em mim das offensas que lhe fez sua filha.

O doutor ergueu-se de salto e bradou:

— Visto que o miseravel ousou aqui fallar dos infortunios da minha vida particular, eu particularmente lhe responderei. Hei de medir-lhe lá fóra a extensão da lingua.

Os magistados presentes amaciaram a coléra do doutor, e observaram ao reu que respondesse meramente ás perguntas do advogado.

Volveu de novo o fiel de feitos a postar-se á beira do doutor.

— Que é? — perguntou o jurisconsulto.

— Uma pessoa pede licença para fallar a v. s.ª em particular sobre o pleito em questão.

O doutor sahiu á saleta das testemunhas e encontrou um desconhecido, que lhe fallou d'esta fórma:

— Na rua do Bomjardim n.º 49, mora um hespanhol, que fugiu da cadeia de uma cidade de Hespanha, segundo ouvi dizer a outro hespanhol, e entrou no Porto quando os francezes vieram. Eu pude esquadrinhar de uma criada do hespanhol que a vida d'elle era escrevinhar. Tenho lá visto entrar fóra de horas algumas pessoas, e ha de haver, pouco mais ou menos, mez e meio, que eu vi de lá sahir o Alves de Villa Nova. Como elle trazia oculos, fiquei na duvida, e esperei duas noites á espreita. Vi o entrar ás dez, e sahir á meia noite. Fui-lhe na piugada com todo o disfarce, e vi-o passar na ponte das barcas para além do rio. Fiquei convencido de que era elle. Veja lá v. s.ª se estes esclarecimentos lhe servem de alguma coisa para este caso.

— Onde mora o hespanhol?—perguntou o doutor.

Tomou nota da rua e numero, e voltou para a audiencia. Escreveu um breve requerimento que fez passar ao juiz de fóra. O juiz deferiu, e mandou á mesa do escrivão. O meirinho geral tomou conta de um papel, que apresentou juiz, o qual assignou, e o meirinho sahiu.

Caetano Alves sentiu martelar-lhe no coração algum demonio que o beneficiava. Pediu licença para sahir a tomar ar.

— Com sentinellas á vista, requeiro — acudiu o doutor.

— Sentinellas?!—replicou o reu — Pois eu já fui condemnado!?

— São prevenções necessarias — disse o juiz — Póde o sr. Alves sahir com as seguranças requeridas pelo advogado do author.

Caetano empallideceu.

No tribunal ouvia-se apenas a respiração accelerada dos espectadores. A curiosidade estava em ancias. O doutor Negro ensopava o lenço em suor. Fulguravam-lhe nas orbitas descarnadas os olhos como carbunculos.

Meia hora depois, quando Caetano já estava na sala, ouviu-se o tinir de espingardas, e logo entre dois beleguins entrou um preso.

Francisco Simões fitou o rosto de Caetano Alves, e murmurou com inexprimivel jubilo:

Habemus confitentem reum! [1]

E' que as feições do homem estavam descompostas.

O meirinho geral disse:

— O preso resistiu com armas de fogo: tive de requisitar soldados.

— E' engenhoso e valente o homem! — observou o doutor.

O hespanhol da rua do Bomjardim entrava patibularmente amarello.

Ao interrogatorio do juiz respondeu que era hespanhol de nação, nascido em Barcellona, e que vivia das suas rendas. Que fugira de Hespanha por se haver ligado ao partido dos revolucionarios, e que era estudante de direito, quando fugiu. Que se

---

[1] Temos um reu que confessa!

CIC. *Pro lig.*

occupava na leitura, e em escrever a historia geral de Hespánha, e estudar documentos para traçar uma historia de Portugal.

Concedida a palavra ao doutor Negro, foi mostrado Caetano Alves ao preso, que voltou a cabeça com innocente naturalidade para vel-o, encarou-o attentamente, e disse que nunca o tinha visto.

— Sem oculos verdes? — perguntou a doutor.

O interrogado encolheu os hombros, e abanou a cabeça negativamente.

O doutor continuou:

— Estava affeito a vel-o de oculos e corneta acustica: estranha a figura. Veja a perfeição d'este seu trabalho e ficará conhecendo a cara desfigurada d'aquelle senhor.

Dizendo, mandou que lhe mostrassem a nota aberta na pagina da escriptura.

O hespanhol relaxou os tegumentos do queixo inferior, e encolheu os hombros, como quem diz: «Que salsada é esta!? Não vos percebo!»

Caetano Alves poz os olhos no tecto, e murmurou:

— Louvado seja o Senhor! a que injurias está sujeito um homem de bem!

E gemeu como abafado pela constricção da affronta á sua probidade.

— Vejo que não se reconhecem! — disse o doutor — Esperemos que lhe voltem as reminiscencias.

Requereu ao juiz a retenção do hespanhol e de Caetano Alves para ulteriores averiguações, acrescentando:

— Importa saber que motivos deu em Hespanha este preso para ser encarcerado na cadeia d'onde fugiu.

— Eu!? — exclamou o hespanhol.

—Vocemecê!—respondeu o doutor Negro — Não tem que estranhar as masmorras de cá. Veremos agora para que possessão portugueza as leis o mandam estudar documentos para a historia de Portugal!...

O auditorio riu-se, e o hespanhol cravou os olhos afuzilantes na cara do doutor.

XV

Caetano Alves sahiu succumbido do tribunal. O hespanhol ia de cabeça alta, e olhar esconso a um lado e outro como quem estuda a resistencia com que tem a luctar n'um arrojo supremo.

O doutor segredou ao suvido do juiz, e logo officiaes de justiça sahiram em direitura á rua do Bomjardim, devassar nos papeis do preso alguma indiciação.

No pateo do tribunal encontrou Francisco Simões o seu amigo Antonio da Silveira, que o abraçou, exclamando:

— Graças a Deus que o encontro no theatro dos seus triumphos, doutor!

— Diz bem — respondeu Alpedrinha; — isto é um verdadeiro theatro. Vamos lá para casa: dê-me o seu braço que eu vou cahir, meu amigo.

— Assim que sua senhora me disse que v. s.ª estava aqui, abafei de prazer. Quiz entrar na sala; mas a mó do povo era impenetravel. Ouvi a sua voz, e contentei-me com isso.

— Só a maior das protervias de que tenho exemplo em trinta annos de fôro podia arrancar-me á lethargia estupida da minha desgraça, — disse o doutor.

— Ainda bem, que a indignação refaz os oradores, assim como fazia os versos, no dizer do satyrico romano.

— Quem me diz a mim — tornou Alpedrinha, parando meditativo — que esta lucta com a desmoralisação não é um novo trago de peçonha que eu estou espremendo no meu calix?!

— Ahi vem a sua algoz phantasia! — atalhou Antonio da Silveira, desenleando-o da sua abstracção.

— Se eu não consigo provar que Caetano Alves é um ladrão, o ladrão serei eu no conceito publico!

— Como assim?! — perguntou o transmontano, mal conhecedor da materia do pleito.

— Porque eu apresentei como verdadeiro o rascunho de uma escriptura, que não existe. Se a falsa é valida, e havida como verdadeira, o falsario sou eu, que vendi a minha consciencia ao auctor do processo.

— Mas a verdade triumphará! — replicou Antonio da Silveira.

— O senhor é creança... — redarguiu o doutor — Não sabe que Caetano Alves póde pôr uma barra de ouro sobre a bocca do poço onde dizem que está a verdade? Ainda assim, é glorioso acabar em lucta com um gigante d'aquella força! Morrerei no meu posto.

Entraram em casa e prolongaram o dialogo ácerca da falsificação da nota.

Uma hora depois, o procurador de Joaquim França appareceu esbofado, participando que em casa do corregedor do crime estavam alguns papeis indicativos de criminalidade. Ajuntou o procurador que o corregedor convidava o doutor a comparecer em sua casa ao fim da tarde.

Alegraram-se Francisco Simões e Antonio da Silveira.

Não haviam ainda fallado de Albertina. O moço receiava espertar a dôr latente. Foi o doutor que ageitou o ensejo, dizendo:

— E a final nunca se pôde saber quem era Agostinho José Chaves?

— Eu não. Escrevi á sr.ª D. Albertina, avisando-a de que depositei o dinheiro na mão do negociante, que m'o entregou, e nada mais soube.

— E' caso inaudito! — observou o doutor Negro — Tenho levado noites de insomnia a pensar n'isto!... Já fiz perguntar ao tabellião Ferreira se elle conhecia, ou sabia que o tal miseravel conhecesse Agostinho José Chaves. E' nome que não existe!... O senhor acha pessimista a conjectura de que está escondido n'este mysterio um crime, seja elle da especie que fôr?

— Crime!... — disse Silveira — qual crime?

— Pergunta-me qual? Se o eu soubesse, seria tolice conjecturar que o ha — respondeu o doutor, e continuou abstrahidamente:—cento e cincoenta moedas dadas por um homem, desconhecido de todos, e do proprio individuo que as recebeu!... *Latet anguis in herba!*[1].

— Não haveria, por ventura — conjecturou Silveira — ahi um homem singular que beneficiasse João Chrysostomo como o faria um anonymo, e se crismasse com um nome ficticio para esconder a mão generosa?

---

[1] A serpente está escondida no hervaçal.

Observação necessaria: as notas são para quem precisa d'ellas. Os sabedores desculpem a caturrice.

— Repito-lhe que o senhor é muito creança, e tem obrigação de conhecer melhor o mundo em que está — retorquiu o doutor Negro — Nem Homero, nem Virgilio, nem mesmo os poetas biblicos nos contam casos de anonymos tão levantados ao ceu pela alçaprema da philantropia. Como quer achar o senhor monstros de virtude n'este seculo gangrenado de egoismo e abjecção!?

Cessaram de aventar hypotheses os interlocutores, e declinaram a palestra sobre assumptos alheios ao estranho caso. Silveira sahiu para voltar á noite, e o doutor, apoz breve repouso, foi assistir á conferencia solicitada pelo corregedor do crime.

Sobre a mesa do magistrado viam-se alguns papeis soltos, parte dos quaes já o corregedor com o escrivão tinham examinado. Eram cartas de amores escriptas em hespanhol, e outras em portuguez. Das primeiras inferia-se que o galanteador estivera preso em Valhadolid, e d'entre ferros cortejava uma qualquer menina que se propunha casar com elle, sem embargo da posição pouco amavel do sujeito. Estas cartas eram sobrescriptadas a *D. Juan Ribera*. Valiam muito como confirmação de que o hespanhol estivera preso.

Outras cartas amorosas pareciam ser escriptas no Porto. A dama, precisamente enganada, chamava-lhe o *seu Pedro* no cabeçalho das ternas missivas. D'uma d'ellas inferia-se que a enamorada senhora o tinha na conta de conde na sua terra: estas palavras induzem a crel-o: «Não aspiro a ser condessa, «como tu me promettes: o que eu quero é o teu «coração. A tua corôa de conde deslumbra-me me«nos que o fulgor feiticeiro dos teus olhos.» Vê-se que a menina, se não tinha juizo, tinha estylo, o

que era raro n'aquelle tempo. Hoje ha estylo e juizo que é um pasmar-se a gente.

Ainda assim, a democratica senhora teve a discrição de não assignar-se nas cartas, nem dar aberta a que os examinadores a farejassem.

As provas concludentes d'estes papeis eram que o hespanhol mudava o nome, e fazia de conde.

— Vamos agora ao que tem mais valor — disse o corregedor, folheando outros papeis — Mais valor digo; mas pouquissima luz, que por em quanto nos esclareça o ponto que visamos. Está aqui esta meia folha de papel com duas fórmas de letra em hespanhol A primeira parte é uma certidão de obito; a segunda é uma quitação de divida.

— Ninguem póde duvidar que é um ensaio — reflexionou o doutor Negro.

— Assim o creio: a tinta está fresca; o papel é portuguez; collige-se que o falsificador está em correspondencia com freguezes hespanhoes.

Logo que isto se me deparou, mandei ao correio-mór averiguar debaixo de que nome se entregavam cartas ao hespanhol. O correio responde que tem entregado cartas com diversos nomes ao mesmo individuo, e promette miudos esclarecimentos depois de examinar as listas, coadjuvado pela memoria do empregado na entrega da correspondencia. Esperemos esta especie. Entretanto, vejamos estas duas cartas, que, a meu ver, promettem muito. Queira ouvir, sr. doutor Francisco Simões:

«Amigo D. José. (Aqui é D. José — notou o cor-
«regedor). Oito dias é de mais. Tire-lhe dois, ainda
«que não durma. A gratificação será maior. É pre-
«ciso repor a coisa no seu logar. Eu vou depois de
«ámanhã. Amigo para tudo. — *A. J. C.*»

— Estas iniciaes não provam nada; — continuou o corregedor — mas temos aqui uma outra carta, em que a ultima inicial se desenrola n'um appellido que póde provar muito. Ouça o doutor:

«D. José e amigo:

«O favor que me pede é superior ás minhas for-«ças. Mando-lhe metade da quantia, que fui pedir. «São duzentas moedas. Em melhor occasião, man-«darei as outras. Amigo attencioso — *A. J. Cha-«ves.*»

— Chaves! — exclamou o doutor Negro — Agostinho José Chaves?!

— *Agostinho José*, diz v. s.ª — respondeu o corregedor alvoroçado — cá estão as iniciaes *A. J.!* Conhece o doutor algum Agostinho José Chaves?! Temos o fio de algum crime que nos leve ao conhecimento do outro! Conhece o homem?

O doutor tinha a parda testa orvalhada de camarinhas de suor, e a respiração anciada a ponto de levantar-se de salto, e correr á janella puxando as aspirações a grandes sôrvos.

— Que tem, meu amigo? — clamou o magistrado, seguindo-o, e abraçando-o pela cintura.

Francisco Simões cahiu n'uma poltrona, e tartamudeou:

— Isto passa já: é uma ancia, procedida dos meus incommodos. Beberei uma pouca de agua, se me faz favor.

Recompoz-se o gesto do advogado, e logo o corregedor reservou para o dia seguinte o proseguimento do exame. O doutor deu-se por prompto a continual-o sem perda de tempo. E, tomando as duas cartas entre mãos, disse:

— Não trazem direcção no sobrescripto?

— Veja que uma é marcada na Povoa do Varzim. A outra presume-se que foi entregue em mão propria, ou escripta no Porto.

— Tenha v. ex.ª a bondade, disse o doutor, de ordenar que se dê uma busca nos papeis de Caetano Alves de Carvalho, sem demora, antes que elle seja visitado na cadeia.

— Está incommunicavel — disse o corregedor.

— A busca deve ser simultanea na quinta que elle tem nas visinhanças da Povoa de Varzim, e na casa de Villa Nova. Afóra parte a obrigação que corre á policia na devassa do crime, o meu cliente põe á sua disposição o dinheiro necessario n'estas rapidas diligencias..

— Tudo se cumprirá com independencia do dinheiro do seu cliente — disse o magistrado.

Sahiu o doutor promettendo voltar no dia immediato.

Quando entrou em casa, encontrou Antonio da Silveira. Lançou-se-lhe aos braços, exclamando:

— Não lh'o disse eu? não lh'o disse eu?

— O quê? sr. doutor? — perguntou o pávido moço, e a senhora afflicta.

— João Chrysostomo está debaixo d'uma suspeita de ladrão.

— Como? Que diz, doutor?!

— Agostinho José Chaves só é conhecido de João Chrysostomo, e do falsificador hespanhol, fugido das cadeias de Valhadolid!

Silveira ficou tranzido. A mãe de Albertina irrompeu a chorar.

— Não quero prantos! — bradou o doutor — Quero cadafalsos, quero vingança, quero acreditar que ha Providencia!

— Doutor! — murmurou Antonio da Silveira — Explique-me a rasão das suas suspeitas.

— Deixe-me repousar! — disse o doutor Negro — Rasga-se-me o peito. O inferno arde-me na cabeça! Minha filha, aquelle anjo, a querida da minha alma está casada... com um ladrão!...

E abafava os soluços com as mãos trementes. Antonio da Silveira contemplava com silenciosa estupefacção aquella agonia.

Passados minutos, o doutor narrou o resultado da sua conferencia com o corregedor do crime, e rematou, perguntando:

— Que me diz a isto, sr. Silveira?

O interrogado deteve-se alguns segundos a pensar, e respondeu:

— Por em quanto, é temeridade suppor que João Chrysostomo seja ladrão.

— Demonstre-me esse absurdo! — atalhou o doutor.

— Demonstrarei, podendo: e creio que posso, porque estou isento de paixão. O que sabemos é que um tal Agostinho José Chaves, suspeito de correspondencia criminosa com um hespanhol de má nota, emprestou cento e cincoenta moedas a João Chrysostomo. Sabemos que lh'as emprestou, porque o devedor mandava pagar-lh'as. Acontece que não ha Agostinho José Chaves; ficamos, portanto, certos de que houve um homem que falseou o seu nome, quando emprestou o dinheiro, e outro que o recebeu na ignorancia d'essa falsificação. Suppondo que o chamado Agostinho José Chaves, por estar em relações com um hespanhol criminoso é um criminoso tambem, não é justa a interferencia de que João Chrysostomo seja criminoso como os dois ho-

mens, que não conhece. Portanto é temeridade capitular de ladrão João Chrysostomo.

—Concluiu?—perguntou o doutor.

—Dei as minhas rasões, sem violentar a consciencia.

—Respondo ás suas rasões. Agostinho José Chaves, que ninguem conhece na Povoa de Varzim, é Caetano Alves de Carvalho, que tem uma quinta nas proximidades da Povoa de Varzim. Caetano Alves de Carvalho é accusado de falsificar uma escriptura, arrancando as paginas da verdadeira e substituindo-as por outras. A policia prendeu um hespanhol visitado por Caetano Alves de Carvalho: deu-lhe busca aos papeis, e encontrou vestigios de contrafacção de letras, e duas cartas de Agostinho José Chaves, uma que apressa uma obra recommendada, e outra que acompanha a remessa de duzentas moedas. D'estas cartas, uma é escripta da Povoa de Varzim, onde ninguem conhece Agostinho José Chaves, excepto João Chrysostomo. A nota corrompida estava no cartorio do tabellião Ferreira: João Chrysostomo era amanuense do tabellião Ferreira. João Chrysostomo apparece devedor de cento e cincoenta moedas a Agostinho José Chaves, e Agostinho José Chaves é Caetano Alves de Carvalho, falsificador da nota. Respondi. Que tem a replicar o sr. Silveira?

—Que João Chrysostomo não póde ser ladrão.

—Isso não é hermeneutica nem logica, nem coisa nenhuma sensata!—bradou o doutor Negro—Porque não é ladrão João Chrysostomo?

—Porque os ladrões não contrahem dividas para pagal-as!

—Estou pasmado!—replicou o doutor—Pelos

modos, ladrão é aquelle que contrahe dividas que não paga.

— Em jurisprudencia poderá ser outra a coisa definida; mas no direito congenial da rasão humana acho ajustada a definição.

— Em direito, senhor — retorquiu o doutor — ladrão é o que rouba; ladrão é o que proporciona o roubo; ladrão não deixa de o ser aquelle que contrahiu uma divida como remuneração d'um roubo, embora a pague. — Aqui está o que diz a jurisprudencia congenial da rasão humana...

— Mas... — atalhou Antonio da Silveira.

— Mas... peço perdão, meu amigo, á sua bondade: não façamos ensaios de polemica forense. Eu estou muito quebrado de forças: vou vêr se consigo recuperal-as dormindo. Preciso viver, que esta batalha ha de ser tremenda. É um duelo de morte. Quem se atravessar diante da vingança, que a justiça me dá, é meu inimigo jurado.

Antonio da Silveira acompanhou o doutor ao quarto, e voltou a mitigar as ancias da mãe de Albertina.

Depois, sahiu com a alma traspassada, apesar da consciencia que lhe bradava: «João Chrysostomo não é ladrão!»

XVI

Estava Albertina preparando-se para ir com a familia, que a estimava por egual como mestra e como familiar, a passarem um dia no campo, onde se festeja o natalicio do pae das educandas. João Chrysostomo esperara sua mulher: e, no emtanto, escrevia a Agostinho José Chaves uma segunda carta de agradecimento ao donativo das cento e cincoenta moedas, maravilhando-se do insondavel arcano em que se nublava a chave de tão abstruso enigma. Pedia João Chrysostomo ao seu amigo que o illucidasse, explicando-lhe o caso de ignorar-se na Povoa de Varzim quem fosse *Agostinho José Chaves!*

Dobrava elle a carta, depois de a ter lido á risonha esposa, que vinha de considerar-se formosa no espelho, quando um dos meninos, seus discipulos de francez, lhe entregou uma carta de Portugal.

Abriu-a Albertina, a quem ella vinha endereçada, e disse com muito regosijo:

— E' de Antonio da Silveira!

— Não se demorem muito, que a mamã ficou á espera — disse o menino, e sahiu.

Albertina leu:

«Minha presada senhora.

«O punhal vae ser penetrante: mas a dôr é ne-
«cessaria...»

— Que será, meu Deus! — exclamou Albertina — morreria meu pae?!...

E continuou, estando já o marido de par com ella, para ler ao mesmo tempo:

«Não sei como hei de preparar o balsamo antes
«de abrir a ferida!... E'inevitavel! Diga-se depressa
«o que é forçoso dizer-se.

«Ha aqui um homem chamado Caetano Alves de
«Carvalho, que os tribunaes vão condemnar como
«falsificador de escriptura. A escriptura foi falsifica-
«da no livro de notas do tabellião Ferreira...»

— Santo Deus! — bradou João Chrysostomo.

—Que é!—clamou Albertina—Fazes-me tremer! que é, João?

— Lê! — disse elle — Deixa-me ler a mim...

E, tirando-lhe das mãos trémulas a carta, proseguiu:

«O falsificador ha fundadas presumpções de que
«fingisse chamar-se Agostinho José Chaves com duas
«pessoas: uma, já indicada no crime, é o falsifi-
«cador; outra, que brevemente o será, é seu ma-
«rido.»

— O' Virgem Santissima! — gritou Albertina.

João Chrysostomo relanceou em roda de si os olhos esgaseados, e murmurou com accentuação de incomportavel amargura:

— Isto é atroz! Estou sonhando, Deus de misericordia!...

Albertina tomava-lhe das mãos a carta, que elle não largou.

—Deixa-me ler tudo—disse o attribulado. E leu:

«Está seu pae advogando este pleito contra os «falsificadores: é preciso não contar com a commi«seração de seu pae, minha senhora.»

— Carrasco! — bradou Albertina allucinada.

João continuou:

«Juro-lhe que considero innocente seu marido; «mas, d'aqui a pouco, serei eu sósinho a conside«ral-o innocente. A mim nem a evidencia do crime «me fará mudar de opinão. Não importa que esteja «innocente. E' preciso que fuja de Hespanha, e já. «Temam-se de alguma ordem de prisão, enviada ao «embaixador. Não sei se as leis o permittem: o que «sei é que a prepotencia salta por cima das leis. Se «seu innocente marido quizer vir a Portugal justi«ficar-se, v. ex.ª não lh'o consinta, que se perdem «ambos. Não encontrarão justiça nem piedade, se«não em mim, que não valho nada. As apparencias «da cumplicidade de seu marido são taes, que toda «a defesa cahirá. O adversario é inexoravel, e são «muitos os adversarios. E' seu pae, será o tabellião, «responsavel da nota, será a sociedade em peso, «que lhe não perdôa o ter afinal sahido victorioso «da outra lucta.

«Fujam sem demora. Vão para o Brasil, e espe«rem lá que a verdade venha á luz do sol. E' uma «questão de tempo. Não sei que mais lhes deva di«zer. Adeus, meus infelizes amigos. Vosso irmão

«*Antonio da Silveira.*»

João Chrysostomo acabára de lêr a carta serenamente. Horribilissima serenidade!

— E agora?—perguntou Albertina asfixiada pelos soluços.

— Agora — disse o marido — vou ao Porto.

— Não irás! — clamou ella — não irás, filho da minha alma!

— Irei! — replicou firmemente o desgraçado.

— E eu não! — redargiu ella com bravo impeto.

— Pois não vás, que não deves ir, Albertina. Fica.

— Não vou, porque me has de sepultar primeiro!

E, correndo ao seu quarto, voltou com uma pistola engatilhada ao ouvido, exclamando:

— Perdôo-te a morte, meu infeliz amigo.

— Albertina! — bradou João Chrysostomo, lançando-se-lhe ao braço.

N'este momento, subiam as escadas umas doze pessoas, que compunham a familia. O pae dos educandos vinha dizendo:

— Que demora é esta?! Vamos, que são horas.

Quando assomaram ao limiar da porta, viram Albertina desmaiada nos braços do marido, com o rosto alagado das lagrimas d'elle, que derivavam a quatro. A pistola estava cahida no pavimento ao lado da carta.

— Que é isto?! — perguntou o espavorido hespanhol.

João escondeu o rosto contra a face de sua mulher. A familia rodeou-os. As meninas mais novas choravam abraçando-se á mestra. O pae levantára do chão a pistola, sem ousar pôr mão na carta.

— Sr. Chrysostomo! — dizia elle em tom rogativo — Podemos dar algum remedio a esta desgraça, seja ella qual fôr? Fallem, pela amisade que lhes temos, se é desventura que possa ser sabida!...

João encarou na dama, e pediu-lhe a mercê de ajudar a transportar sua mulher ao leito. Albertina deixou-se levar desfallecida. O marido ficou sósinho

com o hespanhol na sala. Fecharam-se por dentro, e ahi se demoraram duas horas.

No emtanto, Albertina, rodeada da carinhosa familia, quando cobrou os sentidos, circumvagou a vista, perguntando pelo marido. Respondeu-lhe a senhora que estava com o seu amigo na sala, havia mais de uma hora. A filha do doutor Negro murmurou:

—Vejam se o salvam!

Pediram-lhe explicação do perigo que elle corria. Albertina callou-se, e ficou por largo tempo n'um taciturno spasmo.

Findas as duas horas, o hespanhol sahiu da sala, chamou a sua familia, e voltaram para casa.

João foi ao pé de sua mulher, e disse-lhe;

—Socega, Albertina, que eu não vou ao Porto. Estou tranquillo como vês. Imita a minha coragem. Eu vou escrever ao nosso Silveira.

Ergueu-se ella com impetuoso vigor, e seguiu-o á escrivaninha, perguntando-lhe:

—Que vaes fazer?

—Verás.

Sentou-se e placidamente escreveu:

«Meu presado amigo.

«Sou cumplice no crime da falsificação; mas es«tou innocente. O homem, que disse chamar se «Agostinho José Chaves, enganou-me. Offereceu-me «dinheiro, que eu acceitei como emprestimo. De«pois de me obrigar a um grande reconhecimento, «pediu-me um pequeno favor. Queria elle ver a es«criptura da compra de bens para esclarecer algu«mas duvidas. Emprestei-lhe a nota, que elle me «devolveu, passados oito dias. Procedi mal, que eu

«não devia abusar da minha posição de amanuense «do cartorio. Eis aqui a minha cumplicidade: é «culpa; não é infamia. Foi a gratidão que me «perdeu, se é que a pobresa me não havia já per- «dido. Se a justiça liquidar o contrario, ou mais do «que affirmo a v. s.ª, a justiça ter-se-ha enganado «como eu me enganei.

«Sabe-se que Agostinho José Chaves é Caetano «Alves de Carvalho? Pois bem: queira v. s.ª fazer «entregar a Caetano Alves de Carvalho duzentas «moedas que lhe remetto. Acrescem cincoenta moe- «das á quantia remettida antes: é porque este acres- cento procede de uma prenda de noivado que elle «enviára a minha mulher. A divida do dinheiro fica «paga. A da honra saldar-se-ha. Dou o tempo como «caução, se a vida me não fugir a mim ou a elle. «Minha mulher e eu agradecemos a v. s.ª o bom «conceito que de mim faz. Não se arrependerá, «ainda que as leis me levantem um cadafalso.

«Em quanto ao odio do sr. doutor Francisco Si- «mões, Deus lh'o converta em melhorias de sua ra- «são e saude. Parece-me que similhante victoria fo- «rense não era necessaria á sua fama. O Altissimo «nos vê a todos. Muitas lembranças saudosas da «minha Albertina para v. s.ª, de quem sou

«Criado e reconhecido amigo

«*João Crhysostomo.*»

Albertina mostrou alegria com esta determinação.

— Mas o dinheiro, que ahi está, não chega! — observou ella.

— Temos um bemfeitor. Elle ahi está.

Entrou o hespanhol com um saquinho de onças, que depoz sobre a banca.

João entregou lhe o dinheiro que tinha. Contou o hespanhol duzentas moedas, completando-as com parte do dinheiro, que trouxera. Ensacou-as, e sahiu a remetel-as para o Porto, mediante uma ordem de pagamento á vista, a Antonio da Silveira.

— Agora, minha querida Albertina, — disse Chrysostomo — vamos por esse mundo fóra deixando um rasto de deshonra. Tu és a força da minha consciencia: não me deixarás cahir. Quando me vires inclinado aos braços da morte, cinge-me com os teus. Quando o mundo me chamar ladrão, diz-me tu que o não sou. Tens dois amigos a darem testemunho da minha probidade. Se eu morresse, devias invocal-os, para desinfamar a tua viuvez. Espero vencer a morte com o teu auxilio. Se vierem muitas dôres, não te cohibas de chorar com medo de me afflingir. Fazem-me bem as tuas lagrimas. Vamos para o Rio de Janeiro. Trabalharemos como aqui. Ha de lá chegar a noticia do meu crime: paciencia. Direi que estou innocente. Se me não acreditarem, cuidarão ao menos que eu me estou rehabilitando pela honra do trabalho. Creio que voltaremos á patria, porque é necessario que eu volte. Fica-me cá a minha pobre dignidade empenhada... Muito valor agora, Albertina.

— Pois vês-me enfraquecer?! — atalhou ella cariciosamente.

— Não, por ora; mas é preciso que te unjas de resignação para um tremendo combate. Ao meu lado vae a fama das cem trombetas pregoando que eu deixei falsificar uma escriptura. Quando ella gri-

tar, fecha tu os ouvidos, minha filha. Se me cuspirem no rosto, fecha tu os olhos. Se me gravarem na testa o ferrete de ladrão, lava-m'o com as tuas lagrimas.

—Sim, meu infeliz anjo! — exclamou Albertina, estreitando-o contra o seio.

— Abraça-me; mas não chores, que ainda é cedo!... Vamos ao essencial. Principia desde já a encaixotar a nossa bagagem. Mal dirias tu, quando, ha pouco, te vestias para a festa, que irias estrear o teu vestido ao novo-mundo!... Nada de fraquesas indignas de martyres tão provados como nós!... Arranja o que puderes, que eu vou tratar de uns pequenos preparos. O navio parte na proxima semana. Esta nossa mobilia quer compral-a este bemfeitor, o segundo homem que vae jurar sobre a minha innocencia. Ficamos devendo alguns centos de cruzados ao pae dos nossos discipulos. E' necessario viver para lh'os pagar. Estás animada?

— E contente, meu filho!

—Pois bemdito seja Deus! Até logo.

O providencial hespanhol foi com João Chrysostomo abonar-lhe o passaporte, e tomar passagem no navio mais proximo a sahir.

D'ahi foram juntos ao escriptorio d'um capitalista, a quem o respeitado conterraneo contou as desventuras de João Chrysostomo. O commerciante acreditou na innocencia do portuguez, cuja historia desastrosa elle já sabia, com referencia ao seu casamento. Deu-lhe cartas de muita valia para castelhanos estabelecidos no Brasil, e uma de directa recommendação para o receberem e proverem de todo o necessario, emquanto estivesse desoccupado.

Conhecia-se que uns homens enviados da divina

Providencia andavam levantando o pobre, que outros homens recalcavam. A suprema impiedade é descrer d'Ella.

Alvoreceu a madrugada da partida. A familia hespanhola levou-os a bordo, e chorava como ao despedirem-se de irmãos e filhos.

João Chrysostomo, quando já estava no barco, escreveu a Antonio da Silveira estas poucas linhas:

«Cá vamos. O seu conselho prevaleceu. Albertina «pede-lhe as suas noticias para o Rio de Janeiro. «V. s.ª terá a paciencia de nos dizer as dimensões «do patibulo que me levantaram. Ao sr. doutor Al«pedrinha gora-se-lhe o prazer de ver estrebuchar «um padecente, Deus não permitte que a expansão «do rancor rebatida o mate ou o enlouqueça. Que «nome dá o mundo a semelhantes paes? Provavel«mente chama-lhes carinhosos, assim como aos ho«mens na minha posição chama ladrões. Não digo «mal da humanidade, que tenho encontrado n'ella «grandes corações. V. s.ª é uma santa memoria que «eu levo. Um adeus da sua irmã, e o meu eterno «reconhecimento.

«João Chrysostomo.»

XVII

Executadas as buscas domiciliarias na quinta da Povoa de Varzim, e na casa de Villa Nova de Gaya, o corregedor do crime, antes de examinar os papeis encontrados, disse ao seu escrivão que avisasse o doutor Negro.

— Desgraçado pae! — disse o escrivão.

— A quem se refere o senhor?—perguntou o chefe de policia.

— Ao doutor Negro — respondeu o subalterno com aspeito condoido.

— Esclareça-me esse seu gesto melancolico.

— Dois unicos papeis indiciadores de crime appreceram nas escrivaninhas de Caetano Alves. São duas cartas: uma encontrada na Povoa; a outra em Villa Nova. Ambas as cartas são subscriptadas a Agostinho José Chaves, e ambas assignadas por João Chrysostomo, amanuense do tabellião Ferreira, e genro do doutor Negro actualmente.

— O rapaz que esteve preso a cumprir sentença?

— Esse mesmo, sr. doutor corregedor.

— Procure-me essas cartas entre os papeis.

— Aqui estão separadas.

O magistrado leu a primeira em que João Chrysostomo pedia cento e cincoenta moedas de emprestimo; e a segunda em que elle avisava o credor para receber da mão de Antonio da Silveira o pagamento da divida.

— Isto é decisivo! — opinou o magistrado — Está provada a cumplicidade do amanuense, e a innocencia do tabellião, que eu já hoje fiz capturar.

Considerações com o doutor não póde haver nenhumas. Vá o senhor ou mande dizer o estado das coisas. E' o unico acto de attenção que posso ter com elle. Póde ser que o Alpedrinha desista de advogar n'este pleito.

Foi o escrivão em pessoa entender-se com Francisco Simões. Estava elle no escriptorio com Antonio da Silveira.

Queria o official de justiça tratar o melindroso assumpto a sós com o advogado, o qual, presentindo o motivo do recato, disse ao escrivão que podia dizer tudo em presença do seu amigo, se eram revelações relativas á busca.

O constrangido nuncio da triste nova tirou da carteira as duas cartas indicativas de cumplicidade, e apresentou-as ao doutor Negro, que as leu em voz alta.

— Bem! — disse com ostensiva tranquilidade Francisco Simões — Eu vou requerer para que essas importantes cartas se juntem aos autos. Isto o que prova é que temos um criminoso mais na rede. Agora veremos se a justiça o deixa escapar da malha.

— Tem mais alguma coisa a dizer-me?

— Não, senhor — respondeu o escrivão.

— A sua vinda parecia-me que mirava a outro alvo...

— A dizer a verdade, o sr. corregedor cuidou que v. sr.ª quereria desistir de advogado da accusação.

— Diga ao corregedor que não desisto.

— Cumprirei.

Sahira o escrivão; e logo Antonio da Silveira, tomando o chapeu, disse em tom de voz quebrada pela commoção:

— Vou sahir do Porto, sr. doutor: agora sim; é tempo de ir esconder-me na minha aldeia, e esquecer o que vi e ouvi n'este tremedal da sociedade culta...

— Pois vae?! — cortou Francisco Simões—A sua tenção era outra, ha momentos ainda!...

— A minha tenção era declinar de sobre as suas cans, sr. doutor, uma ignorancia imminente, o maximo vilipendio que ainda homem nenhum levantou da lama social com suas proprias mãos!

O doutor levantou-se em vibrações de colera, e bradou:

— Que inferno! que inferno! Conspiram todos em matar-me! Que mal fiz eu ao mundo! que mal faço eu a este homem que me tem visto chorar lagrimas de sangue!?

— A mim — disse brandamente Antonio da Silveira — tem-me feito a honra de me escutar, e não repellir os verdes annos que ousam contrapôr-se ás suas deliberações. A mim, sr. doutor, tem-me dado horas atormentadas, porque eu tenho chorado á cabeceira do seu leito, como raros filhos choram ao lado de um pae moribundo. O mal, que me tem feito, é levantar aos meus olhos o veu do squalor de umas chagas, que me fazem tedio do mundo, e saudades dos penhascos e da santa rudesa da minha

aldeia. Retiro-me, porque não quero ver o resto; não quero ver o doutor Francisco Simões de Alpedrinha, n'um tribunal, a provar que o marido de sua filha é um infame. Eis aqui porque me retiro, e para sempre, da sua presença. Levo compaixão dos seus infortunios, sr. doutor; mas sinceramente lhe digo, que escassamente posso respeitar o homem, que soffre até ao perdimento do coração: estimal-o não posso. E creia v. s.ª que o seu proceder vae alienar todas as sympathias que, porventura, as suas desgraças passadas acarearam. O mundo será peior do que eu mesmo cuido que elle é; mas, seja o que fôr, o mundo abomina o homem que acceita a odiosa missão de v. s.ª. O proprio corregedor lhe mandou lembrar delicadamente os seus deveres de pae. V. sr.ª parece rejubilar-se da occasião de arrastar seu genro pelos cabellos de sua filha, e dizer á sociedade: «Escarrem na cara d'esta mulher, que é esposa d'aquelle ladrão!» O horror d'este acto afoga-me a voz na garganta! Ainda bem, meu Deus, que tenho lagrimas para exprimil-o!...

O doutor Negro sentára-se arquejante, a bracejar anciadissimo, e a soltar uns gritos inarticulados.

Antonio da Silveira accrescentou balbuciante:

—E vae v. sr.ª accusar um innocente!...

—Um innocente! exclamou o doutor.

—Repito: um innocente, apenas culpado de excessiva confiança n'um homem, que lhe atraiçoou a boa fé. Não se engana o meu coração: o seu, sr. doutor, é que está dementado pelo odio. Vá ao tribunal, vá! Póde ser que, a um tempo, alcance opprobrio e remorso. Póde ser que a innocencia de João Chrysostomo seja provada pela mesma cruesa e injuria com que v. s.ª o accusar!...

— Basta! — bradou o doutor — Vá em paz! Deixe-me com a minha desgraça.

N'este conflicto, sahiu, d'uma alcova contigua ao escriptòrio, a mãe de Albertina, e abraçou-se em Antonio, exclamando:

— Não vá, sr. Silveira! não deixe meu marido! pelas chagas de Jesus lh'o pede esta desgraçada mãe e esposa!

— Que é isto! — accudiu o doutor enfuriado — Temos tragedia?

— Tragedia é o justo nome que isto merece — respondeu Antonio da Silveira, apiedado das contorsões afflictivas da senhora. — Que faço eu aqui, minha amiga? — continuou elle, obrigando-a suavemente a sentar-se — Se o sr. doutor cede ao estimulo do odio, e resiste ao do coração paternal, que hei de eu fazer com os rogos da minha amisade sem nenhum valor?!

— Peça-lhe que não seja advogado contra o marido de nossa filha! — tornou a mãe de Albertina.

— Já pedi, minha senhora.

— Eu tambem t'o supplico! — voltou ella, ajoelhando ao marido — Por aquelle amor com que eu fugi de casa de meus paes para obedecer á tua vontade; pelas lagrimas que meus paes choraram; pelas dôres que custaram a vida de minha mãe; por tudo que póde fallar ao teu coração, te peço, Francisco! Não sejas contra a nossa Albertina! basta-lhe a sua desgraça! Qualquer advogado os perderá; não é preciso que tu vás ao tribunal fallar contra elles!

O doutor Negro fez um aceno desabrido com a mão, e voltou o rosto humido de pranto. A senhora ergueu-se, e sahiu do escriptorio, gemendo na incertesa de ter sido attendida.

Francisco Simões murmurou:

— Vencido; mas morto!

— Deus é que tem os seus dias contados! — disse Antonio da Silveira.

— Demitto-me de advogado. Morri!... Nunca mais irei aos tribunaes! Acabou-se tudo!... sr. Antonio da Silveira, isto era uma febre... o vasquejar de uma lampada... Era a paixão que me emprestava um calor, que me calcinava... E' de fogo do inferno o calor que dão as paixões! Maldito seja quem m'o accendeu na alma! Maldito seja!... A minha intelligencia estava ainda vigorosa como aos vinte e cinco annos. Eu podia ser rico; mas gastei muito com a educação da amaldiçoada! Rasgava sedas como as filhas dos principes! Sonhava desejos, e acordava para os ver realisadòs, ella, a ingrata, a perdida! Invejavam-na, e pasmavam da minha liberalidade! Eis-me pobre á beira da sepultura!... O meu orgulho no que deu! Orgulho d'aquella filha! Mereceu a um cumplice de falsificadores! Que destino, que destino!... E, ao cabo de tudo, morrer, não já de saudade d'ella, mas de vergonha do labéo que o marido lhe poz! Aqui tem, sr. Silveira, uma horrenda catastrophe!... Quem quererá ser pae, contemplando este meu fim de vida, esta agonia obscura, este morrer debaixo de um opprobrio esmagador!... Não falle, não falle! E' inconsolavel a minha tribulação! Fique, peço-lhe que fique ao meu lado. Bem vê que nem um só amigo se lembra do homem desamparado dos affagos da fortuna! Esteja por aqui até ao fim, que isto acaba cedo!...

Silveira disse breves palavras tendentes a socegar o agitado animo do velho. Conseguira deixal-o entorpecido.

Em seguida, foi pessoalmente ás differentes instancias da judicatura civil e criminal annunciar a desistencia do doutor Francisco Simões. Conversando com o corregedor, defendeu o caracter de João Chrysostomo, e refutou a arguição da cumplicidade voluntaria. O magistrado, sabendo que o vehemente defensor era o Antonio da Silveira, indicado n'uma das cartas do marido de Albertina, houve por bem declarar-lhe que tencionava mandal-o capturar para explicações.

— Pois aqui estou — disse serenamente o transmontano. — Se o precedente da captura se faz mister á solemnidade do interrogatorio, receba-me v. s.ª como preso. Eu acceito agradavelmente a cumplicidade da falsificação da escriptura de camaradagem com João Chrysostomo. Repillo, porém, a connivencia com os outros reus, que não conheço.

— Está dispensado d'esse incommodo — replicou o corregedor. — Vá v. s.ª seguro da sua liberdade, que eu já sei a pessoa com quem trato. E' um mancebo na infancia do coração, — nas primeiras chimeras da vida, não apalpada ainda pela suja mão da experiencia. Leve a certesa de que o seu amigo ou conhecido João Chrysostomo não está innocente; aconselho-lhe, se me dá licença, que fuja de acamaradar-se com sujeitos de tal polpa; e córte, o mais depressa que pudér, a sua correspondencia com similhante malandrim. Estou convencidissimo de que seu tio general, com cuja amisade me honro, o lançaria de sua presença, se v. s.ª lhe dissesse que acceitava a cumplicidade do crime de falsificador com um tal João, ex-amanuense de cartorios. Emfim, sr. Silveira, tive muito gosto em conhecel-o,

com o muito desprazer de o considerar relacionado com tamanho maroto.

Antonio da Silveira, abafado de indignação, sahiu do gabinete do corregedor, sem levemente curvar a cabeça.

— Que infame mundo! — dizia elle entre si, enchugando as lagrimas, nas escadas da auctoridade, para que os transeuntes lh'as não vissem.

Vulgou-se logo a noticia da desistencia do doutor Negro, e da criminalidade do genro.

Outro advogado, sedento de um triumpho, tão bem agourado e facil, acceitou a procuração de Joaquim França.

Caetano Alves de Carvalho foi outra vez interrogado á vista das cartas do novo cumplice. Titubeou a refalsada velhacaria do ricasso. Não sabia como explicar a mudança do nome, depois de ter dito que João Chrysostomo lhe era apenas um devedor e mais nada. O magistrado enleara-o tão engenhosamente que o reu, a cada investida que dava á trama, ficava mais enredado. A final, estupidificado pelo susto, disse que entregava os bens ao auctor, e que o deixassem. Os circumstantes riram ás gargalhadas da beatifica desistencia do homem, e espantaram-se de um cahir de chofre tão redondo á lama dos criminosos vulgares!

Continuou o processo crime instaurado contra João Chrysostomo.

No emtanto, chegou a carta do genro do doutor Negro, com a ordem das duzentas moedas.

Antonio da Silveira, transportado de alegria, correu a ler a carta ao pae de Albertina, salvando o ultimo periodo, que o leitor esquecido póde reler no capitulo antecedente.

O doutor Negro pediu segunda leitura, e observou:

— Póde ser...

— O quê? — perguntou Silveira.

— Póde ser que seja isso.

— Pois v. s.ª ainda duvida da innocencia de João Chrysostomo?!

— Porque não vem elle proval-a cá?

— Porque eu lhe pedi encarecidamente que não viesse.

— Então o senhor já é dos que dão pouco pelo poder invencivel da verdade? Se elle está innocente, que receio o affasta?!

— O receio de Voltaire... V. s.ª ha de saber a historia... O seu dilecto philosopho — continuou risonho o transmontano — escreveu que se a justiça o arguisse de ter furtado o sino grande de Nossa Senhora de Paris, ainda que toda a gente estivesse vendo o sino na torre, elle sahiria de França, e lá de fóra provaria que não roubou o sino. Da cadeia é que não.

— E' um gracejo de Voltaire... e mais nada — retorquiu o doutor. — Não se trata de sinos, é da escriptura! Quem o salvará de ser preso no Brazil? Brazil é uma colonia de Portugal.

Antonio da Silveira tinha accessos de suffocada indignação contra a pertinacia do doutor.

D'esta vez, a sua alegria contrabalançou o despeito. Sahiu a receber o dinheiro. D'ali foi á corregedoria requerer a presença de Caetano Alves de Carvalho. O magistrado leu a declaração de João Chrysostomo, e fez chamar o preso, diante de quem, e de testemunhas numerosas, foi lida a carta. N'este acto appareceu Antonio da Silveira, contando o di-

nheiro, e exigindo a Caetano Alves de Carvalho recibo.

O falsificador parecia estatua mal feita e de mau barro. Viam-se-lhe a gretar na cara as rugas do supplicio que o esphacelava. Chamado tres vezes a lavrar o recibo, ergueu-se cambaleando, assentou-se á banca, e pediu a alguem que escrevesse para elle assignar.

Com assentimento do corregedor, um official de justiça escreveu o recibo, que foi lido pelo magistrado.

— Isto não está em fórma — disse o magistrado. — E' preciso que Caetano Alves de Carvalho declare que se chamava Agostinho José Chaves quando emprestou o dinheiro.

O auditorio riu-se; e o reu, arrancando-se á sua lethargia, exclamou;

— Não assigno isso!

— Fica, portanto, o dinheiro depositado — tornou o doutor corregedor — até se averiguar quem seja Agostinho José Chaves. Passe o escrivão recibo ao sr. Antonio da Silveira, que eu assigno.

Cumpriu-se.

XVIII

Caetano Alves considerou-se perdido, sem embargo de o reanimarem alguns experientes d'este mundo, admoestando-o a que tivesse mais confiança no seu dinheiro e na valiosa actividade dos seus amigos. Dizia-se geralmente que elle, antes de preso, não tinha amigos. Parece que a commiseração lh'os deu na cadeia, quando era mais natural perdel-os, se os tivesse. Este phenomeno, precursor de outros que hão de vir edificar-nos a seu tempo, explicava-o aquella «execravel fome de ouro» condemnada por Virgilio: *Auri sacra fames*. O rico proprietario, quando a indignacão publica fazia estampido, era já visitado por pessoas de uma tal qual cathegoria e preponderancia. D'estas, alguma grandemente considerada entre a classe genealogica, sahiu de carruagem á porta dos juizes, a offerecer a sua idoneidade em fiança do preso. A' imitação d'este fidalgo agradecido ao seu credor, outros se offereceram e empenharam já com o magistrado criminal, já com o civel.

Não obstante, Caetano Alves, depois do lance da carta de João Chrysostomo, esmoreceu.

Ao resurgir-se, porém, da sua atonia, rebentou-lhe das entranhas um odio fogoso ao genro do doutor Negro. Diziam-lhe que fôra elle quem o enterrára mais; e Caetano perguntava-se a si proprio com que interesse o perdia o ingrato, a quem elle dera duzentas moedas! Não podia Caetano Alves comprehender que a precisão de defender-se um homem, salvo das garras da justiça, disparasse na maldade de accusar o seu bemfeitor. Caetano chamava-se a si o *bemfeitor!*

O odio, sequioso de vingança, esporeou-o até á preversidade de declarar ao corregedor do crime, por escripto, que João Chrysostomo lhe dera a nota para a falsificação, e collaborára com o contrafactor. Acrescentava que as duzentas moedas eram divida; mas que, antes da divida, já o amanuense do tabellião havia recebido generoso estipendio do seu serviço.

O corregedor despresou esta denuncia, que acabava de ler, ao tempo que Antonio da Silveira o procurava, a fim de mostrar-lhe a segunda carta de João Chrysostomo, escripta de bordo do navio.

O magistrado exclamou, finda a leitura:

— Tenho remorsos de haver ultrajado este homem na sua presença, sr. Silveira! Está innocente, e é muito infeliz. Ha de sêl o sempre, que ha desgraçados para quem todos os caminhos estão atravancados por um demonio fatal. Fez v. s.ª bem em lhe dizer que não viesse aqui justificar-se. Sahiria limpo; mas depois de mezes ou annos de cadeia. Aqui tem o sr. Silveira uma carta, que podia prejudicar fortemente o seu pobre amigo.

E mostrou-lhe a declaração de Caetano Alves de Carvalho.

Silveira fremia de raiva.

— Que faz v. s.ª a esta calumnia? — perguntou o moço.

Rasgo-a.

— Não: rogo-lhe que não, pela piedade que lhe merece a infelicidade de Albertina e João Chrysostomo.

— Pois que quer?

— Dê-m'a v. s.ª, se a não apresenta em juizo.

— Ahi a tem. De que serve isso?

— Hei de envial-a a João Chrysostomo: é o destino que lhe dou.

— Dê-lhe o destino que lhe aprouver, comtanto que não diga que a recebeu da mão do corregedor; que a imperterrita Justiça obriga os seus sacerdotes a fazerem obra por todas as calumnias que se lhe offerecem.

— Beijo as mãos de v. s.ª.

Ao mesmo tempo, circulava o boato da aleivosia assacada pelo preso, e ecoava nos ouvidos do doutor Negro, por intercessão de algum raro visitante que vestia o rosto de horror e dó para ir levar-lhe as atroadas correntes nas praças.

Antonio da Silveira impugnava os algozes officiosos, e, mancommunado com a mãe de Albertina, conseguiu que as portas se lhe trancassem.

Francisco Simões peiorava de dia para dia com espantosa celeridade. Já não apostrophava contra a filha, nem se enfurecia ouvindo a calorosa defesa do genro, traduzida ao proposito por Silveira. Dir-se-hia que as faculdades exteriores se congelavam á medida que o cerebro se atrophiava sob a pressão ferrea do presentir a morte proxima.

— Que me importa a mim? — disse elle uma vez

ao inseparavel enfermeiro — Eu já não hei de ouvir que o condemnam nem que o absolvem. Primeiro virá a morte, que já me tem o coração despedaçado nas garras. Conheço-a por este desprendimento do mundo. Ha quinze dias figurava-se-me tormentoso o trespasse; agora, se me tirassem este resto de memoria, eu morria bem... Memoria abominavel!... Lembra-me a minha filha quando nasceu, quando tinha um anno, quando eu endoidecia de jubilio a acalental-a nos meus braços... Eu, ás vezes, estava rodeado de trabalho e de clientes; e, se a ouvia chorar, deixava tudo, sahia do escriptorio, ia acarinhal-a, perdia horas a inventar-lhe brinquedos, e dilatava-se-me a alma em enchentes de ternura. Estou a vêl-a!... Maldita memoria!... Que creança tão linda, quando começou a balbuciar o meu nome! Como ella me encostava ao hombro aquelle rostinho angelico!... Amava-me tanto, e mais do que á mãe! No meu colo não chorava nunca... Que é feito d'aquelle anjo? que me fizeram da minha filhinha!...

O velho escondia o rosto para chorar. Antonio da Silveira queria dizer palavras banaes de consolação, mas as lagrimas embargavam-lh'as.

Outras vezes recordava o saudoso pae a filha em annos adiantados pelos floridos jardins da sua primavera. Encarecia lhe a formosura e o talento. Relatava miudesas comprovativas da espertesa e penetração de Albertina; se, porém, as reminiscencias lhe levavam a alma a encontrar-se com o acto da fuga, o doutor erguia-se de golpe, sorvia haustos de ar, como se o estivessem mãos invisiveis estrangulando, e recahia a final extenuado sobre os travesseiros, ou nos braços da esposa.

Antonio da Silveira, captando a confiança do cria-

do, soube que os recursos escasseavam em casa do doutor. Era já um viver de empenhos de objectos desvaliosos, que os importantes estavam já vendidos ou empenhados. O dinheiro do transmontano era para pouco; recebia, como filho segundo e governado, uma mesada economica. Pediu a seu irmão morgado um emprestimo, e com quanta delicadesa podia conseguiu que a mãe de Albertina lhe acceitasse o necessario para as despesas de cada mez, tirando o partido que o doutor seria estranho ao favor que a senhora lhe fazia de o admittir com liberdade de filho.

Entretanto, o processo de falsificação ia correndo vagarosamente os seus tramites. O lavrador de Fanzeres apossára-se dos bens, independente de final sentença, visto que o reu confesso lh'os devolvera. O hespanhol vivia regaladamente nos quartos de Malta na Relação, quando lh'o permittia a superabundancia de dinheiro e a mesa lauta de Caetano Alves, que recobrava espiritos consoante se ia conformando com a esperança. Alguns presos politicos, ainda em processo como suspeitos jacobinos, tornavam supportaveis as noites do carcere com a sua convivencia e ignorancia no jogo, em que D. Juan Ribera, ou D. Pedro ou D. José, era mais versado que engenhoso em escrever historia. As informações pedidas para Hespanha deram que o homem se chamava Benito Rojas, posto que, nas diversas terras em que estacionára, tantos nomes dera que já não tinha o calendario que lhe dar a elle.

O crime que o levára pela terceira vez aos ferros de Valhadolid, fôra a contrafacção de assignaturas. Conseguira elle ser transferido para a Corunha, quando se aproximava o tempo do embarque para

degredo por vinte annos. D'ali fugira quando os francezes em 1808 desaferrolharam as portas aos criminosos.

D. Benito Rojas tinha sido estudante de direito, caminho torto que deixara, reconhecendo-se dotado e habilitado para se ir, estrada larga, ao encontro de mais estrondosos destinos.

Queixava-se elle na Relação da falta de incentivos amorosos que lhe espiritassem o intellecto. Parece que a menina anonyma de memoravel estylo, assim que elle foi arrancado de seus olhos pelos quadrilheiros, não só desistiu da corôa de condessa, mas ainda do coração do seu conde.

D. Benito, porém, maior que a adversidade, divertia o espirito, faminto de uma alma que o comprehendesse estancando as algibeiras dos parceiros da banca franceza, em que o resignado Caetano Alves aligeirava as horas tambem. Afóra isto aquella gente banqueteava-se, comia á tripa fôrra, compunham serenatas instrumentaes, e dormiam somnos de bem-aventurados.

Onde a desgraça abrira o theatro dos seus espectaculos era em casa do doutor Francisco Simões de Alpedrinha.

Os medicos, conduzidos por Antonio da Silveira, diziam que a sciencia dos corpos morbidos confessava a sua inefficacia diante das enfermidades da alma. Mandavam transferir o enfermo para fóra do Porto, esperançosos na distracção campestre.

Antonio consultou a vontade de seu irmão, relatando-lhe os infortunios d'aquella familia, e pedindo-lhe licença para hospedar em sua casa o doutor e a esposa.

Alma irmã da sua, o morgado respondeu pela

voz da santa mãe que as formára ambas. O doutor, quasi insensivel ao destino que lhe davam, deixou-se levar para Traz-os-Montes, para além da serra do Mesio, sobre as montanhas que sobranceiam Villa Pouca de Aguiar.

A hospitaleira casa de Alexandre Thomaz da Silveira acolheu com desvelos de parentesco o doutor e sua mulher. Os rapazitos da aldeia tomaram-lhe medo quando o viram d'aquella côr estranha; mas, depois, se o doutor se assentava, ao fim da tarde, debaixo do souto secular do recio, os meninos viam-no chorar, e rodeavam-no, acariciando-o. Uma vez Antonio da Silveira ordenou ás creanças que se afastassem.

— Deixe-as, — disse o doutor — deixe as, meu amigo, que todas me trazem um beijo e um afago da minha Albertina creancinha. Jesus Christo, o divino philosopho, — continuou elle, enternecido a lagrimas— amava muito as creancinhas. *Sinite ad me parvulos venire*, dizia elle: Deixae vir a mim os pequeninos.»

Era a primeira vez que o religioso mancebo lhe ouvira citar Jesus Christo, e palavras augustas do sustentador e compensador dos martyres. Desde esta hora, assim que lhe cahia de molde, Antonio da Silveira trazia referencias a Jesus, e palpava com piedoso tacto as cordas do coração do velho. Algumas vezes o som que ellas davam eram uma lagrima; e o moço, a chorar tambem, dizia-lhe:

— Esse pranto vae na mão de um anjo á presença do Senhor.

O doutor Negro punha os olhos no firmamento, e dizia:

— Faltou-me o esteio da religião... Se eu me

refugiasse em Deus, seria menos desgraçado. Agora é tarde. Estou a encher dias.

Estava.

A enfermidade era uma consumpção, que a sciencia diagnosticava *cachexia*. Que palavra tão baixa e mal soante para uma tão sublime morte! Aquillo era um morrer de paixão, um agonisar alanceado de saudades.

Ao cabo de tres mezes começaram a despegar as folhas dos arvoredos. O azul do ceu esmaiou-se n'uma côr de mortalha alvacenta. Os rouxinoes da balsa emmudeceram. Os serros da montanha denegriram-se. As pradarias alastraram-se das boninas fenecidas.

Francisco Simões quizera um dia levantar-se para se despedir do sol, dizia elle. Já não pudéra. Chamou Antonio da Silveira e disse-lhe:

— Tenho padecido muito... E' impossivel que não não haja Deus, e outra existencia. Isto não póde acabar aqui. As dores immerecidas devem ser o testemunho de um destino, onde ha o consolarem-se os atormentados n'este mundo. Creio no Deus, creio no Deus que formou a sua alma de tantas virtudes, Antonio da Silveira!... Quero que me escute um ministro da religião adoravel, que lhe deu esse nobre coração...

Sahiu Antonio em ancias de alegria e com pungimento. D'aqui a momentos entrava no quarto a virtuosa mãe dos Silveiras com um crucifixo de marfim. O doutor recebeu-o entre as mãos e osculou-o.

Depois entrou um clerigo ancião, e fecharam-se as portas da alcova.

Ultimada a ceremonia dos sacramentos, o doutor

pediu um quarto de papel, e uma penna. Rogou que o amparassem e escreveu:

Perdôo-te, minha filha. Perdôo-te, João Chrysostomo. Deus vos proteja. Morro, abençoando-vos.

Deixou cahir a penna, e fez um gesto a Antonio da Silveira significando que se apoderasse do papel.

O mancebo leu, e, ajoelhado, beijou-lhe as mãos. Em seguida, o doutor Negro abraçou sua mulher, que o estivera amparando, e murmurou:

— Morrerás á sombra da caridade d'esta familia.

Rebentaram as lagrimas em todos os olhos. O doutor revelou por meio de soluços que estava muito afflicto, e carecido de ar.

Sahiu a famila do quarto, e ficou o sacerdote.

Duas horas depois, foi chamado Antonio da Silveira, que estava na ante-camara.

— Está a passar — disse o confessor.

Antonio acercou-se do leito, e curvou a cabeça aos labios rouxos do agonisante, que ainda articularam estas palavras:

— Minha pobre filha...

E expirou.

XIX

Antonio da Silveira, procurador da viuva, desceu ao Porto para tomar conta do mesquinho espolio do doutor Francisco Simões de Alpedrinha. Quando chegou e noticiou a morte do doutor Negro, o senhorio da casa, em que elle vivera, sem mais delongas, cobrou summaria sentença e mandado de penhora pela renda atrazada. Antonio assistiu á venda em praça da livraria e mobilia, apenas bastantes ao pagamento do aluguer do predio por dois annos. O transmontano arrematou o piano, os livros de estudo de Albertina, e um resto de seus vestidos desbotados, que desde muito envelheciam escondidos da vista do pae.

Bem que João Chrysostomo não tivessse noticiado sua chegada ao Rio de Janeiro, Antonio da Silveira escreveu-lhe á ventura, narrando os pormenores das cousas decorridas, enviando-lhes cópias do recibo das duzentas moedas, a da denuncia de Caetano Alves ao corregedor do crime, e cópia tambem do perdão do doutor Negro moribundo. Receioso do transviamento da carta, reteve os originaes para opportuna e seguramente lh'os remetter.

Indagou Silveira o andamento do processo criminal. Disseram-lhe que se conspiravam a favor de

Caetano Alves pessoas de grande vulto e influencia, notadamente o regedor das justiças. Os jurisconsultos, consultados por Silveira, diziam que a protecção ao reu era tão evidente e escandalosa quanto elle estava no goso de seus bens, em menoscabo do prescripto do livro V das Ordenações, tit. LIII: — *Dos que fazem escripturas falsas ou usam d'ellas.* Os quaes bens — ajuntavam os jurisperitos — estavam adjudicados á absolvição do criminoso.

Antonio da Silveira, transido de spasmo e abafado de indignação, faltava-lhe este desafogo da imprensa, que está sendo em nossos dias um apparelho respiratorio supplementar para quem abafa sob a pressão da injustiça. Aguilhoado pelo zelo da honra de João Chrysostomo, foi-se o novato d'esta congregação de vendidos e corruptores, chamada humanidade, de porta em porta, pelos diversos palacios da justiça, que se espreguiçava sobre os seus placidos coxins, para escutar o selvagem de uma honra ante-diluviana. Regedor das justiças, chanceller, corregedor, provedor, os officiaes todos da esfarrapada Themis, ouviram-n'o com edificativa paciencia, e observaram-lhe que os julgadores de Caetano Alves, de Benito Rojas, e João Chrysostomo conheciam cabalmente o titulo LIII do livro V das Ordenações.

— João Chrysostomo! — exclamava o transmontano — que ha commum entre João Chrysostomo e os ladrões nomeados!

— Veremos — respondeu o regedor das justiças, enrugando a fronte já impaciente — *Ad huc sub judice lis est.* [1]

---

[1] O processo está ainda para ser julgado.

HORACIO. ART. POET. V. 78.

Aquelle mesmo corregedor do crime que, cinco mezes antes, proclamára contrictamente a innocencia do marido de Albertina, dizia assim:

— Talvez nos seja necessario erguer a mão de sobre o criminoso principal para a não carregarmos sobre o cumplice. Eu creio que João Chrysostomo peccou por boa fé, dando aos falsificadores a nota; mas a boa fé, em direito criminal, é coisa tão do fôro intimo, que raras vezes se tira a limpo sem provas concludentes, plenas e legitimas.

Silveira pasmou segunda vez, e levou as mãos aos olhos como se quizesse prival-os de verem o mundo.

N'estes dias de excruciante conhecimento dos homens, recebeu Silveira do correio de Hespanha uma carta de João Chrysostomo, enviada pelo hespanhol da Corunha.

Dizia assim:

«Aqui estamos. Eu já tinha bebido em creança «alguns tragos de peçonha d'este ar. Apenas avistei «o ceu inflammado do vaporar d'este sólo vulcanico, «senti confranger-se-me o peito. Olhei para isto como «um degredo. Para aqui mandavam as leis portu-«guezas os condemnados a não terem patria. Cá es-«tou a cumprir sentença.

«Minha mulher está contente: eu ainda lhe não «disse que soffria: é necessario mentir. Encareço as «maravilhas d'este clima, e finjo-me espantado do «largo peito com que respiro os balsamos d'esta «atmosphera. Eu conto com vida curta, a menos que «as alegrias do coração me não transvertam o tem-«peramento.

«Logo que chegámos, hospedou-nos uma familia «hespanhola a que viemos encarecidamente recom-

«mendados. Era hospitalidade para tempo indeter«minado; eu, porém, cuidei logo de saber onde gran«gearia o pão mais doce, que é o do trabalho. En«trei como professor de primeiras lettras e francez «n'um collegio, e Albertina, na mesma casa onde «nos hospedámos, foi assoldadada para tocar piano. «Estamos, pois, fruindo os bens, o éden, de que fo«mos expulsos na Hespanha. N'este theor de vida «poderemos ir até á velhice, sem sobresaltos de am«bição.

«Por em quanto, está o meu nome aqui a coberto «da calumnia. A cada navio, que chega do Porto, «trememos que o raio da desgraça nos fulmine esta «modesta satisfação. Já colhi informações da fami«lia do doutor Francisco Simões aqui. E' gente de «más entranhas, revolucionaria, e inimiga dos por«tuguezes. Falla-se muito em independencia. Assim «que o rei de cá sahir, o Brasil, que não póde ser «nosso — porque nós é que estamos no caso de ser «de quem nos quizer — sacudirá o jugo que tem «soffrido por delicadesa, e nós lá pelo tempo fóra é «que sahiremos de Portugal a colonisar por conta «dos futuros governos brasileiros os matagaes de «Pedro Alvares Cabral. Aqui estou eu feito pro«pheta, com prejuizo das minhas funcções de mes«tre de meninos, que me estão esperando.

«Albertina quer que eu pergunte a v. s.ª muitas «coisas; mas eu sei que o nosso amigo tudo nos «dirá. Provavelmente avisa-me que está provado «que eu tomei parte no crime de falsificação. E' «uma grande desgraça que me annuncia, porque a «deshonra virá aqui atar-me os pulsos. Se não hou«ver indulgencia comnosco, minha pobre mulher o «que será d'ella?...

«Chorar antes de tempo é offerecer dois peitos «ás punhaladas da adversidade. Venha o que tiver «de ser. Eu confio na divina Providencia.

«Albertina quiz dar-se a conhecer aos parentes: «dissuadi-a para não ter de lastimal-a repellida. «Poupei-a a saber que elles affrontam arguições «ignominiosas. Não os temo por timbrarem em pon«tos de honra: é prudente aqui no Brasil cuidar a «gente que a vida é coisa pouco respeitavel aos que «nol-a olham com má cara; e eu não sei se o dou«tor Alpedrinha, depois de me accusar lá, mandará «cumprir a sentença aqui. Estes sustos provam que «o homem casado se acovarda, quando adora a mu«lher, a quem se deu com a obrigação de amparal-a. «Receio, porém, e antevejo uma hora em que todo «este amor não baste a reter-me o braço... Pre«sagio que hei de uma vez saldar de todo em todo «as minhas contas com o *meu bemfeitor Agostinho «José Chaves.*

«Adeus, meu caro amigo. Albertina quer saber «de sua mãe, e falla no pae sem rancor: folgo de «lh'o affirmar. Diga-nos v. s.ª, sem reserva de sua «compadecida amisade, o novo revez que ha de pro«var a nossa paciencia, *etc.*»

O presentimento de João Chrysostomo sahiu-lhe acerbamente confirmado. Cartas do Porto levaram a nova da falsificação da escriptura, menos com o intento de molestar o genro do doutor Negro, que em descredito de Caetano Alves de Carvalho, cujo commercio prosperado para os portos brasileiros lhe grangeára émulos vingativos. Ao mesmo tempo o rancoroso preso, sabendo da fuga de João Chrysostomo para o Rio, escrevia a um primo lá estabelecido, defendendo frouxamente a sua honra, e

delatando em miudos uma inventada traição do homem a quem elle acudira em grande aperto. Nomeava-o, esclarecia a obscuridade da pessoa com signaes indicadores, e recommendava a perseguição a expensas d'elle, que creditava toda a despesa feita.

O primo de Caetano, zeloso no extremo, quiz instaurar logo processo contra João Chrysostomo, facilmente descoberto no exercicio collegial. As leis recusaram indicial-o sem nenhuma prova. Do Porto nenhum aviso tinha chegado ás justiças constituidas na côrte.

Já o hespanhol, protector de João Chrysostomo, sabia que o descredito do seu recommendado principiava a reunir n'uma só as mil boccas, sempre promptas a conclamar a diffamação. Chamou elle o protegido, e, com severo semblante, exigiu uma relação dos factos de que a maledicencia tirava pretexto para accusal-o. João Chrysostomo contou a historia com a maxima exacção, e disse que assim a contara aos cavalheiros da Corunha, seus protectores. A simplicidade e lhanesa da narração convenceu o interrogador, que sahiu ás praças em defesa do calumniado; mas o primo de Caetano Alves contraminava as diligencias do outro, e tinha por si o engulho, que sente cada detrahidor em engulir o vomito.

Um dia, o proprietario do collegio apresentou-se ao commerciante hespanhol, lastimando-se da dura obrigação que lhe impunha o credito do seu estabelecimento. Depós o exordio, seguiu-se a exposição do boato deshonroso ao professor, que elle admittira abonado pela respeitavel pessoa a quem se dirigia. Ajuntava que alguns paes dos seus alumnos

lhe haviam imposto a demissão do infamado mestre, sob pena de retirarem elles seus filhos, e avisarem os paes dos outros. Aqui se debulhava em lagrimas o dono do collegio, dando-se como desamparado e morto de fome, se os discipulos lhe fugissem.

O hespanhol entendeu que era vã e importuna a apologia do mestre: agradeceu a delicadesa do homem, pedindo-lhe que se abstivesse de fallar em tal materia a João Chrysostomo.

N'esse dia, quando o professor voltava de sua tarefa, o amigo, com agradavel sombra, lhe deu a saber que não tornaria ao collegio, e continuaria a ser seu hospede, querendo, ou seu ajudante de guarda livros, se mais lhe convinha esta occupação, á mingua de outra melhor ajustada á sua capacidade e estudos. João Chrysostomo pediu explicação adivinhando-a, e instou o silencio do delicado e condoído hespanhol. Foi forçoso esclarecel-o. O infeliz não redarguiu. Bebeu as lagrimas para que Albertina lh'as não visse. Escondeu ás indagações da esposa a causa da sahida do collegio, dando como plausivel intento na mudança de vida o esperar elle maiores lucros e melhor futuro na vida commercial.

Que montava o artificio?! Era tanta a oppressão d'aquella abatida alma que o rosto a não podia dissimular aos olhos da mulher. O trabalho já o não distrahia. A calumnia cravara-lhe no cerebro a garra. Depunha a penna, e comprimia as fontes arquejantes. Assim que a reprêsa das lagrimas era tanta que se afogava n'ellas o alento, João Chrysostomo não podia deixar de vertel-as no seio de Albertina. Contou então em soluçantes ancias o seu descredito. Albertina, de principio, succumbiu; depois,

recobrou-se, venceu a natural fraquesa da mulher, que vê chorar um homem, e disse:

— Não me disseste na Corunha: «Quando o mundo me chamar ladrão diz-me tu que o não sou»?... Fizeste-me esperar tanto do meu amor, e agora não valho eu nada para ti, quando o mundo te injuria!... E deixas-te esmagar, meu querido amigo!... Que hei de eu fazer, se tu choras! Onde hei de eu ir procurar almas vigorosas que te reanimem!... Deixa-me ser o teu mundo unicamente; despresa a injuria, e acceita o louvor d'esta pobre Albertina! Tu és um martyr, tu és um anjo attribulado pelo meu amor... Refugia-te em mim, e Deus nos defenderá!

Palavras de inspiração divina foram estas para o desalentado homem. A debil mão da ameigadora Albertina, ao levantar-lhe da fronte os cabellos apagou de lá o ferrete calcinante em que João Chrysostomo cuidava que toda a gente fitava olhos indignados.

Vieram dias mais tranquillos. O ajudante do guarda-livros passava-os todos em casa. Se o patrão, acintemente, o mandava pagar ou receber avultadas quantias — no proposito de fazer notoria a confiança que lhe merecia — João Chrysostomo recolhia triste, quebrantado e doente; é que o olhar petulante dos calumniadores o vexára, e póde mesmo ser que os mais innocentes reparos o aviltassem. Desistiu o patrão de o abonar no conceito publico a preço de tamanhas maguas. Deixaram-n'o com as consolações da esposa e do trabalho.

Certa gente, que se presava de juizo claro e honestidade limpa, não perdoava á tolerancia do hespanhol. O acto corria explicado, não como caridade,

mas como assentimento ao crime. Alguns interpretes mais summarios e concludentes da consciencia do negociante diziam, a meia voz, que o homem, porventura, apreciava a habilidade do caixeiro, e carecia d'ella em alguma occasião. João Chrysostomo, no entender dos louvados da sua deshonra, era propriamente o contrafactor da lettra falsificada na escriptura. A aleivosia, assim formalisada, era mais certeira, mais hedionda, e mulher definida sem quebra de circumstancias attenuantes.

As cartas anonymas levaram ao hespanhol as ferroadas da gente sisuda. Doíam-lhe estas offensas por serem as primeiras, mas o animo resistia inquebrantavel ás insinuações atrozes contra o caixeiro. João Chrysostomo desconfiava, ou lh'o disse o guarda-livros, que o patrão estava sendo, á conta d'elle, insultado por anonymos. Quiz, sem olhar ao futuro, despedir-se logo; o commerciante, porém, impoz-lhe com auctoridade o preceito de continuar no seu serviço, emquamto o não attrahissem mais vantagens.

Começou desde logo o caixeiro a pagar a divida contrahida na Corunha: todavia, a primeira ordem foi-lhe devolvida com o recibo da divida por inteiro. O pae das educandas de Albertina, em nome de suas filhas, offerecia á mestra a melhor saudade do seu coração, e aquelle nada do dinheiro como insignificancia realçada pelo affecto que a offerecia.

Os bons de um lado a brigarem peito a peito com os maus! A Providencia sempre! Sempre a formosa do ceu a tirar flores dos espinhos, com que os reprobos entretecem as corôas dos seus holocaustos!

Mas ahi vem o revez! Não quer Deus que as cha-

gas de uns espinhos se fechem em quanto outros vem rompendo de uma terra já de longe regada de lagrimas.

E' que lá, em cima, nas assomadas da serra do Mesio, se está áquella hora cerrando a sepultura de um pae que chorou muito!

A Providencia viu as lagrimas d'elle, assim como agora ha de ver as tuas, Albertina!

XX

E' obrigação corrente de quem faz romances evitar que o leitor volte a pagina em claro, dizendo de si para si que a tem por surperflua ao enredo do conto. E este cuidado importa que o não desdenhem aquelles romancistas que propriamente se abonam com dizerem que escrevem para pessoas entendidas. Nós os operarios dos jardins do coração, e não seareiros dos campos fertililisadores do espirito, devemos considerar que o nosso officio é entreter os ocios das senhoras e dos sujeitos que as egualam em superficialismo de intelligencia. Isto não é desfazer na intelligencia das damas: antes significa o desapreço em que estimamos este genero de escripta. Presumimos que as senhoras, graduadas virilmente na escala da intelligencia, desadoram romances, e gastam seu tempo em leituras sumarentas, de par com as quaes esta coisa de folhetins é um lustre de vidrilhos em compita com a perfulgencia de brilhantes de alto quilate.

Pois que, por desfortuna, é incomparavelmente maior o numero dos espiritos incultos, devemos assentar que para maior nnmero escrevemos, e

dar já a rasão d'este cabeçalho de capitulo, para se não cuidar que estamos legislando aos arroteadores d'estas charnecas do romance portuguez.

Parece que vinha de molde n'este logar discorrer ácerca do processo judicial, que deu por culpado na cumplicidade da falsificação e genro do doutor Negro. Se á custa de paciencia, e estudo da terminologia juridica, podessemos compor um relatorio dos ponta-pés que a cega Justiça levou dos seus sacerdotes, mandariamos o nosso artigo á *Gazeta dos Tribunaes*, protestando contra o despejo dos julgadores de ha cincoenta annos, em nome da moralidade dos juizes nossos contemporaneos; moralidade que nos faz pasmar do reviramento que, em meio seculo, se fez na consciencia dos executores da lei.

Visto a esta luz, o nosso trabalho seria valioso para contrastar as épocas e o progresso das almas; todavia, incravado n'um romance, passaria despercebido, e, como tal, pregão sem ecco na consciencia da humanidade. Digamos, pois, breve e espalmadamente que as justiças de hoje em dia, em vez de esperarem que João Chrysostomo se refugiasse na America para de cá o pronunciarem por falsificador, é muito de crêr que o mandassem lavar-se por espaço de dois annos nas aguas lustraes da Relação do Porto; e, por fim, chagado de lepra da deshonra e tolhido das faculdades moraes, o entregassem á purificação do jury. Isto no caso de elle entrar pobre nos ferros; por quanto, a entrar rico á imitação de Caetano Alves de Carvalho, nem mesmo o mandariam lavar na tal onda lustral, por entenderem que o sujeito, ainda encarvoado de stygmas, podia sahir á luz do sol sem receio de que

as mãos limpas dos transeuntes se esquivassem á immundicie das d'elle. Até aqui parece-me que não estafei a paciencia do leitor. Ponto final na philosophia. Chama-se philosophia isto, em romances. *Indocti discant*[1].

Foi, portanto, culpado João Chrysostomo.

Antonio da Silveira, impando de odio, procurou o corregedor do crime, e ousou abrir a represa da bilis na cara veneravel do magistrado, cuja tolerancia excedeu as medidas da capacidade de um juiz. Replicou elle que João Chrysostomo seria obsolvido em julgamento final, e não passou d'aqui.

Antonio da Silveira revelou as palavras do corregedor aos jurisconsultos maravilhados da iniquidade. As opiniões foram consentaneas em conjecturar que Caetano Alves de Carvalho seria absolvido, á sombra da provada innocencia de João Chrysostomo. Por esta hypothese gretava o paradoxo; mas era preciso acceital-a á mingua de outra.

Como quer que fosse, Antonio da Silveira avisou o marido de Albertina, acautelando-o do cumprimento de ordem de prisão ida do reino á intendencia do Rio de Janeiro.

Esta nova é que João Chrysostomo futurava, quando chegou de Portugal a carta do Silveira.

Assim que a leu, a occultas de Albertina, foi mostral-a ao hespanhol com tanta angustia que os sentidos lhe fugiam.

— Aquiete o seu fraco espirito — disse o negociante — Depois fallaremos.

Deu João Chrysostomo a noticia da morte do pae

---

[1] Aprendam os que não sabem. *Henault.*

a sua mulher, e mostrou-lhe o traslado do perdão. Choraram ambos. Quiz Albertina ler a carta de Antonio da Silveira. João tergiversou, e ella comprehendeu-o. Seccaram-se-lhe logo as lagrimas da saudade filial, que devia de ser medianamente mortificadora. Angustia mais directa lhe golpeou o seio: a felicidade de seu marido, o cavarem-se-lhe subito as feições d'elle crestadas por lavareda de afflicção abafada.

Pediu Albertina que a considerasse animosa, e necessaria á partilha das dôres communs. João, carecido d'este alento, mostrou a carta e ajuntou o susto que tinha de ser preso, posto que o patrão o mandava socegar. A esposa, quebrantada pelo pavor do carcere, e previsão da morte do marido entre ferros, desmentiu a promettida coragem. Irrompeu em ais e gritos, que alvoroçaram a familia. Acudiu o commerciante, consolando a desditosa com a promessa de lhe salvar o marido das presas da justiça.

E sahiu a informar-se do que havia na intendencia da policia por secretos canaes, cujos impedimentos elle desbastou com a cerrrilha de algumas peças.

De feito, estava na intendencia ordem de prisão para João Chrysostomo, e já o primo de Caetano Alves, conscio da vinda da precatoria, instava pela captura. Na noite d'este dia, João Chrysostomo e Albertina foram removidos para fóra da cidade, onde esperavam ordens do patrão. Quinze dias depois embarcaram para Havana, enviados a um irmão do hespanhol estabelecido no Rio.

A casa do commerciante fôra, no emtanto, duas vezes assaltada pelos esbirros, açulados pelo agente de Caetano Alves.

Em Havana, deteriorou-se rapidamente a debil saude de João Chrysostomo. Albertina cuidou que o via ir-se finando irremediavelmente. Porém, findo o segundo mez de febres, o valetudinario caixeiro affez-se ao clima, e convalesceu. A vida era-lhe mais penosa. Não houve em que occupar-se Albertina. As portuguezas, em Havana, como educadoras tinham pouco quem as preferisse ás inglezas. As prendas de uma menina hespanhola dispensavam a arte do piano, e os ricassos curavam mediocremente da educação das filhas. No que se elles esmeravam era em locupletar-se, e fazerem-se á véla para a metropole, como aves de arribação que presentem as borrascas do ceu, em que passaram a sasão temperada. As borrascas antevistas dos commerciantes das Antilhas ainda não dispararam os raios que hão de fulminar a grande ilha de Cuba, a quasi extrema reliquia das possessões hespanholas. Os colonos de ha quarenta seculos esperavam, a cada hora, que os netos dos inglezes de 1660 e 1762 os saqueassem de sobresalto.

Como dissemos, o assiduo trabalho de João Chrysostomo escassamente facilitava as despesas da sua subsistencia. Faltavam-lhe elementos para bem desempenhar o encargo de guarda-livros. Ignorava o inglez, e escassamente escrevia e fallava o hespanhol. A lingua franceza, que elle apenas traduzia, era a menos usual n'aquelle tráfego de grandioso commercio. Ia a pouco, portanto, o estipendio do seu trabalho.

Albertina fazia milagres de economia, que, algumas vezes, poderiam chamar-se córtes nos objectos de primeira necessidade. Ainda assim alegrava-os a puresa da consciencia entre mágoas tamanhas de tão immerecida expatriação.

Nunca se queixou de pobresa João Chrysostomo ao hespanhol do Rio, nem aos da Corunha, que facilmente o soccorreriam. Nas curtas vagas que tinha do seu encargo de copiador, cultivava a lingua ingleza, e desprendia a pronuncia na hespanhola.

Deixal-o-hemos a pelejar, vestido da diamantina armadura da paciencia. Lá tem ao pé de si um anjo para esteio nos desfallecimentos. Albertina lhe offerecerá o seio amoroso, quando a cabeça lhe pender esvaida de trabalho, e abraseada pelo ferro candente da desesperança.

Voltemos a Portugal.

Ha anno e meio que Caetano Alves de Carvalho e D. Benito de Rojas esperam julgamento.

O castelhano sente-se confortavelmente na Relação. Está moço, segundo elle diz, e tem ante si brilhantes horisontes de futuro a rasgarem-se. Com a segurança pessoal, que os homens honrados raramente gosam, tem elle engrossado os seus haveres, extirpando as ultimas mealhas das algibeiras dos companheiros. Para entreter a indole engenhosa, até a sua boa estrella lhe tem levado á cadeia recibos, certidões, e firmas a falsificar. Todas as suas horas são productivas e folgadas, excepto quando dorme, que, algumas vezes, acorda escouceando abantesmas de carrascos que lhe apertam o sparto na garganta. Estas encommodidades nocturnas não lhe amolgam o rijo espirito. O homem ergue-se, escanhoa-se, veste com certa louçania e frescura, e visita o seu amigo Caetano Alves de Carvalho, cujo contubernal é de almoço e jantar. Outra fonte de riquesa!

Em quanto ao ricaço de Villa Nova de Gaya, observaram os seus amigos que elle engordava na pro-

porção do bolo alimenticio, que digeria com paz d'alma e valente dynamia de bucho. Á sua lauta mesa concorrem convivas de estimação na sociedade, e vê-se com frequencia uma Thomazinha, rapariga fresca e sécia, que dizem ser a menina roubada aos paes, e sumida alguns mezes na quinta da Povoa de Varzim, d'onde ella, vem a miudo visitar o preso. Consta que o raptor, assim que sahir livre, casará com ella, em galardão da lealdade com que a gentil moçoila lhe tem assistido nos seus infortunios. Pois sim!... Lealdade a Caetano Alves!... É o que nos faltava ver! Cá por fóra corre a onda do Pactolo, que Caetano fez jorrar das suas burras. N'esta onda lava-se muita gente suja, que o mundo imaginava limpa. Habilmente cortada em meandros, a torrente rega muitas searas. A do regedor das justiças passa por ser a mais absorvente; as outras á proporção; as testemunhas que vão jurar sobre os santos Evangelhos a honra immaculada, e a incapacidade do crime em Caetano Alves, são mais de trinta, afora cincoenta regeitadas, que se offereceram por metade do dinheiro com que foi alugada a consciencia das outras.

Estas noticias chegam semanalmente a Antonio da Silveira. O desesperado amigo de João Chrysostomo não tem que lhe fazer. Uma consolação o salva de enlouquecer, e é que o marido de Albertina, accusado no mesmo tribunal por ladrão, sahirá absolvido com os dois ladrões innocentes.

Chega o dia do julgamento.

Os reus não tem parte accusadora. Os promotores da justiça, que hoje chamariamos ministerio publico, chamam as testemunhas da accusação: umas ninguem sabe em que reinos estão; outras contra-

dizem-se; outras parece que depõem no sentido da defeza. O tabellião Ferreira tinha morrido: o successor não sabe de nada; a justiça não póde saber o que toda a outra-gente ignora. A audiencia nem mesmo teve as honras d'um longo debate. O julgador estava convencidissimo da innocencia dos reus ainda antes do defensor dizer que o segredo da falsificação, se a houve, tinha cahido na sepultura do tabellião Ferreira. Isto era concludentissimo e irrespondivel. Foram os reus absolvidos: e o lavrador, que tinha desistido de parte, não lhe acceitaram a desistencia para o pagamento das custas. Em abono d'esta equidade, eram tantos os reinicolas, que o lavrador temeu que, por cima de tudo, o degradassem a elle!

E a humanidade riu-se, e os corrompidos riram tambem com a humanidade.

Exceptua-se, porém, D. Benito Rojas. Este não riu, quando lhe disseram que estava absolto do crime imputado em Portugal; mas, a requisição do consul, tinha de ir responder a Hespanha, d'onde fugira.

— Não se afflija! — lhe disse á puridade Caetano Alves — Eu comprarei o consul, e vocemecê irá para o olho da rua.

O proprietario de Villa Nova teve numerosos amigos que o acompanharam a casa. Logo que pôde desprender-se dos braços das testemunhas, fechou-se por dentro do seu escriptorio, e meditou.

Os seus haveres estavam desfalcados em mais de cincoenta contos de réis, preço da liberdade. Restava-lhe a casa da vivenda, e a quinta da Povoa de Varzim, afora uns vinte contos em peças de duas caras, que elle incofrára, e escondera n'um falso

da casa d'aquella quinta. Com grande pesar seu tinha elle de tocar n'este thesouro: era-lhe preciso dinheiro grosso para chatinar a indifferença do consul hespanhol á liberdade do criminoso, que o ameaçava de pôr tudo em pratos limpos.

Foi Caetano Alves á Povoa, onde estava a menina roubada. Ajoelhou á beira do cofre; tirou uma quarta parte das peças, e voltou ao Porto. Commissionou os agentes conhecidos de mais arduas empresas, e ajustou a compra do homem que não tinha motivo nenhum para ser mais incorruptivel que os outros.

O hespanhol sahiu da cadeia, e foi jantar com Caetano Alves. Findo o ágape d'estes dois innocentes resgatados das unhas da calumnia, D. Benito despediu-se com um terno abraço, offerecendo ao amigo o seu prestimo na America ingleza para onde ia partir.

Decorridos dias, Caetano deliberou ir repousar-se á sua quinta da Povoa, e calcular os reparos indispensaveis nos seus bens esbanjados. Movia-o tambem a idéa de ir esposar a moça, que tão fielmente o servira.

Quando chegou ao portão da quinta, bateu tres vezes, e ninguem lhe fallou.

Acudiram visinhos, dizendo que, alguns dias antes, a senhora dona Thomazinha havia despedido o criado e a criada, e sahira da quinta com um sujeito.

Fez o roixo Caetano arrombar as portas, e foi direito ao falso do cofre em que deixára quinze contos. Achou o cofre arrombado e vazio.

Caetano Alves bateu com a cara em cheio na tampa do caixão cintado de ferro.

Não podemos calcular que infernos chammejavam n'aquella alma negra.

O que podémos averiguar foi que a sr.ª D. Thomazinha, destinada esposa do sr. Caetano, tinha fugido com D. Benito Rojas.

A Providencia dá uns castigos que parecem zombarias!

XXI

Assim que a noticia do julgamento chegou ao Rio de Janeiro, com o traslado da sentença enviado por Antonio da Silveira ao patrão que fôra do seu amigo, foi logo João Chrysostomo chamado de Havana para exercer o seu cargo em casa do hespanhol. Esta agradavel nova levantou o infeliz do seu mortal abatimento. Custava-lhe já a supportar a cruz, ainda com o hombro de Albertina lacerado sob o peso d'ella. Aviventava-o mais o phrenesi do odio que o incentivo do amor: odio sanguinario ao homem que o perdera, ancia de espedaçar com suas mãos Caetano Alves. Uma vez, dizia elle, exasperado e raivando contra a justiça divina, que, se tivesse recursos, viria ao Porto, e iria á Relação atravessar a garganta do algoz da sua honra. Albertina aplacava estes delirios com o refrigerio das lagrimas, orvalho piedoso de coração amantissimo, que todos os infernos apaga.

Transferidos ao Rio de Janeiro, melhoraram de vida, porque tinham o anteparo do commerciante, contra os tiros da aleivosia contumaz em assetear João Chrysostomo, sem embargo da absolvição. As

cartas do Porto a diversos negociantes do Rio levavam o espanto da sentença, e a confirmação do crime dos absoltos. Os creditos do caixeiro continuaram infamados, e a desconsideração do commerciante encruou-se com a impunidade.

O marido de Albertina sabia isto, e contorcia-se na angustiosa impossibilidade de provar sua innocencia. Ao mesmo tempo, como se o gume do cutello carecesse de fio que cortasse fundo pelas raizes d'aquellas duas vidas, deram elles tento de que o hespanhol os ia desestimando: effeito da pertinaz maledicencia com que o mundo procurava destruir a misericordia do bemfeitor.

N'este sentido escreveu João Chrysostomo a Antonio da Silveira, perguntando-lhe se seria indiscreta ou intempestiva a sua vinda para Portugal.

Silveira respondeu de modo que, passados annos, lhe redundou em remordente arrependimento, e chaga insanavel no coração. Disse-lhe que a sua casa estava prompta a recebel-os, como recebera a viuva do doutor. Quanto á sua vinda, se elle projectava empregar-se, mal avisado vinha; por quanto, não havia dissuadir o mundo da criminalidade cumplice de Caetano Alves. Acrescentava: «Se o meu amigo «viesse rico, parece-me que seria recebido regular«mente por muitas pessoas, não direi honradas, «mas sufficientes e boas para lhe ajudarem a gastar «o cabedal que o senhor trouxesse. Porém, desem«barcar no Porto, pobre como creio que o meu «amigo está, e na dependencia de um emprego, «aventuro-me a asseverar-lhe que dá um passo fal«so, e importante na sua carreira, tão cavada de «precipicios. Pediu-me conselho: respondi segundo «os dictames da minha rasão esclarecida pela pre-

«coce experiencia dos homens em tres annos. Re-«pito: a minha casa é vossa, meus bons amigos. «Vinde, e tereis mesa frugal, amisade de irmãos, e «duas mães para vos amarem.»

Este offerecimento não quadrava com a hombridade e isenção do marido de Albertina. Preferiu as dôres do descredito longe da patria, e esperou remedio do tempo.

Continuou a exceder-se na pontualidade costumada de suas occupações para ganhar a estima cerceada do patrão. A ira sobre-posse dos honestos esmoreceu a pouco e pouco. O hespanhol, que não podera sacrifical-o á vindicta publica, folgou com o silencio dos praguentos, sem comtudo restituir ao caixeiro o antigo affecto, nem cuidar em encaminhal-o por estrada mais promettedora.

Deixemol-o ainda em acerrima peleja com a inflexivel desgraça. Passados cinco annos, voltaremos em busca da filha do doutor Negro.

Caetano Alves de Carvalho, depois que o ergueram de sobre a tampa do cofre vasio, esteve de cama uma temporada, e por um cabellinho que não resvalou á cova. Tinha fibras, ou a Providencia teve mão d'elle, posto que a medicina se adjudicasse o milagre. O certo é que o homem passou da Povoa para Villa Nova de Gaya, e cuidou de vender a quinta.

Um dos seus commensaes da Relação, a quem elle expansivamente contára a fuga da moça com o consideravel roubo, tres vezes bateu na testa, e disse-lhe:

— Eu vou jurar que a Thomazinha fugiu com o D. Benito!

— Como desconfias tu isso?!

— Porque já desconfiava na cadeia que elles se namoravam. Todos viam: tu é que estavas cego, homem! Pois quem não deu fé que ella lhe lançava os olhos derramados, e elle lhe estava sempre dando riscos para bordar, e corações a lapis com anjos a brincarem á roda dos corações?! Eu via isto, e tu tambem; mas quem te ouvia fallar da fidelidade d'ella com tanto enthusiasmo, não se affoutava a dizer-te nada! Eu, de mais a mais, uma vez que estavamos a jantar, não sei como, espreitei por debaixo da mesa, e quiz-me parecer que os quatro pés d'elles lá se entendiam...

— E não m'o disseste! — interrompeu Caetano.

— E' verdade que t'o não disse porque n'estas coisas de consciencia sou muito liso e escrupuloso... (Este liso escrupuloso tinha ido jurar que Caetano Alves de Carvalho era modelo de homens de bem). E, depois, bem sabes que isto de se intrometter a gente em negocios de amor é perigo de ficar mal com todos. Quem está cego de paixão dá bordoada de cego em quem o avisa... Pois póde estar na certesa de que a moça fugiu com o endiabrado do gallego! Asno foste tu em o tirares da cadeia!... E, esta hora, onde estarão elles? Pódem estar na China, e tu ficaste sem os teus quinze contos!... Já é dinheiro; mas não te fará grande falta, Caetano! O peior é ir-se-te a rapariga, que tu amavas a valer...

— O peior é ir-se-me o dinheiro! — atalhou sinceramente Caetano Alves.

— Faz-te muita falta?

— Ora, se faz! era o meu peculio, que eu ali tinha, para um revez! Agora, dinheiro foi-se todo. Resta-me a quinta, e estas casas, e umas terras no

Candal. O muito que poderei apurar são quinze contos! Já me vi com perto de cem, ganhados com o suor do meu rosto, afóra a boa casa que me deixou meu pae. Como hei de eu agora endireitar a minha fortuna com um casco de quinze contos!...

—Está feito, está feito!—ponderou o confidente—Com menos começaste, e em menos de seis annos estavas rico.

—Lembra-me ir negociar no Brasil com este resto... Preciso distrahir-me a trabalhar, senão arrebento de paixão...

—Da Thomazia?

—Não, homem, do meu dinheiro, do meu dinheiro, que Thomazias ha tantas como a praga...

—E d'aquellas—tornou o amigo—ha mais que dez pragas juntas... Pois não me parece desacertado o teu projecto, Caetano. Vae-te até ao Rio...

—Ao Rio não, que deve lá estar o patife do João Chrysostomo; e, se o vejo, esgano-o, palavra de honra! Foi elle que me fez gastar a minha fortuna! Não lhe posso perdoar! E, de mais a mais, em quanto eu estive na Relação, andou elle á solta, a divertir se, e por Havana! E, agora, póde andar por onde quizer... Que justiça! Que justiça, homem!

—Tambem acho ajuisado—observou o interlocutor—que não vás para o Rio. Tiveste lá negocios, e agora não deves lá ter muitos creditos...

—Creditos é o dinheiro, meu rapaz! Eu não vou pedir abono a ninguem. Em dez annos, se os calculos me não falham, hei de voltar com mais de cem contos. Posso ainda ter uma velhice descançada e alegre.

—Isso pódes, meu amigo. De mais a mais não tens a quem deixar por obrigação...

— Hei de ter filhos, porque não me despeço de casar...

— Cuidada com as Thomazias, amigo Caetano!...

Um mez depois d'este dialogo programamtico, vendida a quinta da Povoa e as restantes propriedades, Caetano Alves de Carvalho embarcou para o Maranhão e encetou commercio de couros e campeche. Como a fortuna lhe ventasse menos que o calculo da sua cubiça, desistiu d'este trafego, e conchavou-se com armadores de navios para escravatura. Sahiram-lhe prosperas as tentativas: e o casco, segundo a phrase d'elle, dobrou-se no primeiro anno.

Nos seguintes cinco annos, apesar de contratempos e delapidações dos socios, triplicou os seus haveres, e alegrou se de antever realisada a sua esperança antes do praso calculado.

Teria, n'este tempo, Caetano Alves de Carvalho quarenta e cinco annos.

Pontual ao seu prospecto, cuidou em matrimoniar-se com a irmã de um socio, quarentona vermelhaça, filha da provincia do Minho, e famosa arranjadeira de casa.

Avençaram-se os socios em quanto ás condições, e casou Caetano, fazendo desde logo ardentes votos pelo nascimento d'um filho.

A naturesa não lhe ouviu os votos, como se á boa ordem da sociedade fosse preciso que Caetano não propagasse.

O cunhado de Caetano Alves, n'este tempo, foi a negocios a S. Domingos, na America franceza. Acaso travou conhecimento com uma mulher portugueza, galante, mas mal trajada, e exposta ás calamidades da mulher desvalida e ainda attrahente com a sua desbotada formosura.

Disse chamar-se Luiza, e ser natural de Lisboa. Averiguou d'ella e de pessoas que a conheciam, o caso estranho de ter vindo bater áquella paragem. Luiza dizia que um francez em 1809 a tirára a seus paes, tendo ella doze annos de edade, e a trouxera para S. Domingos, onde a abandonára, fugindo para França. As pessoas informadoras variaram da historia narrada por Luiza, dizendo que não era francez o homem que a deixára, fugindo com um grande capital que ella roubára aos paes.

O negreiro maranhão tomou conta da mulher desamparada, e embarcou para o Brasil. Apaixonou-se; e no primeiro porto em que saltaram, recebeu a como mulher, coisa facil, sem as precedencias canonicos do estylo ecclesiastico. D'este porto, escreveu a Caetano Alves dando-lhe parte que havia casado com uma senhora de Lisboa, filha d'um antigo militar affecto a Napoleão, e estabelecido em S. Domingos. Vaidade perdoavel!

Ordenava por isso que lhe trastejassem a casa para dignamente a ir occupar com a esposa.

Concluidos os seus negocios nas costas brasileiras, o noivo recolheu ao Maranhão.

Catano Alves e sua mulher foram a bordo receber os bem vindos.

Estava a noiva no tombadilho do barco encostada ao hombro do marido, quando avistou n'um bote que sahia da terra alguma coisa que a fez amarellecer e tremer.

— Que tens Luiza? — perguntou o marido.

—Quem é aquelle homem que vem n'aquelle bote?

— E' meu cunhado e minha irmã.

— A mulher fitou a vista de louca no bote, e expediu um grito sibilante.

Depois, acercou-se da amurada para se atirar ao rio. O marido susteve a, apavorado da demencia de sua mulher.

Estavam os conjuges rodeados de marinhagem, quando Caetano Alves e a mulher assomaram no portaló.

Luiza tinha desmaiado.

Aproximaram-se os recem chegados do grupo... Caetano afastou desabridamente dois marinheiros, infirmou-se na mulher, e exclamou:

—A Thomazia!... Quem trouxe aqui esta mulher?

— Que diz você? — perguntou o cunhado.

— Quem trouxe aqui esta ladra, que me roubou quinze contos de réis, moeda forte, e me fugiu com um hespanhol tão ladrão como ella?

Terror e espanto geral!

O marido da desgraçada fez pé atraz, e abriu a bôca. Era a petrificação de um homem fulminado pela demencia! N'este conflicto, Thomazia voltava a si, porque Deus lhe não concedêra a felicidade de morrer.

Lançou-se de joelhos aos pés do marido, e exclamou:

— Mate-me por misericordia, ou deixe-me lançar ao rio!

— Pois esta é a mulher de você? — perguntou Caetano Alves, com as mãos postas na cabeça.

— E' — respondeu o cunhado, abafando os soluços, e encostando a cara ao peito denegrido de um marujo.

— Mulher de você?! esta ladra?! — rebramiu ferozmente Caetano.

Thomazia tinha o rosto no pavimento, e os braços enroscados aos pés do marido.

O capitão do navio travou do braço de Caetano Alves, tirou-o á parte, e disse-lhe:

— Parece-me que o melhor é vocemecê retirar-se de bordo. Isto não tem geito. Aquella mulher morre ali estarrecida!

— Que a leve o diabo! — bramiu Caetano — O que elle deve fazer é afogal-a, o marido!

— Não se afoga assim uma mulher, sr. Alves — tornou o maritimo — Já agora o mal não tem remedio.

— E os meus quinze contos! — replicou o vil sem vislumbre de dignidade e compaixão — Quem é que m'os dá?

— Eu de certo lh'os não dou — redarguiu o capitão, bradando: — Olá, gentes, caça vélas!

A tripulação desfez o grupo. Ficaram Thomazia na postura de rojo, immovel, como morta, e o marido abraçado á irmã. Caetano sentava-se sobre o cabo das amarras, e observava de longe..

N'isto, a mulher do negreiro ergueu-se de impeto e arremeteu contra um bordo para se atirar ao rio. Reteve-a o marido pelas saias, e repuxou-a com violencia, exclamando:

— Não quero que morras!

A desgraçada barafustou nos braços d'elle, até cahir extenuada. O homem tomou-a em peso, e desceu com ella á camara. Lançou-a n'um beliche, e subiu ao tombadilho. Chamou Caetano Alves e disse-lhe:

— Eu não desembarco: espero que outro navio se faça de vela seja para onde fôr. Póde vocemecê retirar-se com sua mulher. E a respeito da minha, nem mais uma palavra, senão mando-o de presente ao inferno!

Caetano quiz benzer-se, mas não sabia.

Chamou a mulher, saltou no bote, e foi para casa.

No dia seguinte, o marido de Thomazia traspassou a sua casa commercial, e todos os seus haveres, e fez-se ao mar, até onde um navio de viagem para a America ingleza lançou ferro.

Quando saltou em terra, apertou a mulher ao seio, e disse-lhe:

—Estás perdoada pelo mal que me não fizeste a mim, e perdoada tambem pela mentira. Tem juizo de hoje ávante se desejas viver...

XXII

Carecemos de dar algumas paginas a Antonio da Silveira, personagem secundario d'esta historia; porém digno de o ser de um livro entretecido das suas obscuras virtudes.

Em 1817, qnando Gomes Freire foi enforcado, e os revolucionarios seus cumplices espingardeados uns, e devorados outros pelas fogueiras, estava em Lisboa Antonio da Silveira, onde seu irmão Alexandre o mandára recolher a pequena herança de um tio conego da Sé patriarchal. Apavorou-o o horrente espectaculo da carnificina, e tódas as fibras do coração lh'as vibrou o odio á tyrannia sanguinaria. Fez-se em sua alma subita mudança. O amigo da liberdade da consciencia, sem má vontade aos oppressores do espirito, ali, n'aquelles dias nefastos de Lisboa, desfigurou-se em revolucionario rancoroso, e jurou de si para Deus sacrificar-se até á morte, em defeza dos opprimidos. N'este proposito, digno de um Scévola, e dos muitos heroicos romanos, que elle conhecia, voltou para a provincia, e cuidou logo de juramentar-se e iniciar-se nos mysterios revolucionarios da maçonaria.

O Porto arfava já então nas ancias de dar á luz

eterna da historia o grito de 1820. Silveira ligára-se de coração aos caudilhos conjurados na revolta, mórmente com José da Silva Carvalho, o ardente liberal que, em sua pobresa, se afigurava ao transmontano o homem de tempera dos Cincinnatos... *desromanisados* pelo tempo, que aperfeiçôa muita coisa, mas tambem estraga muita.

Alexandre da Silveira era o herdeiro das tradições avoengas, e o sectario desmalicioso da immobilidade do espirito humano. Lia pela cartilha do tio general. Queria o throno e o altar, a paz e concordia entre os principes christãos e a extirpação das heresias.

Antonio balbuciava timidamente os seus principios na presença do irmão. Demasiara-se, quando chegou colerico e aterrado de Lisboa. Alexandre, a proposito da morte de Gomes Freire, disse sentenciosamente que era boa medicina amputar o membro podre, antes que o restante do corpo se contagiasse. Antonio replicou citando as leis divinas e sociaes. Alexandre contraveiu allegando que a lei de Deus era amar o proximo, e não conspirar contra elle, e que Jehovah ordenára ao seu povo a carnificina das nações rebeldes aos seus preceitos. N'este estylo, parecia um dos frades d'aquelle tempo, que da cathedra santa e do pulpito pregoavam o holocausto dos jacobinos, cujo sangue aprasia ao Senhor Deus dos exercitos. Mas Alexandre era melhor que os frades, frades maus, quero dizer. Estas polemicas repetidas dispararam em inimistade dos irmãos, que tão amigos haviam sido. A mãe dos dois, proxima a render o espirito ao creador, chamou-os á beira de sua cama, e conciliou-os, com promessa de se amarem sempre.

A virtuosa morreu, e elles cumpriram, impondo-se Antonio da Silveira absoluto silencio em questões de partidos.

Estallou a revolução de 1820.

A dez d'agosto d'aquelle anno já Antonio da Silveira estava na cidade eterna entre os mais modestos da conjuração, onde grandes e pequenos eram gigantes, a quem nós, os herdeiros das messes que elles lavraram, fizemos a assignalada honra de não levantar estatuas. É que não cabe em nossas praças um pedestal condigno.

Antonio da Silveira foi dos mais energicos, e dos menos gritadores. Folgou de embalar a liberdade no seu berço; nada pediu; nada lhe offereceram; e, com esta maxima condecoração, voltou para a sua provincia.

Alexandre recebeu-o silencioso e triste. Passadas horas, disse-lhe com lagrimas:

— Semeaste vento; mais tarde colherás tempestades.

Antonio sorriu-se, e replicou:

— A humanidade já não retrocede.

— A humanidade está sempre no mesmo posto — retorquiu Alexandre — O que tu chamas «civilisação», meu amigo, se não vier sem baptismo de sangue, tambem não virá com elle.

O fidalgo lavrador, até certo ponto, parecia cordato e rasoavel.

No anno de 1820 a viuva do doutor Negro, cortada de desgostos, e cançada de viver, pediu instantemente ao Senhor que a levasse. Esperou seis annos por sua filha, ignorando até ao extremo dia as desventuras que a perseguiam: Silveira enganava-lhe as esperanças, com a promessa de que João Chrysostomo voltaria para a patria.

Aggravou-se-lhe a enfermidade com a morte da senhora da casa, consoladora santa das suas penas. Em 1821, descançou no Senhor, e foi sepultada na mesma cova de seu marido.

No fim d'este anno recebeu Silveira noticias de Albertina. João Chrysostomo continuava no invariavel mister de ajudante de guarda-livros, e soffria molestia assustadora de peito, consequencia do clima e do trabalho. Mostrava-se conformado com a vontade de Deus e dos homens. Noticiava a existencia de Caetano Alves Maranhão, e, a este respeito, acrescentava: «Vae-se aproximando o tempo «de fecharmos o saldo aberto das nossas contas. «Lamento hoje ter uma mulher. Ás vezes, sonho «que a vejo ao abrigo da casa misericordiosa dos «Silveiras.»

A longos prasos, sustentaram correspondencia até 1823.

— Depois, disse-me Antonio da Silveira, em 1824, indo eu ao Porto, casualmente encontrei o advogado que defendera João Chrysostomo. Disse-me elle:

— Deve já saber o que aconteceu ao nosso desgraçado homem...

— A João Chrysostomo? Não sei...

O advogado contou brevemente um successo, que o romancista não póde reproduzir com a mesma concisão. Vamos procurar a causa da pallidez angustiosa com que Antonio da Silveira ouviu a pungentissima nova.

Caetano Alves de Carvalho, enriquecido além das suas contas, em poucos annos, resolveu retirar-se para Portugal, onde tambem a esposa, saudosa de Espozende, sua terra, desejava regalar os ultimos annos. Quando estava em liquidação, falliu um com-

merciante do Rio, em cuja casa Caetano Alves tinha alguns contos de réis.

A espora da ambição, irritada por este revez, cravou-se-lhe na alma, e atirou-o na direcção do Rio, a demandar preferencias ao remanescente da massa fallida. Azoado por esta imprevista pancada, esqueceu João Chrysostomo, ou dignou-se perdoar-lhe.

Chegou ao Rio, e cuidou nos seus negocios. O hespanhol, patrão do marido de Albertina, era tambem crédor do negociante fallido. Assim que viu no tribunal commercial o requerimento de preferencias de Caetano José Alves, disse-o ao caixeiro, notando a estupidez do requerente.

João Chrysostomo ouviu a nova com placida naturalidade.

No mesmo dia sahiu a indagar a residencia de Caetano. Disseram-lhe que estava hospedado em casa de um mercador de pretos, seu consociado na mercadoria.

Voltou, no dia seguinte; espreitou-o á sahida, e reconheceu-o. Tornou para o escriptorio; e, á noite, conforme o costume de seis annos, sentou-se ao lado de Albertina, continuando a copiar para os livros, com intervallos de conversação, ou leitura de alguma obra amena em francez.

Ás dez horas d'esta noite, João Chrysostomo depoz a penna, com desalento.

—Estás fatigado? —perguntou Albertina —Basta de escrever, filho; conversemos um pouquinho.

João Chrysostomo abraçou-a com vehemencia, e deixou-lhe o rosto humido de lagrimas.

—Que é isto? —clamou ella —tu choras, meu

amigo? Que nova desgraça me annuncias? Conta-me tudo por compaixão das minhas dôres!

— Nada, filha, nada é. Foi um rapto de ternura, de amor... — balbuciou elle.

— Por Deus! tu enganas-me!...

— Pois duvidas que te estremeço, filha?

— Não; mas creio que estás afflicto!... O' meu esposo!... que negra nuvem é esta que me baixou á alma!... Que ha na tua vida... Oh! diz-m'o, diz-m'o!...

— A eterna desgraça que sabes... Mais nada.

— E a resignação, meu, querido amor? A resignação que é o balsamo das mãos de Deus?...

— E a infamia, o ferrete indelevel, o descredito, este morrer e viver coberto de opprobrio!... E a pobresa, Albertina!... Não me vês assim doente?... Que te deixo eu, que te fica de mim? Um nome injurioso!... Quem dará um colmado e um bocado de pão duro á viuva do ladrão?

— O' filho!... exclamou ella, pondo as mãos supplicantes — Pois tu morres-me? tu queres deixar-me?

— Deixar-te desvalida, envolta n'esta mortalha escarrada do mundo, que eu arrasto ha cinco annos... E' assim que eu te deixo, esposa da minha alma... Onde irás tu? Se isto que temos, bastar á tua passagem para Portugal, vae pedir o talher, vago pela morte de tua mãe, á mesa dos Silveiras. Viverás trabalhando, e morrerás resguardada dos insultos do mundo... Os teus ossos terão sepultura honrada, já que tantos abrolhos de ignominia te fiz brilhar n'esta vida toda noite, toda inferno para ti... e para mim que a não mereciamos...

— Confiança no Altissimo, filho!...

João parecia não ouvir as interrupções de Albertina; e continuou agitado e vibrante de ira:

— Foi aquelle homem que nos perdeu... Está nas mãos d'elle esta esponja de fel, que se me não despega da bocca. E' o maldito sempre a cavar-me a sepultura, que a sociedade me ha de cobrir de lama... E a minha vingança, Albertina!... a vingança do homem que tu ennobreceste com o teu amor?...

— Vingança de quem? do miseravel? Deixal-o debaixo da mão da Providencia! Pois tu pensas em alguma vingança que nos acabe de perder?... Por compaixão de mim, João! desiste, desiste d'esse intento... E' um demonio que te allucina, filho!...

João tornou sobre si com instantaneo artificio, e disse quasi socegado:

— Que dizes tu de allucinação? Pois eu disse que me ia vingar?!

— Fallaste de vinganca.

— Tantas vezes tenho fallado n'isto, Albertina...

— Pois sim; mas nunca te vi esses gestos, esse incendio nos olhos...

— E' a febre, meu querido anjo... Vês que estou tranquillo?...

— Quem sabe?...

—Sabes, tu Albertina, que vês o mais recondito da minha alma... Se eu podesse agora dormir... era-me necessario repouso.

Na madrugada do dia seguinte, João Chrysostomo levantou-se mansamente. Albertina dormia o primeiro somno. Ajoelhou-se elle ao pé do leito, ergueu as mãos, contemplou-a, e muito de leve lhe beijou a face direita. Fitou-a de espaço outra vez, e absorveu nos labios tremulos as lagrimas copiosas.

Sahiu abafando o rumor dos passos; e de passagem, tirou uma carteira d'entre os livros da sua pequena estante e desceu á rua.

Encaminhou-se á residencia de Caetano Alves.

O negreiro, que hospedava o socio, ia sahindo quando João Chrysostomo entrava.

— Se este me conhece, — disse o caixeiro entre si, — balda-se tudo!

Não o conhecia o negreiro: a sua vida era mais de mar que de terra.

Perguntou João Chrysostomo se o sr. Caetano Alves ainda estava em casa.

— Ficou a dormir; mas levanta-se logo — respondeu o outro — Se lhe quer alguma coisa, este preto que o leve lá acima á sala, e que vá chamar o sr. Caetano.

João Chrysostomo seguiu o preto.

Ao primeiro mainel da escada, sentiu caimbras nas pernas. Viu a imagem lagrimosa de Albertina. Se nos braços d'esta imagem visse uma creancinha, João Chrysostomo retrocederia. Os filhinhos são anjos da guarda.

Entrou na sala.

Sentou-se a enchugar o suor que lhe ondeava na face e seio. O coração batia-lhe contra as paredes do peito. Azulejava-se-lhe o lume dos olhos, e cortavam coriscos a luz quasi trevas em que mergulhava o olhar espavorido

O escravo entrou a chamar Caetano Alves, e voltou a perguntar quem era

João tergiversou a responder, e disse afinal:

— Diz-lhe que é um sujeito que vem saldar contas.

Levou o preto a resposta, e Caetano disse em monologo:

— Eu não devo nada a ninguem cá no Rio... Então é homem que me deve, e eu estou esquecido... Vamos lá.

E ergueu-se á pressa: porém, quando estava envergando a jaqueta de fustão branco, sentiu nas cavernas do peito um estrondo, se não antes um couce do caprichoso diabo que o avisava.

— Não estou bom cá por dentro! — disse elle — Adivinho não sei quê... Estará minha mulher doente! Ou...

Não sabemos que outras inferencias supersticiosas elle tirou do abalo com referencia ás coisas da sua casa. O certo é que o homem ia abstrahido quando entrou á sala.

João Chrysostomo estava em pé.

Caetano Alves estacou, e poz as costas contra o alizar da meia porta que abrira.

— O senhor é... — tartamudeou Caetano.

— Sou eu; — respondeu João Chrysostomo.

XXIII

Caminhou vagarosamente João Chrysostomo para Caetano Alves, e disse-lhe:

— Creio que o sr. Agostinho José Chaves me vê sem oculos, e me ouve sem corneta acustica. Felicito-o da feliz cura de olhos e de ouvidos.

— Então o senhor o que me quer?! — atalhou com sobranceria, o negreiro, medindo com olhar despresador o franzino e descarnado vulto do caixeiro.

— Saldar contas — respondeu com gravidade o outro.

— Estou pago e satisfeito.

— Eu é que não.

— Que lhe devo eu a você? — replicou Caetano Alves, tregeitando carranca ameaçadora.

— A honra.

— Qual honra, nem meia honra! Vá-se com Deus ou com o diabo, e deixe-me, se não quer que eu lhe peça contas a você.

— Peça, que eu dou-as leaes ao sr. Agostinho José Chaves, ou como é que se chama. Vamos ver quem deve.

João Chrysostomo tirou da carteira dois papeis, e continuou lendo meia folha que desdobrou:

«Ficam depositadas duzentas moedas de ouro, as «quaes o sr. Antonio da Silveira, por ordem de João «Chrysostomo, residente na Corunha, entregou pa«ra serem dadas a Caetano Alves de Carvalho, logo «que se liquide ser este o Agostinho José Chaves, «que as emprestou a João Chrysostomo. Porto, 12 «de março de 1815. O corregedor do crime, *Mou«rão Mosqueira.*»

— Recebeu o sr. Agostinho, ou Caetano, este dinheiro?

— Recebi; e d'ahi?

— E d'aqui está o senhor pago.

— Já disse que estava... Não me tire o tempo!

— Serei breve. Está aqui o titulo de divida de que sou crédor.

— Crédor o sr. João? Ora essa! Vejamos!

— A lettra é sua? — perguntou Chrysostomo voltando para Caetano a face da carta que desdobrára.

— Parece-o, se não fôr letra falsa.

— Póde ser. Quem falsificou a escriptura, com menos engenho falsificaria a carta. Leia o senhor.

— Não quero. Leia, se quizer.

— Da melhor vontade — respondeu João Chrysostomo, sorrindo, e leu:

««Illmo sr. corregedor do crime.

«Devo participar a v. s.ª, para que a justiça se «não engane com os criminosos ladinos, que João «Chrysostomo, actualmente residente na Corunha, «foi quem deu a nota do cartorio do tabellião Fer«reira, sabendo o fim para que a dava, assistindo «á falsificação da escriptura, e recebendo em paga «d'isso muito bom dinheiro. As cento e cincoenta

«moedas é a quantia que elle depois me pediu em-«prestada; e o pagamento d'este dinheiro não prova «nada para a innocencia de João Chrysostomo. Eu «provarei em occasião propria a verdade do que «levo exposto. Cadeias da Relação, 15 de fevereiro «de 1816. *Caetano Alves de Carvalho.*»

— Agora reconheça o texto e a assignatura da sua carta, sr. Caetano.

— Já vi; fui eu quem escreveu isso — disse denodadamente o homem. — E então que quer? A villão villão e meio, é o dictado. Você perdeu-me, eu quiz pagar-lhe na mesma moeda. Deixasse-se lá estar onde estava, que ninguem bolia com o sr. João.

— Mas a minha honra, sr. Caetano?

— E a dar-lhe com a sua honra! E a minha?

— A sua?! — perguntou João, espirrando um impulso de riso feroz.

— Sim, a minha! e a minha fortuna de mais de cem contos que perdi por sua causa?

— O sr. Caetano é prodigiosamente infame! — replicou tranquillamente o marido de Albertina.

— O quê? você vem insultar-me ainda por cima?! — bradou Caetano, sacudindo os nervudos braços.

— O senhor não é homem que se insulte; é um scelerado sem pejo e sem cara para o vergão do azorrague.

— Fóra d'aqui, patife! — ululou Caetano.

— Pois cuida o miseravel que eu vim aqui para me retirar pacificamente com mais uma injuria da sua bocca?

— Então que quer?

— Quasi nada. Obrigal-o a engulir esta carta.

E, dizendo, metteu-a á bocca, e estrinçou-a e humedeceu-a com os dentes até a reduzir ao tama-

nho de uma bala de onça. Caetano Alves observava perplexo a operação, sem atinar com o desfecho.

Subitamente, João Chrysostomo arrancou da algibeira uma pistola.

— Que é isto? — exclamou Caetano; e, de um salto, entrou no quarto mais proximo, que devia ser o do socio, e sahiu com uma brilhante faca de matto em punho.

Chrysostomo tinha ajustado ao bordo do cano da pistola o globosinho formado da carta, e ao tempo que o adversario o atacava corajosamente, disparou o tiro no rosto em cheio, e subtrahiu o peito á facada que descia.

Caetano Alves rugiu uns grunhidos formidaveis, e baqueou de encontro a um tremó, e d'ahi ao pavimento com grande estrupido.

O homicida cruzou os braços, e esperou. No esgazeado da vista, aquella infeliz alma parecia acordar de um sonho dilacerante e horribilissimo.

Entraram, a um tempo, alguns pretos por differentes portas da sala.

Caetano estrebuchava as ultimas vascas.

A negraria gritou, sem ousar acercar-se do desconhecido, que figurava um morto em pé.

A visinhança acudiu de tropel aos brados. O dono da casa entrou n'este conflicto. João Chrysostomo não respondeu a pergunta alguma. Deixou-se agarrar dos braços trementes de susto, que o cingiram brutalmente.

Appareceram o inspector de quarteirão e chusma de pedestres. Levaram-no escada abaixo, quasi abafado na compressão de braços e corpos, que o cerravam de perto. Ao fim da escada, João Chrysostomo olhou em redor de si, e ressumou duas lagri-

mas, e proferiu esta palavra, que era em si uma hórrida e infinita agonia:

— Albertina!...

Conduziram-o ao primeiro interrogatorio. Disse que matára Caetano Alves. Pediram-lhe a causa do crime. Respondeu:

— Sabe-a Deus; sei-a eu; o mundo a saberá. Não me defendo

Conduziram-no á correcção.

E Albertina?...

Quando deu tento da falta do marido, ergueu-se accelerada. Buscou-o no escriptorio, sahiu a procural-o em casa do patrão; voltou a sua casa; e sahiu outra vez ao escriptorio do negociante.

Aqui minguaram-lhe as forças para voltar á rua. As senhoras tentaram pacifical-a, não vendo causa a tamanho alvoroço. D'ahi a uma hora, ergueu-se grande rumor na casa, e chegou aos ouvidos de Albertina que João Chrysostomo matára Caetano Alves. O hespanhol tinha já sahido para o carcere. A dilacerada mulher, sem dar tempo que a seguissem, foi tambem. Gritou por seu marido ás portas da correcção. Rodeavam-na centenares de pessoas. Era-lhe vedado o accesso ao recinto do preso, e disseram-lhe, para a consolarem, que elle estava escrevendo tranquillamente.

Consentiram-lhe que esperasse na saleta do carcereiro, mediante os rogos do negociante, e entregaram-lhe um bilhete aberto do marido, que dizia:

«Apalpo a fronte e já não acho o ferrete. La«vou-m'o o sangue do assassino da minha honra. «O teu marido não podia morrer infamado. Tu me «perdoarás, se o mundo me não perdoar. Albertina, «se eu morrer aqui, diz ao mundo que tirei uma

«vida, e dei outra, para não te deixar atada ao poste «do meu vilipendio. Vou escrever ao Silveira. Es-«pero que vás refugiar-te, e orar por mim, na casa «do nosso amigo. Alguma hora me verás. Reani-«ma-te, pobre mulher. Deixa-me morrer primeiro.»

Albertina, lido este bilhete, perdeu o sentimento da sua desgraça. Foi levada em braços a um palanquim, e transportada a casa do hespanhol.

Entretanto, João Chrysostomo escreveu a Antonio da Silveira. Mandou a carta aberta ao patrão, e recostou-se sobre uma tarima de taboas nuas, golphando sangue. O commerciante enviou-lhe colchão e roupas. Chrysostomo acceitou indifferentemente o beneficio. Ageitaram-lhe a cama, e elle deitou-se, dizendo:

— O leito da morte!...

Avisado o negociante do estado doentio do preso, enviou-lhe o seu medico. Em resultado da auscultação, o medico declarou a tysica tuberculosa do enfermo, e asseverou a brevidade da vida, com a occorrencia da enorme tribulação em que o vira. Esconderam de Albertina o resultado d'este exame.

Divulgou-se a noticia do proximo trespasse do homicida. A justiça relaxou as suas algemas, por entender que a lei não é vampiro que sugue cadaveres. Concederam licença a Albertina de visitar o marido, e deter-se até á noite no seu quarto.

Póde a phantasia conceber o quadro da aproximação d'estes dois, a que eu não sei dar nome na escala da desgraça: eu tambem não me atrevo á gloria de pintar efficazmente o relanço da primeira entrada de Albertina ao ergastulo do marido. Abriu elle os braços, e ella atirou-se-lhe ao seio, sem articular uma palavra. Eram gritos lancinantes para

as almas, que presenciaram o lance, gritos mal abafados pelo peito do esposo, onde o coração escaldado pelo bafejo febril de Albertina, se estorcia em mortaes convulsões.

Os circumstantes retiraram-se a pedido da esposa do hespanhol, a qual, com suas filhas, acompanhára Albertina.

Era uma esmola do ceu deixarem-nos chorar a sós.

A filha do doutor Negro encarou a fito nos olhos do marido e exclamou:

— Como estás desfigurado!... Tu morres! tu morres! filho de minha alma!

— Quem sabe?! — acudiu elle, contrafazendo jovialidade — Estou ainda na edade da força e dos milagres, minha Albertina! Esperancemo-nos, filha...

— Santo Deus!... — tornou ella em clamor — Virgem mãe de Jesus Christo!... pois eu hei de ficar sem meu marido!... Eu hei de vêl-o morrer, oh Senhor!

E, soltando-se dos braços do esposo, cahiu de joelhos, com as mão postas, e os olhos lançados ao ceu, atravez das grades.

— Albertina — disse João Chrysostomo em afflictivas ancias — Tem pena de mim e de ti... Vem cá, pobresinha... Deus ha de operar em ti um prodigio de valor, porque tens sido uma santa e forte alma, e nunca deixaste de o crer e chamar nos grandes transes da nossa vida. Dá-me a mim o exemplo da coragem, Albertina!

Ergueu-se ella eom transporte, e estreitou o marido ao seio, e disse soluçante:

— Póde ser, póde ser que tu não morras!

Estas esperanças eram relampagos. Assim que

ella fitava olhar attento no semblante do marido, cortava se-lhe o coração, e cedia ao alto gemer da sua inconsolavel dôr.

O medico observou que a presença de Albertina, a não se comedir em sua afflicção, apressaria a morte do preso.

— E que lucra elle em viver ?! — reflectiam as mais condoidas testemunhas do espectaculo.

Segiuram-se as quotidianas visitas de Albertina, fizera espanto a inesperada mudança que se operara na miseranda senhora, passada a terceira visita. Viam-a chegar á cabeceira do enfermo — a quem o facultativo chamava moribundo — e sentar-se sem lagrimas, n'um sereno quietismo e introversão, que incutia maior piedade no animo dos assistentes. João Chrysostomo dissimulava os empuxões, que lhe iam no peito, ao desatar-se a vida fibra por fibra. A cada contorcimento e estridor de dentes, erguia-se slla, punha-lhe a mão na face, e perguntava:

— Sentes a morte, filho ?

Esta perguma repetida infundiu no espirito de João Chrysostomo receio, que lhe redobrou as penas. Previu que Albertina lhe esperava o alento final para suicidar-se. Revelou a suspeita ao commerciante, pedindo que a salvassem da fraqueza e do crime.

Quem póde salvar a alma forte, que se desprende dos supplicios, que esmagam os fracos ?

O hespanhol tinha idéas sobre o suicidio, avessas á religião santa da paciencia, e da esperança n'outro mundo.

João Chrysostomo, o homicida — quem diria ? — combateu o materialismo de seu patrão; e, como sua mulher chegasse a tempo em que discu-

tiam, o enfermo acalorou-se, quando as forças lhe deixavam, e fallou na immortalidade da alma com tanta elevação, subtileza e compungimento, que arrancava prantos, e calava no animo obdurado do argumentador philosopho.

Albertina ouvira-o attenta, e sorrira, quando João Chrysostomo disse:

— Não estão estas verdades no teu coração, anjo?

E como ella permanecesse silenciosa, o marido sentou-se de violento impeto, e disse:

— Não permitta Deus que eu seja causa a que tu dês ao mundo um quadro de miseravel fraquesa, Albertina! Não permitta Deus que tu me faças dar contas ao supremo juiz da perdição da tua alma. .

E limpava um suor similhante ao sôro do ultimo sangue, que vinha arrefecido das arterias mortas.

Albertina ajoelhou e disse:

— Perdôa-me, que eu sou mulher, e não sei o que é viver sem ti! Perdôa-me, que eu, se não morrer, enlouquecerei, e depois o fim da minha vida será horrendo...

— Que seja... que o mundo te lastime perdida para a luz do entendimento. O Senhor te dará luz, martyr!... Jura, jura ao teu pobre marido agonisante que não tentarás contra tua vida!

Albertina beijou a mão, que o esposo lhe estendêra a solemnisar o juramento, e balbuciou:

— Não me matarei!

— Bem hajas! — Tornou João Chrysostomo com repetidas intermitencias de abafação. — Bem hajas! Fica pedindo por mim... Bem sabes que eu não deixo quem reze uma Ave-Maria por minha alma. Tu irás á patria, e dirás aos diffamadores do meu nome, que eu... não roubei um ceitil a homem

nenhum... Irás ajoelhar á sepultura de teu pae, e pedirás perdão para os delictos da minha alma... Eu matei um homem; levo a Deus este sangue que me resaltou á face: mas... quem sondou, senão Elle, as minhas angustias?... E tu has de viver, Albertina, para eu ouvir na eternidade as tuas preces!..

Cahira sobre os travesseiros extenuado. Albertina soluçava de joelhos.

O moribundo pediu a presença de um sacerdote. Confessado e ungido, chamou para junto de si a esposa, que o esteve contemplando com uma paralysia de gestos, indicativa das trevas que se estavam carregando em volta do seu espirito.

Conseguiu a piedade dos amigos, contrahidos nos ultimos dias de inexcedivel desgraça, que Albertina e o frade carmelitano pernoitassem no quarto do agonisante.

Ao repontar do sol da seguinte manhã, o commerciante entrou no quarto e disse:

— Todos os seus amigos, sr. João Chrysostomo, apregoam a sua innocencia, e juram que o senhor padeceu os effeitos da calumnia, e está limpo de toda a macula.

João Chrysostomo poz os olhos em Albertina, e disse:

— Minha mulher, ja vês que te deixo a unica herança que podia deixar: um nome sem o ferrete de ladrão. A sociedade perdoará ao homicida...

Estas derradeiras palavras foram exprimidas com tanto desafogo e serenidade que os assistentes julgaram muito alliviado o moribundo.

Albertina viu que o sacerdote e o commerciante confirmavam as suas esperanças d'ella; e logo arrebatada de alegria, abraçou-se ao esposo, exclamando:

— Tu estás muito melhor, meu filho!

— Estou... disse João Chrysostomo, e, descahindo lentamente as palpebras, inclinou algum tanto a face para Albertina, e desprendeu um trémulo e profundo soluço.

Morreu.

Esta palavra atroz, quando o sacerdote a proferiu, com as mãos erguidas e a cruz entre ellas, foi o ultimo sopro na rasão de Albertina.

— Não me respondes? — exclamou ella, abraçando-se ao peito do cadaver — Não me respondes?... Pois tu estás morto?

Ergueu-se de golpe, e contemplou-lhe a face; vergou-se outra vez, e beijou-lhe os labios.

Depois, levou as mãos aos cabellos, repuxou-os com pavoroso phrenesi; arrancou uns gritos similhantes aos da ave nocturna, gritos que ali simulavam a risada da loucura.

O frade e o commerciante retiraram-na, levaram-na do quarto, e reclamaram os soccorros de um medico.

Onde está a medicina d'aquellas demencias?

XXIV

No mesmo dia em que Antonio da Silveira recebia do defensor de João Chrysostomo a noticia do repellão, que atirára o malfadado á ultima passagem do seu abysmo, foi elle procurar carta ao escriptorio do ultimo navio chegado do Rio, e encontrou a de João Chrysostomo, escripta da cadeia. Era assim breve e simples:

«Saldei as contas. Agora posso morrer. Caetano «Alves deve ter empastada no sangue da cara a de«nuncia, que deu ao corregedor. Como a socieda«de, em vez de me vingar, me escreveu na testa o «ferrete de ladrão, vinguei-me eu. Se eu não tives«se esta martyr ligada á minha existencia, morria «feliz. A justiça dos homens já não póde cevar-se «no meu sangue. Não se levanta a forca sobre uma «sepultura. Morrerei breve. Aqui fica Albertina, «aquelle anjo que v. s.ª amou como irmão; ella aqui «está á espera que me enterrem, para ir pedir uma «esmola. Se ella chegar á porta, receba-a. Ella é no«bre de condição: acceitará a esmola, porque ha «situações em que o acceital-a é fidalguia de ani«mo... Ouço-lhe os gemidos... Sei que ámanhã

«parte um navio. Não me dá tempo a mais. Adeus, «sr. Silveira. Não me offereço como exemplo á sua «vida, que é a de um justo; porém, aos desgraça«dos, que encontrar, conte-lhes a minha vida e a «minha morte. Seu do coração pela eternidade,

João Chrysostomo.»

Antonio da Silveira, confiado na beneficencia de seu irmão Alexandre, cuidou logo em incumbir a um dono de navios da carreira do Brasil o transporte de Albertina para Portugal, se ella estivesse viuva á sahida da embarcação.

Depois d'estas providencias, o primeiro navio chegado trouxe a noticia da morte de João Chrysostomo, e da demencia de Albertina, que fôra recolhida em casa do negociante hespanhol, onde era vigiada e soccorrida como pessoa da familia.

As participações subsequentes davam a filha do doutor Negro doida incuravel, apesar dos paternaes desvelos com que era tratada. Antonio da Silveira, solicitando-a para sua casa, não sómente obedecia aos impulsos da sua bemfadada indole, senão que parecia querer mitigar assim a ferroada pungitiva do remorso, remorso de ter affastado de Portugal João Chrysostomo, quando elle o consultou sobre a sua vinda. Não obstante, o caridoso patrão do homicida, que a opinião publica endeusava, respondeu directamente a Silveira que Albertina era sua filha.

A redarguição a bemfeitor tão do céu seria uma teima de indiscreto juizo.

Cessaram as noticias do Rio para Antonio da Silveira, por espaço de dois annos.

Em 1828, o conjurado nos tentamens da liber-

dade, tomou o seu quinhão no infausto arrojo do marechal Saldanha. Emigrou.

No espaço de cinco annos de expatriação, comportou pacientemente muitos dias de fome, para não pedir a seu irmão excedentes ás suas legitimas, que montavam a pouco.

Desembarcou no Mindello com a patente de capitão. Fez a campanha até á capitulação de Evora-Monte. Era tenente coronel por distincção, e tinha quarenta e seis annos, no fim da guerra. Perdera um braço nas linhas de Lisboa. Pediu a sua reforma em coronel, e foi procurar sua familia.

Alexandre da Silveira tinha morrido em 1830. Encontrou um sobrinho de vinte e quatro annos, que o recebeu com frieza e menospreço.

Era um legitimista intolerante, que se espantava de que pudésse cahir o colosso levantado por seu tio marquez de Chaves.

Por amor de partido, inventou que seu pae tinha morrido de desgosto por ver um irmão ao serviço do Senhor D. Pedro. Alexandre, coração nobilissimo, lamentára o irmão até ao fim, porque morreu na certesa da infallivel victoria do Senhor D. Miguel. Mas odial-o não podia o filho da virtuosa, que, ao despedir-se da vida, conciliára, por juramento inviolavel, os dois irmãos.

O coronel Silveira, assim que traduziu os vincos da fronte de seu sobrinho, sacudiu o pó dos sapatos, e sahiu, dizendo:

— Procurei o ceu e as arvores da minha infancia: cá estão, reconheço-as, e reconhecem-me: a ti, meu sobrinho, é que eu não conheço.

E sahiu para habitar uma casa coberta de colmo, que se alugava na aldeia de seus avós.

A mobilia, que levou da casa onde nascera, reduziu-se ao piano de Albertina, e aos seus classicos latinos. Escreveu para o Rio de Janeiro ao negociante hespanhol. Não teve resposta.

Pediu informações a commerciantes do Porto: responderam-lhe que o hespanhol tinha morrido em 1829, e não sabiam mais nada. Antonio da Silveira conjecturou que Albertina havia morrido.

Em 1840, procurou-o o ancião abbade de sua freguezia, e disse-lhe, com um periodico do Porto na mão:

— Trago-lhe uma surpresa dolorosa.

— Que é?... Aboliram os soldos aos coroneis que só teem um braço? — perguntou o risonho Silveira.

— Não é tanto; mas receio que lhe dôa mais.

— Mais? Que póde ser?!

— Tenha a coragem de ler esta local.

O coronel leu o seguinte:

Os homens do Porto que hoje teem cincoenta annos ainda se recordam do famoso DOUTOR NEGRO, *grande jurisconsulto, e maior desgraçado que jurisconsulto. Este homem tinha uma unica filha, que o levou á sepultura. Casára-se ella com um amanuense de seu pae. Chamava-se João Chrysostomo, o qual foi um prodigio de infortunio, até ao extremo de morrer, no Brazil, assassino de um celebrado Caetano Alves de Carvalho, de Villa Nova de Gaya, seu calumniador. Pois a filha do doutor Negro, e viuva do pundonoroso homicida, é uma mulher meio cadaver, meio-idiota, que o leitor encontra desde 1839 no topo da calçada do Mirante, com a mão estendida á esmola, posto que a não peça. Quem escreve estas linhas não sabe dizer que desventuras an-*

tecederam esta em que a infeliz se encontra. O que sabemos de o ouvir contar a pessoas coevas é que a mendiga da calçada do Mirante foi formosa entre as mais formosas do seu tempo; prendada como poucas: era um encanto de ouvidos quando tocava; e foi a primeira cantora no Porto de ha trinta annos! Aqui se presta á caridade publica excellente ensejo de estender mão valedora áquella infeliz, que é um exemplo; mas um exemplo que enternece a lagrimas.

Meia hora depois, o coronel Silveira estava a caminho do Porto, com todo o seu cabedal, que era o soldo de um mez rebatido por menos de metade, e umas economias dos mezes anteriores, que eram uns vinte mil réis, que elle amealhára para mandar cobrir de telha a sua casa achoupanada.

Assim que apeou á porta da estalagem mais economica, dirigiu-se á calçada do Mirante.

Lá viu uma mendiga com a mão aberta e o braço estendido, e um cão de agua no regaço. Affirmou-se muito tempo n'ella, e disse comsigo:

—É mentira! não é possivel! Aqui não ha rosto de feição de Albertina!...

—Avisinhou-se, quasi convencido do romance do localista, e disse:

—Albertina!

A mendiga ergueu os olhos do regaço, fitou-o, e respondeu:

—Quem me chama?

—A senhora é Albertina?

—Sou Albertina.

—A filha de Francisco Simões Alpedrinha?

—Que Deus tenha em sua santa gloria.

—A mulher de João Chrysostomo?

— D'esse anjo, que espera entrar no ceu.

— Conheceu Antonio da Silveira?

A mendiga baixou a fronte entre as mãos, e correu os dedos pela fronte, murmurando:

— Antonio da Silveira?...

— Sim... o amigo de Albertina e de João Chrysostomo, e de seu pae e mãe, que morreram...

— Em casa de Antonio da Silveira...

— Pois é? exclamou o coronel, tomando-lhe a mão com vehemente ardor — E' Albertina que está aqui pedindo esmola?... E não reconhece em mim Antonio da Silveira?

A mendiga assestou-lhe uma vista fulgurante de demencia, e disse com vozes interpoladas de suspensões anciosas:

— A voz d'elle era assim... e os olhos... e o olhar piedoso... Era novo então, e gentil, o nosso querido amigo...

— E aqui estou velho, sr.ª D. Albertina, e mutilado, e desconhecido até aos seus olhos, que viam em mim o irmão extremoso. Não me reconhece ainda, desgraçada senhora?

— Conheço!... conheço!... — exclamou ella debulhada em lagrimas; porém, immovel como se fosse paralytica.

Silveira apertou-lhe convulsivamente a mão, e clamou embargado de soluços:

— Como chegou até isto?... E eu que a julgava morta ha tantos!...

— Morta estou eu — disse ella sem a menor agitação.

— Vae sahir já d'aqui; — tornou o coronel — eu vou buscar uma sege...

— Não vá — acudiu Albertina.

— Porquê?

— Porque o meu posto é aqui.

— O seu posto é o que seu marido lhe impoz. Eu conservo ainda a carta em que elle me avisa de que sou eu o amparo da sua viuva.

— Uma carta?... bem me lembra... Mas não vou... A alma de meu marido está ganhando o ceo com a minha humildade. A humildade da mendiga é a mais grata ao Senhor. Se o Altissimo fôr servido, acabarei n'este serviço á alma do meu anjo.

O coronel instou; mas o silencio de Albertina era uma resposta que o desesperava de movel-a.

Penalisadora situação a do honrado homem!

— Que hei de eu, pois, fazer em bem d'esta infeliz? — disse elle como interrogando o seu coração — Que horrivel serenidade a d'esta mulher! Que hei de eu fazer?

— Dê-me uma esmola como os outros que passam — respondeu ella.

Antonio da Siveira, coberto de lagrimas, tirou da algibeira todo o dinheiro, que tinha, e depoz-lh'o no regaço.

— E' muito; disse ella — basta-me isto.

E tomou uma pequena moeda de prata.

O coronel foi obrigado a acceitar o dinheiro. Albertina beijou a esmola, e orou.

Era noute.

A mendiga ergueu-se, tomou o cãosinho nos braços, e caminhou em direitura á rua da Sovela. Silveira acompanhou-a, e viu-a entrar n'um baixo de pobrissima apparencia, contiguo ao tabique de uma forja.

Albertina abriu a porta, fez uma mesura a Antonio da Silveira, como lh'as tinha feito em 1811, e disse:

— A Virgem mãe de Deus lhe dê uma boa noute, sr. Silveira. Contarei a meu marido que o vi.

No dia seguinte, Silveira foi procurar um velho camarada, contou-lhe o successo, e encarregou-o de enviar todos os dias ao cardenho da filha do doutor Negro um almoço e jantar.

Foi ainda vel-a em tres dias successivos; porém, o espectaculo cortava-lhe o coração. Era desgraça irremediavel! Quando o coronel lhe pedia a historia de quinze annos, Albertina respondia:

— Não sei... Lembra-me que vi morrer meu marido, e mais nada... depois, achei-me aqui... e estou orando, e ajudando a remir a alma do peccador.

Antonio da Silveira voltou para a sua pobre casa, deixando ao camarada o preço da sustentação de Albertina por um mez.

A filha do doutor Negro acceitava a esmola, e pedia sempre a Deus a felicidade de quem lh'a dava.

Contava, porém, o encarregado d'esta beneficencia quotidiana que a mendiga, a intervallos, se esquecia de Antonio da Silveira; e perguntava se elle tinha morrido á pessoa que lhe fallava d'elle, acrescentando que o não vira ha muitos annos. Devemos crer que interpoladamente se fazia noite sem estrellas n'aquelle espirito; e que as intermitencias de sua rasão eram como o embaciado entreluzir da lua ennublada.

Como viera a viuva de João Chrysostomo assentar-se na calçada do Mirante, desamparada, esquecida, e mendiga?

E' uma historia que se refere sem divagações. Albertina esteve com a familia hespanhola, até á morte

do patrão de seu marido, em 1829. A viuva liquidou os seus haveres para retirar-se para Cuba, onde tinha duas filhas casadas. A doida era um estorvo á ida da viuva, já cançada de lhe ouvir os gritos, e desesperada da cura. Os seus amigos disseram-lhe que o mais acertado era mandal-a para o hospital de S. José, em Lisboa, onde era frequente o curativo de doidos. A viuva acceitou o alvitre dos seus amigos e desfez-se do encargo, mandando dar em Lisboa uns tantos tostões por dia ao hospital, a fim de não misturarem Albertina com as outras doidas. Viram-n'a embarcar sem lagrimas; e ella entrou alegre no navio, dizendo que vinha juntar-se ao marido, que estava a ares da patria.

Recebida no hospital em quarto particular, ahi esteve seis mezes em tratamento inutil. Depois, como os pagamentos cessassem do correspondente por parte da hespanhola, Albertina foi mandada para a enfermaria commum.

Aqui esteve nove annos. As outras doidas, quando a ouviam cantar, rodeavam-na e choravam com ella. Os facultativos de S. José, e os estudantes de de cirurgia, pasmavam da voz e arte com que ella relembrava as antigas cançonetas. Julgavam-na brasileira, e nada sabiam de sua vida.

Ao cabo de nove annos, Albertina cessou de cantar e deu vislumbres de rasão e esperanças de cura. Parecia conhecer o local em que estava, e affligia-se muito, supplicando que a deixassem ir para a sua terra. Então disse que era do Porto, e viuva: ás perguntas indagadoras da sua vida passada não respondia.

Resolveu o medico deixal-a sahir, quando a viu em riscos de tornar á demencia completa com o sup-

plicio da retenção. Suppoz-se no hospital que a mulher devia ter parentes no Porto, e deixaram-n'a sahir entregue a um estafeta por conta da Misericordia.

Chegou Albertina ao Porto, e apeou á porta da hospedaria Estanislau. O conductor deixou-a ao seu destino. A filha do doutor Negro achou apenas aberta uma porta, onde ella podia entrar sem receio de ser expulsa: era a egreja de santo Ildefonso.

Passou ali o restante do dia ajoelhada.

A' noite, como as portas do templo se fechassem, foi direita á rua de S. Miguel, e parou em frente da casa onde tinha nascido, e sentou-se com os olhos cravados na vidraça do escriptorio de seu pae.

A patrulha encontrou ali ás onze horas da noite aquella mulher. Interrogou-a; e, como ella respondesse com suffocantes soluços, conduziu-a á casa da guarda no quartel do Carmo. A senhora de um official residente no quartel, condoeu-se da mulher, que dava ares de turbação de juizo, e chorava sempre. No dia seguinte despediram-n'a como insuspeita de culpa, e com o titulo de louca, passaporte para morrer de fome, onde quizesse. Porém, a caritativa dama encarregou-se de lhe arranjar um abrigo, e perguntou-lhe se queria uma casinha, onde podesse viver. Albertina acceitou a esmola, dizendo:

— Eu sou uma pobre que pede. A alma de meu marido precisa que eu seja humilde.

Confirmou com este dizer a supposição da demencia.

Arranjaram-lhe o baixo da rua da Sovela, com um enxergão, e uma manta, sobre um pavimento de pedra.

A viuva de João Chysostomo sentou-se sobre o esmolado enxergão, e esperou o dia, entresonhando com a alma de seu marido.

No dia seguinte, foi sentar-se no cimo da calçada, que mais perto lhe ficava de casa.

E assim durante trezentos e tantos dias, até que Antonio da Silveira a encontrou.

E assim durante cinco annos, até que eu lhe entreguei a avultada esmola do meu velho amigo de Traz-os-Montes.

Quando me ella disse que não sabia de Antonio da Silveira, havia quatro annos, desconhecia eu ainda aquella especial loucura de alternativas de memoria instantanea, e longos prasos de esquecimento absoluto.

N'este tempo já ella mal podia suster-se, e levantar-se da cama para esmolar.

Do almoço e jantar que lhe enviava o camarada do coronel, repartia ella com duas pobres visinhas, que a denominavam «a santa». Das esmolas, que ajuntava, mandava dizer missas por alma de seu marido.

Tinha um cãosinho, que levantára quasi morto de um monturo. Cuidava d'elle com muito zélo; aviventava-o; e consentia que o agradecido animal lhe lambesse as lagrimas.

Antoaio da Silveira quando me mandou entregar as quatro peças a Albertina, ja sabia que o seu amigo a convencera a entrar no hospital de S. Francisco.

Deus sabe quantas privações custou ao coronel aquella generosidade, e a alimentação de cinco annos da filha do doutor Negro. Quando se viu de todo reduzido a pedir para soccorrer a mendiga,

n'aquelles annos em que os officiaes reformados rebatiam pela quarta parte os seus soldos, vendeu o piano de Albertina, e os seus livros da mocidade, os amigos de toda a vida, e remoçadores da alma quebrada e mutilada como o corpo.

CONCLUSÃO

Em 1846, um lavrador de Vairão procurou Albertina no hospital de S. Francisco, e disse-lhe:

— A senhora é a viuva de João Chrysostomo que Deus haja?

— Sou eu essa desgraçada.

— Ha poucos dias soube que a senhora ainda vivia. Venho aqui restituir o que não roubei, e cuidei que era meu. Eu estou ha quinze annos de posse dos bens que eram de meu parente João Chrysostomo. O pae d'elle morreu ha vinte annos; ficou um filho, que Deus levou quatro annos depois, e morreu solteiro. Soube-se logo que o irmão herdeiro tinha morrido no Brasil, e que a viuva tambem morrera. Eu era filho de uma irmã do tio Nicolau, pae de seu marido. Tomei posse dos bens; mas agora que soube que a senhora está viva, não quero senão o que é meu.

Albertina meditou alguns instantes, e respondeu:

— Acceito a esmola de ir viver na sua companhia, com a condição de me darem para morrer o leito em que nasceu meu marido.

— Lá está tudo como estava quando morreu seu

cunhado. A senhora vae para sua casa, e fará o que quizer.

A filha do doutor Negro saiu do hospital, e foi para Vairão.

Não consentiu que se lhe désse posse judicial. Tomou para si o quarto e leito de pau santo, que tinha sido de sua sogra. Era quasi evidente que João Chrysostomo nascera n'aquella cama.

Restaurou-se-lhe completamente a rasão nos ultimos mezes da sua vida. Antonio da Silveira mostrou-me, e deu-me traslado da ultima carta que Albertina lhe escreveu de Vairão. Aqui se dá integralmente a cópia:

«De tudo me recordo agora: um reflexo da eter-«na luz aclara a minha rasão. Vejo os seus cabellos «brancos da ultima vez que o vi; ouço os seus ge-«midos; e o coração abre-se-me a receber as lagri-«mas, que me não impressionaram então. Deus é «que viu tudo. Elle lá está para lhe dizer: — Vem «buscar o estipendio do teu trabalho, semeador das «virtudes que eu te derramei a mãos cheias no co-«ração. — Agora tudo vejo; todas as suas palavras «proferidas na sala de meu pae, e na grade do con-«vento dos Remedios, lembram-me todas. O que foi «a minha vida desde então até hoje? Que desgra-«ças, sr. Silveira! que dôres ha n'este mundo!... «Se o senhor visse como aquelle desventurado pa-«deceu!... se o visse agonisar no catre da cadeia, «e morrer na flôr dos annos, pedindo-me que tivesse «animo para beber as ultimas fezes do meu calix!... «E eu obedeci-lhe... Elle sabe que a minha vida «de vinte e dois annos foi um supplicio, com quinze «annos de demencia, em que o mundo me julgou «morta para as recordações tormentosas, quando

«eu sentia em minha alma o que não posso contar.

«Não sei quando envelheci!... Desde o dia em «que meu marido sahiu ao amanhecer para mais «não voltar ás pobres alegrias da modesta casinha «em que viviamos, nunca mais me vi n'um espelho. «Penso que os cabellos se me branquearam em dois «minutos de agonia entre a morte de João Chrysos«tomo e o perdimento de minha rasão. Tenho er«guido as mãos ao Senhor agradecendo-lhe o bem «de anniquillar em mim tudo que meu marido amá«ra, no mesmo momento em que m'o levou.

«Ignoro se a sociedade perdoou ao homicida de «um homem que nos matára a pedaços. E mais na«tural que a sociedade o esquecesse a elle e a mim. «O meu pobre João parece-me que morreu com a «candura d'alma que o fez desgraçado. O que eu «lhe juro, com os olhos no divino juizo que breve «me ha de julgar, é que meu marido estimou, até «ao extremo affecto de um irmão, e, mais que tudo, «de um desgraçado reconhecido, o sr. Antonio da «Silveira. Bem sabia elle que o amparador de meus «paes havia de dar o pão de todos os dias de cinco «annos á sua viuva. Aqui ponho as mãos reconhe«cidas diante da sua caridade, sr. Silveira. E adeus, «meu bemfeitor. Esta parece-me que é a ultima «carta, que recebe minha. Se eu o egualasse em «merecimento, dizia-lhe — *até ao ceu!*

«Da sua irmã,

Albertina.»

E foi a ultima carta.

A filha do doutor Negro morreu em janeiro de 1847 com cincoenta e oito annos de edade, e appa-

rencias de setenta. O seu morrer foi um cerrar de olhos sobre os pés de Jesus crucificado.

Diremos agora fugitivamente ácerca de alguns outros personagens d'esta historia.

Simão de Valladares, um anno depois da fuga de Albertina, casou com aquella sobrinha, que o tomou para o seio, e lhe disse com melódicas meiguices umas phrases que deram o excellente resultado de se matrimoniarem. Corridos annos, morreu Simão sem descendencia, e o vinculo coube ao irmão, e d'este á filha mais velha, que passou a segundas nupcias. Creio que ainda vivem umas macrobias Valladares, que eram formosas meninas no tempo de Albertina.

A mulher de Caetano Alves de Carvalho, quando soube da morte do marido, fez tamanha gritaria, que muita gente cuidou que ella rompesse alguma veia consideravel. Quiz embarcar para o Rio, na intenção perdoavel de levar á forca o assassino de seu esposo, ainda que houvesse de gastar com a justiça uns cento e tantos contos liquidados. Havia, porém, na casa um caixeiro discreto, que a despersuadiu de gastar vintem com a forca, visto que era do interesse da humanidade enforcar-se João Chrysostomo. Este caixeiro, atilado como se vê, deu prova ainda maior do seu juizo, casando-se depois com a viuva, e regressando com ella para Espozende, terra de ambos, onde acabaram tranquillamente os seus dias.

Thomazia, em 1835, se é verdade o que me asseveraram, veiu com seu marido para Portugal; moraram uns tres annos aqui no Porto; compraram uma quinta na provincia do Minho, sobre a margem esquerda do Lima; e, como a quinta se denomi-

nasse *Cabeçudos*, os proprietarios fizeram-se barões de Cabeçudos. Eu conheci ainda uma baronesa d'este titulo; mas não sabia que ella se havia chamado Thomazia. Consta que esta senhora acabou santamente, e deixou filhos muito ricos.

D. Benito de Rojas dava só por si que fazer a um romancista dos que teem folego para quatro volumes. O importante para este succinto romance é saber-se que elle abandonára Thomazia em S. Domingos, passou-se á America ingleza, onde se intitulou marquez de Ponte Vedra, conde Altamira, grande de Hespanha, e proximo parente da casa real. Gastou a frouxo para sustentar a posição; e pretendeu algumas das principaes herdeiras da Nova-Irlanda. Uma das pretendidas acceitou apaixonadamente o galanteio do parente de reis, e conseguiu que o progenitor cedesse á paixão, tendo de optar entre vel-a casar ou morrer. Dias antes, porém, da destinada celebração dos esposorios, D. Benito de Rojas foi encontrado em sua propria cama cortado de facadas, e degolado com tanta perfeição que parecia trabalho de amphitheatro anatomico! Quem podia contar os pormenores d'esta catastrophe era o marido de Thomazia, que chegára quinze dias antes á Nova-Irlanda, com seis negros de sua maior confiança; mas o homem não disse nada; e a opinião corrente foi que o grande de Hespanha tinha sido canibalmente assassinado por enviados de Castella, a cumprirem uma ordem da maçonaria.

Mas a cabeça de D. Benito que não estava ao pé do cadaver? A cabeça presume-se que cahira aos pés de Thomazia, e d'ahi passou para algum escoadouro da cidade em que ella vivia. A gente da Nova-Irlanda suppoz que a tal cabeça custou muitos mi-

lhares de pesos fortes ao governo hespanhol. Escreve-se assim muita historia antiga e moderna.

Muito mais pacificamente morreu aquelle Januario que citava Cicero, e ensinava originalmente as filhas desobedientes em materia de amor. Morreu como pagão, citando o orador romano. As suas ultimas palavras foram: *Moriendum est omnibus, estque finis miseriæ in morte*[1]. E calou-se para sempre este seccante latino, que até na casa de jantar mandára escrever estas duas maximas de Cicero: *Esse oportet ut vivas, vivere non ut edas.* «Come para viver, e não vivas para comer». Defronte mandou escrever est'outra: *Cibi condimentum est fames.* «A melhor mostarda é a fome».

E assim á proporção, uma sentença, allusiva a todos os actos da humanidade! Morreu um sabio, que seria um justo, se não fosse um velhaco. Deus lhe perdoe, que o leitor de certo lhe não perdôa o muito latim, que vae n'este romance á conta d'elle.

Antonio da Silveira, o justo, o honrado, o christão, chegou aos setenta annos com a alma no pleno fulgor de suas faculdades, e o corpo sadio e vigoroso, exceptuado o braço que elle pendurou entre os tropheus da liberdade em Portugal.

Morreu em 1860 na casa onde nascera, porque seu sobrinho, remordido pela consciencia da feia acção, um dia se ajoelhou aos pés do velho coronel, supplicando-lhe que entrasse no seio da sua familia. O ancião ergueu nos braços o sobrinho, e disse-lhe:

— Estás perdoado pelos affagos que me fazias em creancinha.

Na minha ultima visita ás montanhas onde fui

---

[1] Força nos é morrermos todos; e no morrer está o acabarem-se as nossas miserias. I. Tuscul.

creado, encontrei Antonio da Silveira, ensinando a traduzir Horacio a um neto de seu irmão Alexandre. Ao lado de Horacio estava tambem aberto o livro de Job. Em seguida á versão de uma ode respirando blandicias de sybarita, o velho traduzia uma lamentação do virtuoso inabalavel, enternecedora pela paciencia, e confiança na Providencia, que tudo lhe dera, e tudo lhe tirara ao opulento da terra de Hus.

Conversamos ainda com referencia a Albertina, ao doutor Negro, a João Chrysostomo. Refresquei memorias delidas pelo processo dos annos, e prometti historial-os, quando as minhas desgraças me dessem tregoas para pensar nas alheias.

Mal de mim se esperasse o desafogo das tregoas, que nunca á luz dos livros, que nascem e morrem n'um dia, havia de sahir esta coisa de nenhuma serventia entre as necessidades d'esta vida.

Quiz eu que Antonio da Silveira, com o seu estylo sentencioso, me insinuasse no espirito a idéa moral d'este romance.

A isto respondeu elle:

— O senhor tem escripto muitos romances sem moral nenhuma que eu saiba; e desculpe, se isto belisca o melindre do seu engenho. Quer-me parecer que ha por esse mundo muita desgraça, que move á commiseração, e até certo ponto desmoralisa. Ha outras desgraças que não moralisam nem enternecem. A gente não deve suppor que todos os infortunios procedem de desvios do dever. Se assim fosse, para inferirmos que um homem delinquiu, bastaria vel-o desgraçado. Ora eu conheci, no trajecto de setenta annos, muitos maus afortunados, e muitas almas nobres passadas de angustias. Se eu fizesse romances, e escrevesse as historias que sei,

teria de me abster de moralisar por conta da Providencia, que importaria o mesms pol-a em duvida. E, demais, se inferno e gloria fossem n'este mundo, a que vinha a superfluidade do outro, em que se promettem premios e castigos?! Escriptores christianissimos sei eu que se affadigam em demonstrar que os prevaricadores inevitavelmente pagam n'este mundo. Eu mesmo préguei este falso Evangelho ao doutor Negro; mas o mundo preleccionou-me sessenta annos, e modificou as minhas crenças dos vinte e dois. Pois, em verdade, lhe digo que fazem um desserviço á religião de Jesus os que pregoam que a felicidade n'este mundo é prova de sã consciencia e rectidão de vida. Não, senhor, absolutamente não é. A religião de Christo diz: «Bemaventurados são os que soffrem, porque estes serão consolados.» Os errados interpretes exclamam: «A religião, mãe de todas as virtudes, é um manancial de felicidades n'este mundo para quem a observa.» Isto, se não é contradictorio, ataca a efficacia das palavras do Divino Mestre. Em summa, se o senhor instasse muito comigo para eu lhe dar o tom da phylosophica, ou da christã moralidade do romance da filha do doutor Negro, citar-lhe-ia estas palavras d'elle:

Minha filha ha de ser muito desgraçada, ainda mesmo que o homem, que m'a roubou, venha a ser seu marido, e a felicidade mentirosa lhes dê a ephemera embriaguez do crime satisfeito. Eu morrerei, sem a ter visto no ultimo degrau da miseria; mas você viverá para lembrar-se das derradeiras palavras proferidas pelo velho, que chora em suas mãos.

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

Historia da civilisação iberica, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
Historia de Portugal, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O Brazil e as colonias portuguezas, 4.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
Portugal contemporaneo, 3.ª ed. (1895), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
Portugal nos mares, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
Camões, os Lusiadas e a renascença em Portugal (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Navegaciones y descubrimientos de los portuguezes *(ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A vida de Nun'Alvares, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
Os filhos de D. João I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O Principe perfeito, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200 rs.

II. Historia geral:

Elementos de anthropologia, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
Systema dos mythos religiosos, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
Quadro das instituições primitivas, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O regime das riquezas, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Historia da republica romana, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O hellenismo e a civilisação christã, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
Taboas de chronologia e geographia historica, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A circulação fiduciaria, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A reorganisação do Banco de Portugal, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O artigo «Banco» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. 500 rs.
Politica e economia nacional, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
Elogio historico de Anselmo J. Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869) esgotado.
O Socialismo, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
As eleições, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
Carteira de um jornalista: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
Inglaterra de hoje, cartas de um viajante, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Cartas peninsulares, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria Editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREI

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissim especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grand quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas.— Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro dispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia,
Livro utilissimo para [redacted]dustria,
e tratando dos segui[redacted] — Rochas e pedras. — Car[redacted]xtis. —
Construcções. Adorna[redacted]ativas
Preço 500 réis br., 7[redacted]



PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA-EDITORA

RUA AUGUSTA, 50, 52 E 54

SUCCURSAL

MOVIDAS A VAPOR

RUA DOS CORREEIROS

70 E 72, 1.º

LISBOA